NUNES PEREIRA

OS ÍNDIOS MAUÉS

*

981.1300498
P436i

EDIÇÃO DA "ORGANIZAÇÃO SIMÕES"
RIO 1954

OS ÍNDIOS MAUÉS

"Nós somos como um Passaro no Mundo"...

Palavras de um indio Maué, querendo dar-nos a impressão da liberdade e do abandono em que se encontram os da sua tribo.

INTRODUÇÃO

Em 1939, logo após nossa viagem aos domínios dos índios Maués, *publicamos na revista* Terra Imatura, *de Cleo Bernardo, editada na cidade de Belém, Estado do Pará, um* Ensaio de Etnologia Amazônica, *sôbre uma peça etnográfica* (porantin ou remo mágico) *que nos fôra mostrada em Terra Preta, Rio Andirá, Estado do Amazonas, pelo* Tenente *Manuel Francisco, tuxaua dessa tribo.*

Não era nossa intenção dar à estampa, como o fizemos, a soma incompleta de observações relativas aos índios Maués *e obtidas, principalmente, entre os moradores de Ponta Alegre, Vila Nova e Araticum, no rio Andirá, município de Barreirinha, e Maué-Assu, município de Maués.*

E isso porque logo nos pareceu que êsse povo merecia ser estudado não apenas isoladamente, mas nas suas relações seculares, pacíficas ou hostis, com os seus vizinhos, tais os Mundurucus, *os* Apiakás, *os* Kuruyás, *os* Kawahib-Parintintins, *os* Muras.

Demais, conquanto tenhamos viajado durante o inverno, isto é, nos meses de abril, maio e junho, pelos domínios dos Maués, *era necessário que*

o fizéssemos no verão, para têrmos a oportunidade de assistir a certas práticas, concernentes ao plantio e colheita do guaraná, *sua principal lavoura, e às cerimônias típicas da festa de iniciação dos rapazes, denominada* dança da tocandira *ou* yeaperiá, *e realizada, especialmente, em fins de outubro, isto é, já em pleno verão.*

Circunstâncias determinadas por nossas atividades e estudos, como técnico do Ministério da Agricultura, nos impediram, entretanto, de atender a êsses imperativos.

Daí o havermos acomodado na revista citada, de caráter literário e político, observações que teriam maior divulgação, de certo, através de uma revista especializada de etnologia ou de antropologia cultural.

Nove anos após a publicação daquele ensaio, no Boletim n. 143 do Handbook of South American Indians, *do* Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology, *o notável antropologista teuto-brasileiro* Curt Nimuendaju *publicou o trabalho* The Maué and Arapium, *baseando-se, preferentemente, nas nossas observações, pois só fizera uma breve visita, em 1923, aos índios* Maués *do rio Mariacauã, no município de Parintins, Estado do Amazonas.*

Também êsse pesquisador, não obstante nossa mútua contribuição para o conhecimento dos

Maués, *declarou que um estudo adequado ainda não lhes fôra dedicado.*

A presente publicação, como se verá na sua intenção e nas observações que lhe dão corpo, difere da que fizemos em 1939 e da que devemos a Curt Nimuendaju, *aproximando-se, entretanto, da encarecida pelo mesmo autor, porque a completamos com outras observações, com algumas lendas e tradições, com um vocabulário comparativo, de sumo interêsse para os estudiosos, e com um vocabulário levantado por Teofilo Tiuba, ex-funcionário do S. P. I.*

Nela inserimos, igualmente, pela primeira vez, anotações musicais de um canto de pagé e de motivos de cantos da dança da tocandira *que nenhum pesquisador coletara, tudo em Maué antigo.*

E divulgamos fotografias e desenhos, com intenção documental e elucidativa.

A nosso ver, não obstante a inevitável aculturação que o contacto dos pseudo-civilizados está impondo aos índios Maués, *outro pesquisador, ainda nos dias que correm, poderá realizar obra mais completa do que a nossa. E isso, sinceramente, o desejamos.*

Para Benjamin Bittencourt, com
relevante confiança no destino d
sua inteligência, esta homenage
do Autor
Rio 9/7/54

TERRITÓRIO

A área geográfica compreendida entre os rios Tapajós, Amazonas e Madeira, tanto do ponto de vista geológico como do ponto de vista botânico, é das mais pitorescas e opulentas da Amazônia Brasileira.

A visão perpendicular dessa área, proporcionada por um avião da linha Belém-Manaus, já nos permitiu abranger as terras acidentadas do planalto do Tapajós, com relevos de colinas, claros de campinaranas e depressões profundas de vales. E logo nos ocorreu, àquele momento, a figura geométrica de um triângulo isósceles que representasse essa área geográfica, tendo a ilha de Tupinambarana como vértice e as terras compreendidas entre os rios Marmelos, Aripuanã, Sucunduri, Abacaxis, Padauari, Anamã, Mariacauã, como base. (Nota I).

Foi, porém, uma longa viagem em canoa e, sobretudo, a pé, através de grande parte dessa área, que nos permitiu conhecê-la nos seus pormenores fisiográficos e nas suas originalidades ecológicas, avaliando-lhe as possibilidades econômicas.

Em tempos imemoriais a tribo dos *Maués* teria ali o seu meio natural, beneficiando-se com a ex-

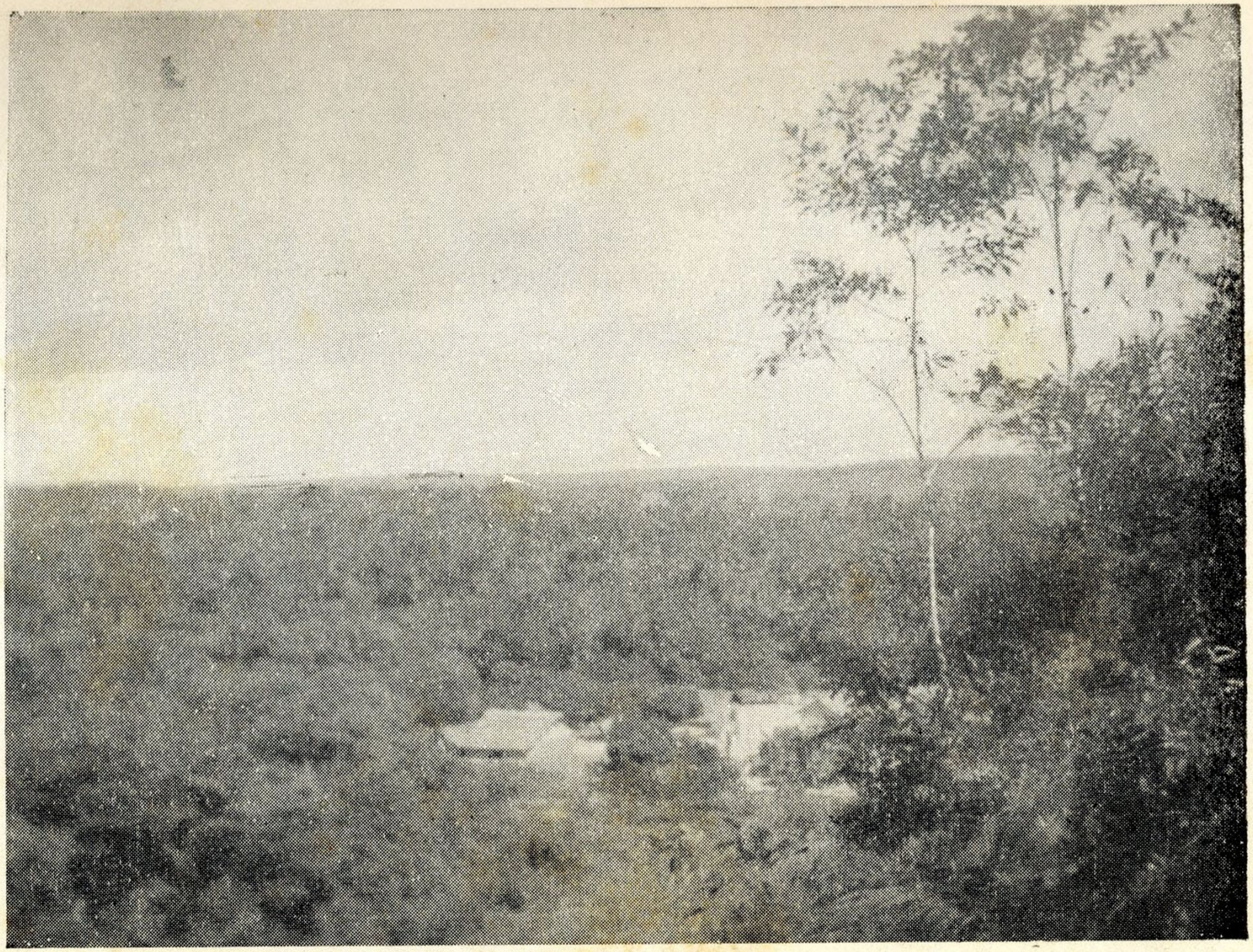
tensão das suas terras aluvionais, terciárias e quaternárias, mas preferindo as chamadas *terras pretas* como centro das suas atividades agrícolas, dentre elas sobressaindo o plantio do guaraná e a transformação das suas sementes numa bebida nacional. (Nota II).

Povo de índole sedentária, à proporção que se foi ampliando a conquista da Amazônia, também êle se foi confinando nos limites atuais do seu território, retirando-se das margens do Tapajós para as florestas das cabeceiras dos rios Mariacauã, Andirá, Araticum, Maué,-Assu, Maué-Mirim, Abacaxis, Canumã e os paranás do Ramos e do Urariá.

A ilha de Tupinambarana, também incluída na área geopolitica da Mundurucânia, domina um estranho arquipélago, mas os *Maués* que ali viveram, segundo a tradição, seriam os que acompanharam, pelo Amazonas abaixo, o tuxaua *Mari-Aipoc,* irmão de *Uaçiri-Pót,* quando entre êles apareceu a barata *Apeuató,* com a *Mãe* da *Doença* e males que se abateram sôbre a tribo.

Os lagos e rios piscosissimos que irrigam as terras em que viveram outrora os Maués e, bem assim, as florestas e campinaranas ricas em caças, de tôda espécie, deveriam constituir, numa época mais remota, uma paisagem magnífica para as atividades dêsse povo.

À representação panteísta do *Noçoquem,* — sítio onde se encontravam tôdas as plantas e ani-



Panorama da região habitada pelos indios Maués, na cabeceira do Rio Andirá, Estado do Amazonas

mais úteis aos *Maués*, segundo a *Lenda do Guaraná*, deveria corresponder, outrora, o território por êles ocupado.

Atualmente, segundo CURT NIMUENDAJU, êle seria constituído por terras firmes, limitando-se pelo baixo Tapajós, Amazônas, Paraná do Urariá e Paraná do Ramos, na lat. 5° S, e long. 58° W.

Os *Maués* que visitamos estavam localizados no rio Andirá, no lugar *S. José*, no arraial de *Sapucaia*, nos *Campos*, em *Vila Nova*, na *Terra Preta*, no *Araticum* e no *Maué-Assu*, dois dias, em canoa, acima da cidade de Maués.

Os antigos *sítios*, como o *Torrado*, na cabeceira do Andirá, onde os *Maués* haviam sido aldeados, há séculos, mostram — na extensão das suas capoeiras, nos fragmentos de vasilhas de barro, sem ornatos, nos esteios negros das casas, com o chão das mesmas sob ramos de plantas arbustivas e de gramíneas, — que mais densamente povoada já fôra essa área geográfica.

Ao longo da margem esquerda do rio Tapajós, na sua parte inferior, frente a Alter do Chão, apontaram-nos vestígios de antigos aldeamentos dos Maués.

Por aquêles aldeamentos deveriam ter passado os que o desciam ou subiam, vindo de Cuiabá, à cata de guaraná, ou indo de Santarém, pelo Tapajós acima, em busca de ouro e de índios a prear.

Entre 1762 e 1763, segundo se lê no IX vol. (1847) da R. I. H. G. do Rio, o monge beneditino Fr. João de S. José, descrevendo sua visita ao sertão, confirma, em parte, que essa tribo dos *Maués* vivia outrora na área geográfica que acima delimitamos, apoiados na história e nas narrativas de viajantes e catequistas: *"E correndo as ribeiras do Tapajós de parte do leste, fazendo da ultima cachoeira viagem de um dia, se chega ao sitio em que pela terra dentro se acha já a nação Magues..."*

Diversos fatôres — guerras, moléstias, prolongadas estiagens ou calamitosas inundações — deveriam ter concorrido para o deslocamento dos índios *Maués,* da remota área geográfica que lhes assinalamos para a área atual, onde continuam a sua organização social e econômica, graças à utilidade do principal produto de sua lavoura — o guaraná.

No entanto, não é inaceitável que o movimento nativista da Cabanagem, principalmente, houvesse empurrado para o recesso das florestas e orla das campinas, que medeiam entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira, a tribo pacífica dos *Maués,* muito embora alguns dos seus guerreiros ajudassem a legalidade a combatê-la. (Nota III).

E Curt Nimuendaju, a uma pressão dessa natureza, contrapõe a razia desencadeada pelos seringueiros, no comêço do século XX, sôbre os

Maués aldeados nos tributários do Tapajós, para se apossarem de suas terras.

Já hoje o fator que lhes reduz o meio onde os fomos encontrar (mais ou menos 2.000) é a concorrência movida pelos pseudo-civilizados, nordestinos e até estrangeiros, — italianos, portugueses e japoneses — no plantio e no comércio do guaraná.

NOME

E' na consulta dos códices, existentes nos *Arquivos das Bibliotecas Públicas* do Pará e do Amazonas, que vamos verificando logo a confusão estabelecida — desde o início da Conquista Espiritual da Amazônia, dos *descimentos* e *amarrações* — relativamente ao nome dos indígenas a que nos estamos referindo.

Essa confusão teria sido agravada, principalmente, pelos cronistas dos expedicionários, preadores de índios, desbravadores de sertões, e pelos próprios missionários. Até naturalistas, como MARTIUS, concorreram para essa confusão. (Nota IV).

Assim os vemos chamados: *Maooz, Mabué, Mangués, Manguês, Jaquezes, Maguases, Mahués, Magués, Mauris, Mawés, Maraguá, Mahué, Magueses,* sendo que Métreaux, depois de Martius, lhes dá como sinônimo *Arapium* (alegando que o Padre João Daniel assim o entendia,) o que foi contestado por SERAFIM LEITE na sua *História da Com-*

panhia de Jesus no Brasil (vol. IV) (1943. Rio pág. 303.)

Ouvimos sempre dos mais velhos representantes da tribo — e no Andirá (cabeceiras) encontramos um dêles com mais de 80 anos — ser o nome da tribo *Maué,* atribuindo-se a sua origem ao cadáver (*Icançoque*) do filho de *Onhiámuaçabê,* plantadora e conservadora do *Noçoquém,* que, em vão, os catequistas quiseram relacionar com o paraíso bíblico.

Arapium é o nome de outra tribo, cuja cerâmica, encontrada nas margens do rio Arapiuns, CURT NIMUENDAJU achou mais semelhante à dos *Tapajós* do que à dos *Maués.*

VIZINHOS

A tribo que, antes da colonização da Amazônia pelos portuguêses, vivia mais próximo da dos Maués, como inimiga implacavel, foi a dos Mundurucus, também da família lingüística dos Tupis.

Reconciliadas por ATHAYDE DE TEIVE, muito embora continuassem entre si — segundo BARBOSA RODRIGUES — "desconfiadas e maguadas", viveram largo tempo em boa vizinhança.

Assim, depois da dos *Tapajós,* seria ela, na região acima apontada, a tribo mais numerosa, ficando-lhe o domínio, na opinião de DONALD HORTON, na lat. 5° 8° S., e log. 56° 60 O., entre o rio

Tapajós, no Estado do Pará, e o Madeira, no Estado do Amazonas. W. CHANDLESS, conforme se verá da nota inserta ao fim desta obra, dá aos Mundurucus, no Maué-Assu, no Abacaxis e Canumã uma área de domínio superior à que tinham os Maués, então. (Nota V).

No entanto, quando comparamos os aspectos da cultura material e da cultura espiritual dessas tribos, não lhes encontramos freqüentes pontos de contacto senão na maneira de atender à própria subsistência, plantando, caçando e pescando; na arte plumária e na espartaria; no comportamento face à morte, mumificando, os *Mundurucus,* apenas a cabeça do seu morto querido ou do seu inimigo, denominada *pariuá-a,* a cabeça e *pariuá-renãpe,* a lança em que a carregavam, enquanto os *Maués* defumavam o cadáver do parente e utilizavam o crâneo do inimigo, como uma taça, para libações sucessivas, no decorrer das suas festas.

Aliás, êsse comportamento de ambas as tribos, diante da morte, cessou sob a influência dos colonizadores e dos missionários, nada nos sendo dado averiguar, ao menos como sobrevivência discutível, nas cerimônias atuais com que cercam os seus mortos.

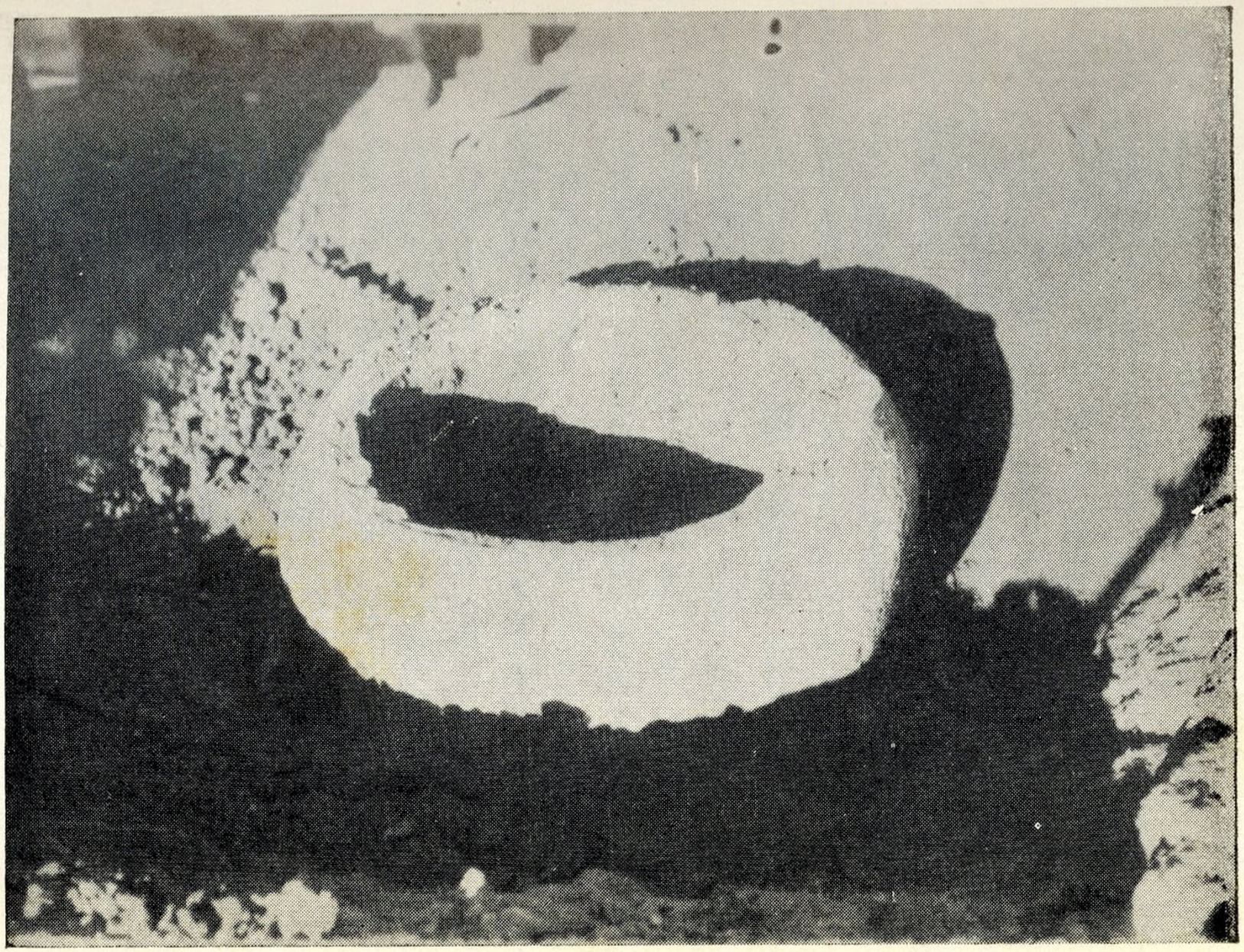
A presença de urnas funerárias, em vários pontos da área geográfica onde viveram outrora os *Maués,* — algumas ainda hoje são encontradas à frente da matriz da cidade de Maués — insinua,

desde logo, a dúvida de que essa tribo conservasse os seus mortos, *mumificados,* em *casas especiais,* em *companhia* de *idolos de pedra,* pois os descendentes atuais dêsses indios as apontam como sendo dos seus antepassados.

Quando os jesuítas chegaram, em 1659, à confluência do rio Tapajós, ainda ali dominava a tribo que lhe deu o nome e não a dos *Mundurucus,* e, muito menos, a dos *Maués.*

Não seria de estranhar que estendessem os jesuitas a todos os povos, vizinhos dos *Tapajós,* que mal conheciam, numa generalização natural, os usos e os costumes peculiares ao famoso povo, criador da cerâmica admirável cujas peças e fragmentos aí estão nos museus, sem que nem sempre os arqueólogos lhes possam apontar a verdadeira utilidade, o papel que representariam em cerimônias preferentemente de caráter religioso. E isso ficou recentemente confirmado pela opinião de FREDERICO BARATA quando nega que os Tapajós enterravam seus mortos em urnas funerárias. Então, no que concerne à indole guerreira dos *Mundurucus* e á indole desassombrada, mas não guerreira, dos *Maués,* fácil é apontar as profundas diferenças que as singularizam. (Nota VI).

Estudando, no seu *Dicionário,* os aspectos demográficos e culturais da *Mundurucânia,* por êle situada na lat. de 2°30'S., e long. 21°35'0. de Olinda, já LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO E AMAZONAS



Urna funerária dos Maués

se referia aos *Mundurucus* dêste modo: "He nação numerosa e guerreira. Usa pintar o rosto e mais partes do corpo com que designão seus feitos e importancia. Recomenda-se por sua vigilancia, que os garante da surpresa do inimigo, pois ainda em tempo de paz não se dispensão de pernoitar aquartelados e vigilantes, para o que toda a maloca tem huma extensa casa, fundada com relação à proteção, que lhe incumbe á restante maloca. São os mais habeis em fazer sorpreza, unico meio porque se batem, ou antes, que os dispensa de mais baterem-se. Nos ataques são barbaros: não dão quartel aos vencidos, cujas cabeças cortão para trophéos, e cujo maior numero os habilita para eleição de chefes; do que lhes provêm o appellido de *Pai-quicé*. Vivem de caça e de pesca, e plantão mui reduzidamente mandioca e batatas. São de estatura alta, e posto que não mui joviais, todavia doceis e sinceros. Hão exterminado a bella nação Parintin, e ora se occupão com os Apiacás, acima do Salto Augusto no Tapajoz. A perseguição que principiarão entre os Mura, determinou-os, em grande parte, á inesperada submissão em 1785. Delles proveio a população de Tupinambarana, Luséa, Maçari e Canoma."

O explorador e geografo inglês W. CHANDLESS, em *Notes On The Rivers Maué-Assu, Abacaxis And Canuma,* tem a respeito dêsses índios um conceito altamente elogioso. Escrevia êle: "I need say

little about them. Those on the Maué-Assu, below the rapids, are civilised, and live in families not as in the tribe-life; and few under middle age are tattoed, excepting at Campineiros, the settlement next below the rapids, the people of which (three or four families) are from the plains above, as the name implies. Among them I found the pair whose photographs I had taken at Manaos. They welcomed me with apparent pleasure, and gave me a supper of cutia (agouti), which also was welcome, as I had been living for a week on salt fish. My hostess, the same of whom Mrs. Agassiz write, "her expression is sweet and gentle", stood by laughing and talking pleasantly, and doing the honours of her house with much grace."

E em *Notes On The Rivers Arinos, Juruena, and Tapajós,* o mesmo autor escreveu: "At the foot of the Chacorão, on the left bank, is a village of Mundurucús, whose country extends from the São Manoel to near the Amazon on the east of the Tapajós, though most of their villages along the rivers are on the left bank. They are the most powerful and warlike tribe of all these sertões, and at the same times the most honest and faithful, and very friendly towards white people. They estend a sort of protection over weak tribes of Indios mansos; none, however, dare to invade their country. On their expedition they carry off the children of their enemies, whom they bring

up and marry with their own people, thus materially increasing their own tribe: those who resist or try to escape, they kill. In one of their house I saw the head of a boy, of about 12 years old, who had been killed short time previously; for it is the custom to carry off the heads and dress them up with paint and feathers. The Mundurucús are said to indulge in cannibalism occasionaly; this I have been assured by several persons well acquainted with the villages in the interior. The men wear their hair short, and all the fore-part of the head nearly bare; the face blackened all over, and the whole body tattoed in a check-pattern of black stripes. The women are better looking than the Apiacas women — not great praise. Neither sex wear clothing of any kind. The people have trade in salsa and sell provissions to the parties of India-rubber makers. They fish chiefly with bow and arrow, and set little store."

Outro tanto podemos dizer, no que concerne à maneira por que os *Mundurucus* e os *Maués* cercavam de cerimônias e de ritos a manifestação biológica da puberdade, entre os seus filhos e filhas.

Davam os *Mundurucus* e os *Maués* à puberdade da mulher e do varão importância marcadamente contrastante: os primeiros, segundo Donald Horton, mesmo quando jovem, uniam a

moça, de preferência, a um guerreiro maduro (*mature warrior*) e a segregavam numa casa especial quando se apresentava a primeira menstruação. O guerreiro era obrigado a trabalhar para a família da jovem até que ela atingisse a puberdade.

Quanto aos segundos, na opinião de Barbosa Rodrigues, cercavam o rapaz de ritos e cerimônias festivas, submetendo-o à prova das formigas tocandira, na dansa que lhe tinha o nome e era também chamada *veaperiá*.

Entre os *Mundurucus* os ritos da puberdade se estendiam da moça a um guerreiro já maduro; entre os *Maués*, ritos não menos importantes e estranhos se estendiam de um jovem, entrado em puberdade, a uma mulher já púbere.

As pessoas da tribo *Maué*, que ouvimos a respeito, em nossa viagem ao Andirá, ao Sapucaia, ao Araticum e ao Maué-Assú, afirmaram sempre que isso podia acontecer, mas não era uma decorrência inevitável da prova a que o jovem, entrando em puberdade, se submetia.

E essa foi, em parte, a opinião de Barbosa Rodrigues, quando descreveu a *Emancipação dos Maués*.

Mantendo um largo comércio de guaraná, de objetos e ornatos de plumas, os *Maués* deveriam bater-se, freqüentemente, com alguns dos seus vi-

zinhos, como os *Mundurucus* e os Kawahib-Parintintins, agressivos sempre e sempre afeitos a emprêsas que colimavam preferentemente o saque, necessitando, por isso, robustecer-se em provas, tais as do *Veaperiá;* mas não os empelia a elas uma índole guerreira característica.

Entre os *Kawahib-Parintintins* e os *Maués* — conquanto se integrassem na mesma família lingüística tupi como os *Mundurucus* e os *Apiacás* — raros pontos de contacto podiam ser apontados.

Os *Kawahib-Parintintins* como "cabas assanhadas", eram nômades e guerrilheiros incansáveis; os *Maués* eram sedentários, de ânimo pacífico, embora fôssem mais valentes do que traidores. Aquêles, durante séculos, levaram o incêndio, o saque, a morte, das margens do Tapajós aos confins do Machado, às barrancas do Madeira.

A índole guerreira dos *Kawahib-Parintintins* os aproximava mais do *Mundurucus* do que dos *Maués,* sendo que davam à manifestação da puberdade na mulher mais importância do que no varão, o que era um aspecto da cultura dos *Mundurucus.*

Tinham em grande honra exibir o crânio dos seus inimigos, mortos em qualquer circunstância, mumificados e ornados de penas e plúmulas na *dansa da vitória.*

Outras diferenças marcantes entre êsses vizinhos tupis provinha da riqueza de imaginação dos *Kawahib-Parintintins,* com ciclos de histórias de heróis de cultura, do vulto de *Bahira, de Anhanga-Pian* e de *Tandav-ohú,* enquanto o mesmo não se verifica entre os *Maués,* povo sedentário, defensor de uma cultura pré-colombiana — a do guaraná.

Dir-se-ia, comparando-lhes o lendário e a tradição, que os *Kawahib-Parintintins* rivalizavam, no campo da imaginação, mais com os *Mundurucus,* povo eminentemente guerreiro, do que com os *Maués,* povo essencialmente pacífico, não obstante corajoso e vingativo, — tão vinculado à terra pela agricultura que, ainda hoje, é ela, sem dúvida, quem o faz permanecer na paisagem tropical, onde teve sua origem mítica, na teimosa atitude de *Uaçiri-Pot* — o grande legislador da tribo.

Os *Kawahib-Parintintins* e os *Maués* tinham, entretanto, caracteres somatológicos bastante aproximados, divergindo os tipos dessas tribos, como vimos, no conceito de LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO E AMZONAS, dos tipos dos *Mundurucus,* com um físico que ganhou têmpera nas suas façanhas guerreiras: altos, hábeis, robustos.

Outro povo, a cuja vizinhança nenhuma influência ficaram os *Maués* a dever, foi a feroz nação *Mura,* de cujos indivíduos BATES disse

que eram tão preguiçosos que dormiam apoiados numa corda.

A área geográfica comum aos *Tapajós,* aos *Mundurucus,* aos *Maués,* aos *Apiacás,* aos *Parintintins* era também comum aos *Muras.*

O proprio LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO E AMAZONAS, descrevendo-os, aponta-a como dominando os afluentes do rio Amazonas, "desde a Serra de Parintins até as ilhas Omaguas."

E dos indivíduos da nação *mura* diz: "Pretendem-se oriundos do Perú, donde emigraram, resentidos da legislação dos Incas. São vagabundos, morão nas canôas, aportão às margens dos igarapés, lagos, etc., para a pesca e a colheita de fructos espontâneos, as quaes ultimadas, mudão-se para onde melhor e mais abundante se lhes proporcione. A estes recursos ajuntão o do roubo, tanto nas embarcações, como nas plantações, sempre que o podem fazer impunemente.

Assim he que se lhes não deve encontrar senão em estado de impôr respeito, caso em que se tornão com effeito bastante doceis. São de estatura regular, grande porte, bem barbados; e as mulheres vistosas e agradaveis, amigas de bem vestir-se; e quando acostumadas á companhia dos brancos, se constrangem de chamar-se-lhes Mura.

Alem de sua *giria*, assaz nazal, têm os *Muras* outro modo de exprimir-se mui particular, inteiramente guttural, de que se servem quando diante de alguem querem fallar reservadamente; e exprimem-se ainda por huma gaita, pela qual transmittem communicações a grandes distâncias.

Forão por muito tempo infensos, e por isso assaz prejudiciais aos estabelecimentos portugueses no Amazonas, Solimões.

Submetterão-se, em 1785, em Maripi, tratando paz com o seu Director Mathias José Fernandes, o que lhes não impede de assaltar huma embarcação ou roças desapercebidos. Não plantão, mas ninguem é tão hábil para colher.

Não obstante seu caracter perfido, talvez estivessem hoje bem moralizados se não fôra o total abandono do país, que se seguiu à inapriciavel circunstancia daquella submissão; do que resultou terem tido sempre que tratar com quem lhes disputa a palma em dolo e perfidia. Todavia prestão-se á extracção de drogas, pesca de pirarucú, peixe-boi e tartaruga, e á guarnição das embarcações. Os lagos Autazes parecem ser a sua residencia. São vistos com mais frequencia no Madeira e Jopurá; mas o seu tuxaua reside em S. Jose do Matari." (Nota VII).

Com essa longa citação pretendemos não só mostrar as largas divergências de conduta dos

Muras e dos *Maués*, mas também diluir as côres, tão exageradas, que o historiador citado, lhes pôz nas figuras.

No Madeira, no Rio Negro, no Purus, no Urubu e nos Autazes utilizamos indios Muras como nossos remadores. E nunca nos deram motivo para lhes atribuirmos conduta péssima ou duvidosa sequer.

Aldeados no lago Aiapuá, em grandes malocas, pelo velho LOURENÇO MELO, ou reunidos em volta do Pôsto Indígena do S. P. I., nos Autazes, errantes sôbre um velho *casco* de itaúba, nas vastas ressacas do rio Urubu, os *Muras* nem sempre foram vistos, no seu físico e na sua índole, como o mereciam.

A imputação de preguiçosos é uma delas e a de traiçoeiros é outra.

E não será difícil defendê-los dessas imputações.

Porque, por exemplo, como pescador, ninguem possui a resistência que o índio mura oferece, nas intermináveis horas de espreita ao peixe-boi arisco ou à tartaruga esquiva, ao sol e à chuva, sem nenhum alimento no estômago.

Porque, também, como remador, ninguém o supera, a não ser outro índio de igual têmpera, costeando os estirões do rio Madeira, vencendo os sacados do rio Purus, na sucessão enervante da sua paisagem.

Nessas façanhas êle não terá nunca o *Maués* como competidor, pois deveria ter descido do altiplano andino já senhor dessas qualidades e dessas virtudes primitivas, tão necessárias ao domínio dos sêres e das coisas do meio amazônico: a resignação e a audácia.

Mas, *Maués* e *Muras* se encontram no apêgo a um vício comum: o uso do paricá *Mimosa acacioides*, cultivando-o — o primeiro — isoladamente e o segundo logo o associando ao *ipadu*, — o que reforça a suposição de descender êle dos *Incas*, que Lourenço da Silva Araújo e Amazonas levantou.

Antonio Serrano, estudando os recipientes para o paricá e sua dispersão na América do Sul, situou perfeitamente a posição dos *Maués* frente à chamada *cultura lítica* brasileira, entre "cujos elementos mais caracteristicos estão êsses litos zoomorficos com recipientes para depósitos de pós entorpocentes".

E disso nos capacitaremos quando, páginas adiante, neste trabalho, se tratar das bebidas e dos antorpecentes entre os representantes dessa tribo que visitamos.

Com relação aos *Muras*, no estudo *O Mura e o uso do Paricá e da Coca*, que estampamos no *Diario de Notícias* do Rio de Janeiro, contamos como foi possível surprendê-los, na região dos Autazes, há anos, mantendo plantações regulares de *ipadu* ou *Erytroxilon* coca, de permeio com pés

de mandioca, tal qual nós o veriamos, recentemente, no Alto Rio Negro, entre os índios Tucanos, nos limites do Brasil com a Colômbia.

No contacto com vizinhos, de aspectos culturais tão diversos e tão afins, algumas vêzes missionados — como se verá, ao tratarmos de sua história —, sofrendo o impacto dos métodos de colonização do desbravador da Amazônia, é admirável que os Maués tenham conservado, na sua integral pureza, muitos dos seus usos e costumes, os traços mais vigorosos da sua individualidade, a todo o momento à nossa vista, se lhes estudamos a sociologia, a economia ou a religião.

E isso se torna mais admirável quando, voltando-nos, através dos códices e das crônicas que os povoadores e os catequistas da Amazônia nos deixaram, vemos a área geográfica outrora dominada pelos *Tapajós,* pelos *Mundurucus,* pelos *Maués,* pelos *Kawahib-Parintintins* e pelos *Muras,* como uma encruzilhada etnográfica onde se defrontam os povos mais diversos.

Quando, em 1626, PEDRO TEIXEIRA fêz a reconhecimento do rio Tapajós, além dêsses povos indígenas, podia-se apontar — confirma-a SERAFIM LEITE — só numa aldeia, a de *Todos os Santos,* "quatro nações principais das línguas "*Aretuses, Arapiunses* e *Tapiruenses* ou *Serranos.*"

Mais de 35.000 índios constituíam a população daquelas praias, barrancos e várzeas banhadas pelo rio Tapajós e pelo Amazonas.

Na relação das aldeias, que devemos a SERAFIM LEITE, se tem um documento do que aqui referimos, para mostrar a posição de especial relêvo que entre aquelas tribos tiveram os indios *Maués*, nas suas relações pacíficas e nos seus encontros sangrentos.

Viviam, também, às margens do rio Andirá — sem que se lhe possa atribuir o nome ao dêsses índios — os *Andirazes*, a respeito de cujos costumes vários cronistas, do período da Conquista da Amazônia, se referem, ora como se o seu tronco comum fôsse o da tribu Maué, ora como se a esta só estivessem unidos por pertencerem também à familia lingüistica tupi.

Acerca dêsses *Andirazes*, vizinhos, como os *Muras*, os *Mundurucus*, os *Apiacás*, dos *Maués*, escreveu um dêsses cronistas:

"Têm os Andirazes em seus matos uma fructinha que chamam guaraná, a qual seccam e depois pisam, fazendo dellas umas bolas, que estimam como os brancos o seu ouro, e desfeitas com uma pedrinha, com que as vão roçando e em uma cuia de agua bebida, dá tão grandes forças, que indo os indios á caça, um dia até outro, não têm fome, além do que faz urinar, tira febre e

dôres de cabeça e caimbras. Do prestimo que tem para provocar urina me consta; do mais não sei de certo senão pelo que commumente ouço dizer." Essa descrição do cronista colonial nos leva a ver nesses Andirazes os mesmos Maués ou uma das suas hordas, entregando-se, preferentemente, à lavoura do guaraná.

O emprego de uma pedra, de grão fino, como ainda hoje costumam fazer os Maués, no rio Andirá, para, por atrito, obter um fino pó de guaraná, é pratica descrita acertadamente.

O índio maué não utiliza, como o civilizado, a língua do peixe pirarucu para obter igual efeito. (Nota VIII).

HISTÓRIA

Curt Nimuendaju, que se ocupou mais minuciosamente com a história dos índios *Maués*, acha que no ano de 1669 os jesuítas se localizaram entre êles, ao tempo da fundação da Missão de *Tupinambarana*.

No entanto, lendo-se Serafim Leite, que consultou outras fontes inacessiveis a Curt Nimuendaju, temos de admitir que aqueles missionários, assim que se intrometeram nas aldeias dos *Tapajós*, também cuidaram de estender-se às dos *Maués*, através de cujas relações mais prudente lhes seria chegar às dos *Mundurucus* e às dos Parintintins, tristemente famosos antes mesmo de iniciar-se a Conquista Espiritual da Amazônia.

Quem percorre as aldeias e as localizações atuais dêsses índios, no Andirá ou no Maué-Assú, sente que o seu contacto com os portuguêses se fêz em data mais remota que a apontada pelo etnólogo Curt Nimuendaju, porque a tradição, entre êles, é de que êsse contacto se verificou, muito além das margens do *Tapajós*, mercê das atividades dos jesuítas, e, principalmente, através dos viajantes descidos do Alto Madeira

e do Alto Arinos, para lhes comprar guaraná em troca de ouro e de gêneros estranhos à sua cultura.

O fato do P. SAMUEL FRITZ já os localizar, em 1691, no seu célebre mapa, robustece êste conceito, em parte.

Os episódios que mais ressaltam da história dessa tribo — dentro do quadro que lhe levantou CURT NIMUENDAJU — são os que definem a sua reação contra o elemento luso, sôbre cujos métodos de dominação, de escravização e de comércio deviam ter formado, desde logo, um conceito depreciativo.

As expedições punitivas que os lusos organizaram contra êsses lavradores pacíficos mas altivos, laboriosos mas destemidos, teriam sido impostas por sua insubordinação contra as autoridades civis lusas, contra os traficantes cúpidos, na busca das drogas, das especiarias dos sertões amazônicos, dentre as quais o guaraná seria a mais cobiçada.

Os dados históricos que mostram os *Maués* e os *Andirás,* submetidos e humildes, nas missões fundadas no rio Andirá ou no Maué-Assú, em 1698, também não podem ser interpretados como absolutamente correspondentes à verdadeira atitude psicológica dêsses índios, visto que, muitos anos depois do desaparecimento, o fato de con-

servarem capelas e santos à maneira católica não exprime mais do que uma acomodação inteligente para subsistir, à sombra dos padres e da Igreja Católica, aos efeitos da *justa guerra* que o govêrno lhes impusera por massacres cometidos nas comunidades brancas.

Que êles, ou *Maués*, jamais se afeiçoaram aos portuguêses di-lo bem essa singular forma de reação que se impuseram: — proibir ás suas mulheres que lhes aprendessem a língua.

O que ainda hoje se verifica, quase dois seculos após a Carta Instrutiva que aos Diretores das Capitanias do Pará e Rio Negro, a 3 de Outubro, no ano de 1769, mandou o Governador FERNANDO DA COSTA DE ATAIDE TEIVE, nestes têrmos: "*Ao cabo da canôa dará V. Mcê ordens em meu nome no acto da partida pa. o Sertão, de não entrar em rio aonde conste qe. se poderá encontrar com Indios da Nação Manguês, porq. tendo mostrado a experiencia que esses miseraveis homens resistem as praticas que se lhe fizer, para cairem das trevas do paganismo, pela introdução das ferramentas, e outros generos que vão comerciar com elles; he necessario reduzi-los a necessidade, para delles tiremos os fructos de os descer, quando se virem preconizados, o q. ha de certamente vir a succeder, vendose destituidos do socorro que lhe aqui inconsideradamente lhes tem levado...*"

Entre os demais episódios da história da tribo *Maué,* coligidos tão minuciosamente, como o dissemos acima, pelo etnólogo CURT NIMUENDAJU, dois merecem relêvo especial: o que, inexplicávelmente, os põe contra a *Cabanagem* (1835) na luta nativista que ela representava; e o que, depois das expedições fomentadas por seringueiros de Itaituba, no comêço do século XX, se expressa na colaboração irrestrita às fôrças do Estado do Amazonas — (em 1916) — no conflito armado com as do Estado do Pará, oriunda da velha questão de limites entre essas unidades da Federação.

Os dados históricos, aqui salientados, são, por sem dúvida, de grande significação para julgamento dos *Maués,* mas é pena que nada se encontre entre os códices do Período Colonial capaz de nos orientar na busca da imemorial data em que, vindos do fundo das selvas do Orenoco ou das selvas do Madeira, os *Maués,* plantaram, em plena Mundurucânia, o arbusto, sarmentoso e torturado, mas latente de vida e de alegria, que é, para êles, o guaraná.

Aspectos gerais da cultura dos índios Maués

Habitação

O primitivo tipo de habitação dos índios *maués* sofreu largas modificações sob a influência dos colonizadores e dos civilizados (*sic*) que lhes são vizinhos ou que freqüentaram nas cidades e vilas da Mundurucânia. Nessa habitação, entretanto, permanecem traços de extraordinária resistência às inovações: a cobertura é feita de palha da palmeira caraná, e o tecido, gracioso e simples, supera o que conhecemos noutras habitações indígenas. E os compartimentos, alguns bem amplos e arejados, têm uma importância social caracterìsticamente *maués*.

A habitação, a casa, denomina-se em maués — *nêtáp*.

Nessa habitação os esteios se chamam *iangupê coró;* o travessão — *pá-op;* a cumieira — *handicán;* parede de palha — *onhapé;* a porta — *uquen-hêp;* o chão, piso — *êi-ei;* a gareira — *paátú;* o ralo — *uecé;* o lugar onde se come — *miun-háp*.

O quarto, onde mora o dono da casa, se diz, em *maué*: — *Netáp caiuát két hap*. E (nesse quarto mora o dono da casa com a sua família), do mesmo modo. O quarto onde dormem os rapazes, filhos, sobrinhos, se chama: — *cupiarapé*.

O quarto, onde mora um filho ou uma filha casada, um compadre, se chama: — *nétap.*

Naquele quarto dorme o compadre com a sua família, diz-se em *maué*: — *"Num é úatucá pê pe Compadre toquét te hirocaria uêué"*.

A cozinha onde há forno, chama-se *mêp iát;* aquela onde não há forno — *miunmúnháp.*

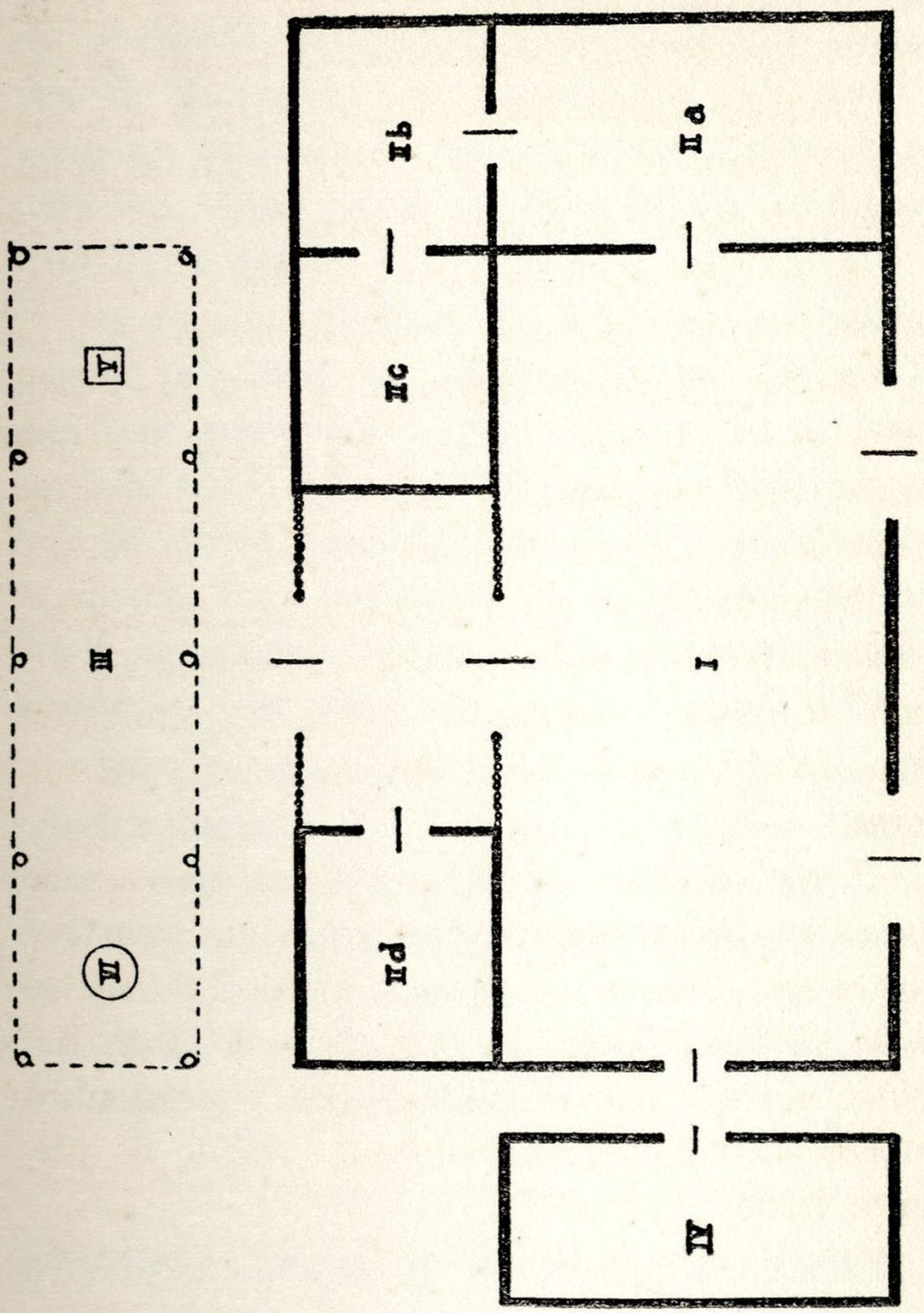
A casa da dança chama-se — *airú-iat;* a sala chama-se — *uquepê;* janela, que é uma das inovações, não tem nome em maué. Girau chama-se — *paracai* e o mesmo vocábulo designa *"moquém"*.

Nalguns aldeamentos vimos uma casa singular: a das mulheres menstruadas, que se chama — *Mêhuát Hariagat.* Nalgumas aldeias as mulheres, nesse estado, ficam recolhidas ao quarto das solteiras.

Nessa situação, porém — à parte a crença de que as mulheres menstruadas "estragam tudo" — não chegam elas à condição a que estão sujeitas as da Colúmbia Britânica que, segundo Ruth Benedict, sofrem uma reclusão de 3 a 4 anos ou" o entêrro em vida", principalmente quando do primeiro fluxo. (Nota X).

Meios de locomoção

Servem-se de canoas, nas suas viagens pelo Andirá e afluentes. Canoa, em lingua *maué*, é



(Planta baixa de uma casa Maué, no lugar São Francisco, Rio Andirá, Amazonas.)

I) *uquepê*=sala — II) *nétap*=quarto (a, b, c, d) — III) *mêp-iat*=casa onde há forno — IV) *miun-mun-hap*=casa onde se come — V) *uêcê*=ralo — VI) *mêp*=forno.

— *iará;* remo é — *apokuitá.* As suas embarcações são adquiridas em Parintins ou em Maués; outras vêm de Santarém, como encomenda. No entanto há quem as fabrique com as excelentes madeiras para construção naval que existem nas matas do Alto Rio Andirá.

O tuxaua Honório, do Livramento, quando por lá passamos, nos emprestou uma canoa das que tem construído. No seu sitio havia uma barraca velha onde improvisara um estaleiro. O tipo de remos usados pelos *Maués* é inteiramente diverso do *porantin* ou *remo mágico*: assemelha-se ao comumente empregado, pelos civilizados e caboclos, em tôda a Amazônia. (Nota IX).

São grandes andarilhos, vencendo, com incrível resistência e velocidade, as maiores distâncias. Iam do Alto Andirá, do aldeamento do Araticum, às margens do Tapajós, em seis dias. Do centro para a margem do Ramos, por cima das terras altas do Andirá, fazem travessias assombrosas em poucos dias.

Lavoura: roças e plantio do guaraná

Fazem grandes roçados, nêles plantando mandioca para farinha e preparo do tarubá. Plantam milho e arroz, cará, batata doce, feijão, favas, fumo e algodão.

No plantio do cará e de outros vegetais, que se caraterizam pela produção de tuberculos e rizomas comestíveis, realizam uma prática de magia.

Com um crânio bem limpo de cabeçudo, enterrada a batata, arrastam para a cova a terra que a entulhará. Acreditam que, por êsse processo, as batatas e os rizomas se distinguirão dos demais pelo desenvolvimento que atingirem. O plantio do guaraná obedece às mesmas exigências de escolha das sementes, do preparo do terreno, dos cuidados com os rebentos, abrigando-os da luz solar e defendendo-os das pragas. Distinguem-se dos civilizados, nesse plantio, porque selecionam as sementes e as plantam poucos dias após a colheita, com o arilo ainda não entrado em fermentação. Por ocasião do plantio de novas áreas de guaraná, mandam chamar pagés, que fazem cerimônias para beneficiar as futuras colheitas. E comemoram o fato com danças, ao som de violas, de gambás, de caixas, de recorecos. E bebem um tarubá forte.

Na vizinhança da casa plantam inúmeros pés de café, cujas sementes torram, fazendo a efuzão, como os civilizados.

Árvores frutíferas, laranjeiras, abiuzeiros, mangueiras, mamoeiros, coqueiros lhes cercam a habitação.

E, em giraus, têm pimenteiras, cebolinha, cuentro, jambu e uma ou outra erva medicinal, como capim-santo e arruda.

Caça e pesca

São bons caçadores, servindo-se, geralmente, de arco e flechas, raras vezes envenenadas. Caçam também com espingardas de carregar pela bôca, Winchester e rifles que adquirem por custo exorbitante, verdadeiramente proibitivo, aos comerciantes de Maués e a regatões sírios e brasileiros que os exploram.

Na caça, abatida uma ave, tiram-lhe as penas e plúmulas do peito de roda ao pescoço, fazem um fogo e as queimam, defumando com elas as armas. Banham estas, e os cães, também, com água de uma planta do igapó, denominada jasmim de lontra. Para tornar feliz nossa arma de caça, um caçador nos aconselhou a deixarmos uma cobra cipó apodrecer dentro do cano.

Mulheres grávidas e menstruadas não podem pegar na caça e nas armas. (Nota XI).

Pescam a flecha e a anzol, com jiquis, tapagens e a timbó; fazem paris à saida dos igarapés; empregam, no verão, tarrafas, que tecem. No inverno o Andirá e seus afluentes são pobres de peixes.

Os índios Maués fabricavam seus arcos e suas flechas, não só para a guerra como para a caça e a pesca.

Tinham uma flecha para a pesca denominada *húandê* e outra para o mesmo fim, chamada *húám.*

A flecha para caça graúda era denominada *nô-i;* a flecha para passaros, *tupé-ain.*

Chamavam *hauéri* a uma flechinha, na qual punham enfeites, propria para crianças, que desde cedo se iam adestrando no uso do arco e da flecha. Ao arco para adulto chamavam *muriuát;* ao arco, para criança, *muriuát-hin.* (Nota XI).

Os desenhos da página mostram minúcias dos tres tipos de flechas. Barbosa Rodrigues, no *Catálogo* dos objectos que figuraram na Exposição Anthropológica do Rio de Janeiro (1882), enumera e descreve alguns arcos e flechas dêste modo:

I — Arco (Puriuate), feito de muirapiranga (*caesalpina*) alisado com dentes de Taititú e envernizado com oleo de castanha *Bertholetia excelsa* H. B. K.

II — Flecha (Muruco), Huybaucú em tupy, de pesca e também de caça.

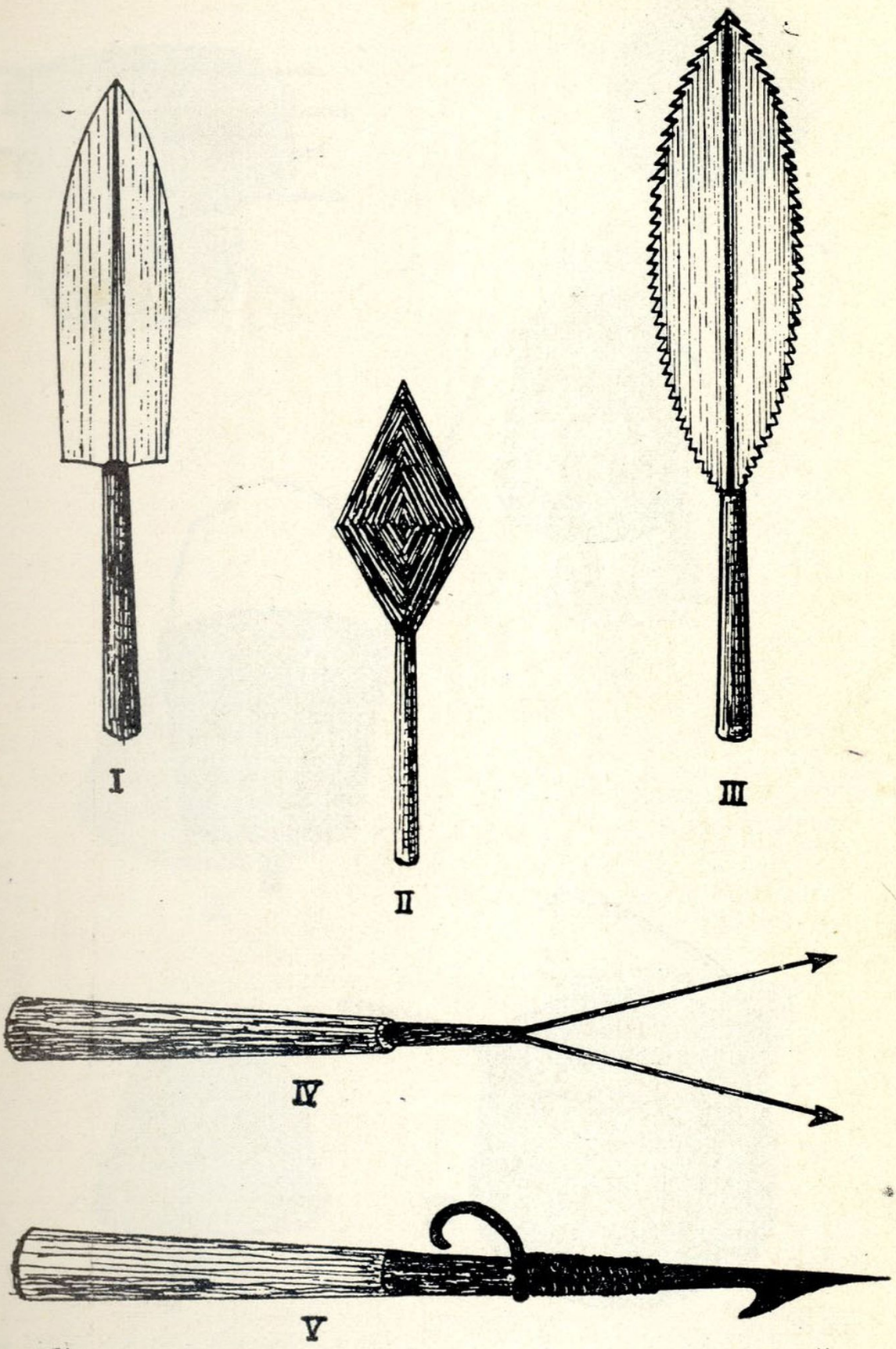
III — (Quempé) para pesca do aruaná.

IV — (Huybpepena) para pesca do tambaquy

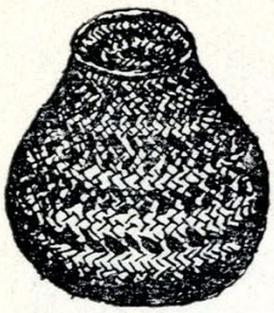
V — (Tupeua) para caça de passaros

VI — (Veriá) para espantar caça.

VII — (Nei) flecha de guerra.

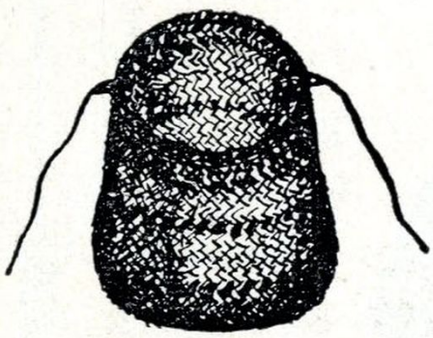


I) *nô-i*=flecha de taboca, para caça — II) *taquara*=flecha de guerra, de bico de ferro — III) *tupé-ain*=de taboca para aves, passaros — IV) *húám*=zagaia, para fisgar peixe ou caça — V) *huandê*=flecha para peixe, com bico de arame.

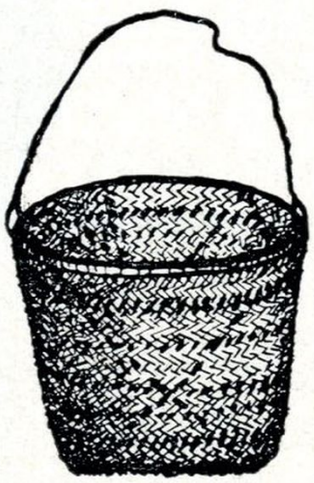


I

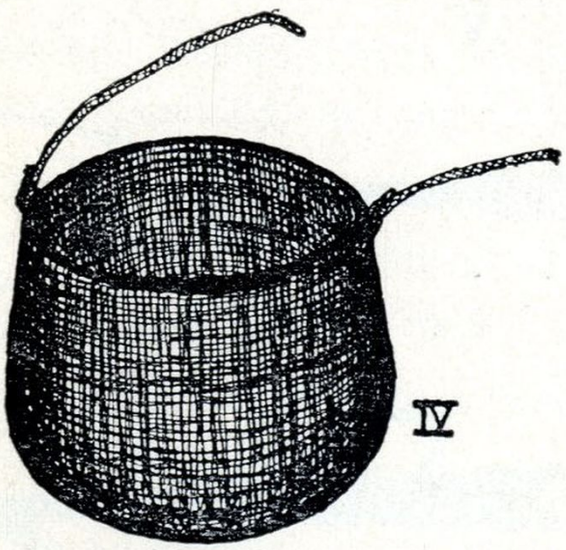
V



II

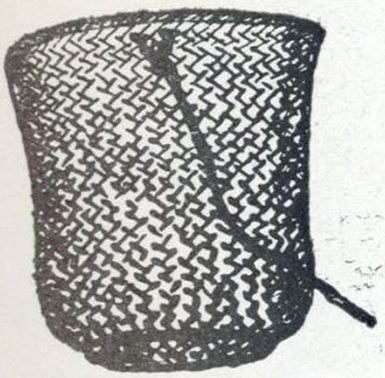


III

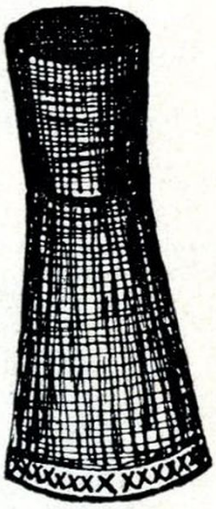


IV

I) *mocócéga*=cesto para guardar passaros, feito de cipó titica — II) *çuki*=cesto para pegar peixe, feito de cipó titica — III) *uruçá-ká-in*=cesto para guardar objetos de uso — IV) *çuki*=cesto grande, para transportar caça e pegar peixe, feito de cipó titica, com 1/2 polegada de malha — V) *pakará*=cesto de folha de tucumã, para guardar objetos de uso, principalmente femininos, colares, brincos, pulseiras, etc.

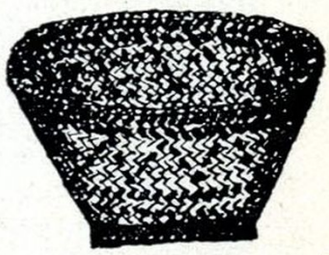


I



IV

II

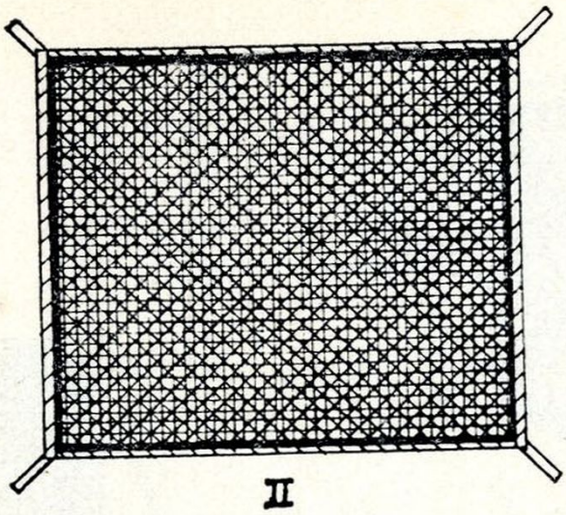


V

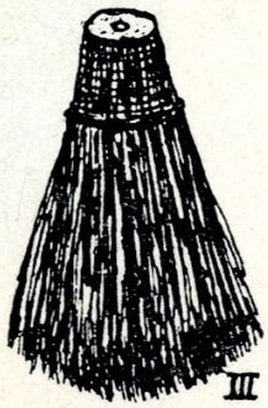
III

I) *erêçakan*=cesto para pegar peixinhos, feito de cipó ambé, com tres palmos de fundo — II) *urú*=cesto para guardar fumo, isqueiro, objetos de uso, feito de arumã — III) *membé*=abano, feito de guia de palha de tucumã — IV) *êharin*=cesto ou aturázinho, para carregar farinha — V) *maiá*=balaio para objetos de uso, feito de palha de arumã.

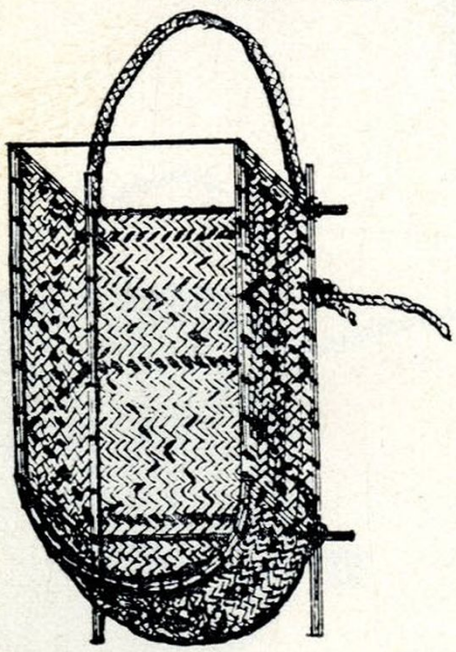
I



II



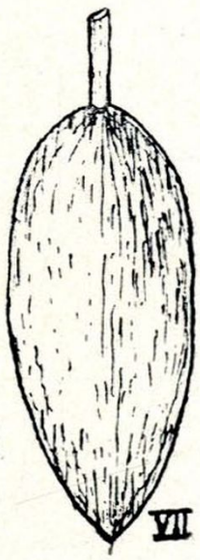
III



IV

V

VI



VII

I) *mohoró*=tipiti=cilindro feito de tala de palmeira jacitara para que nele se ponha e esprema massa de mandioca ou polpas de frutos para farinha ou vinhos — II) *panancú*=peneira, feita de arumã — III) *çauré*=vassoura — IV) *curivô*=jamaxi=balaio grande, feito geralmente de cipó titica, para nele se carregar, batatas, raizes, milho, produtos das roças — V) *paramatori*=palmatoria, miniatura desse objeto, feita no endocarpo do do tucumã — VI) *uaquêiô-i-uató-uaipoçap*=espanador feito da cauda do macaco parauacú ou macaco cuxiú — VII) *paró*=pá, feita de pau ferro para mexer farinha no forno.

Trabalho

No plantio e na colheita, o regime é de *putirum* ou *puchirum*. Mas pode haver, também, pagamento, em gêneros, em objetos de uso.

Se um indivíduo encarrega outro de fazer um trabalho na roça ou uma viagem, sempre o faz diante de uma cuia de guaraná, que chamam "çapó". E paga-o, a generos ou com trabalho, num putirum.

Mulheres e crianças trabalham nas derrubadas e nas roças; ajudam nas pescarias, também.

Nas atuais relações dos *Maués* com os civilizados, além de ofícios e habilidades várias — algumas registradas, entre outros, por LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO E AMAZONAS — foram êles levados à extração de madeiras de construção civil e naval (pois é riquíssima a região do médio e alto Andirá) e, principalmente, do páu-rosa, empregando-se mesmo nas usinas onde êsse vegetal é beneficiado.

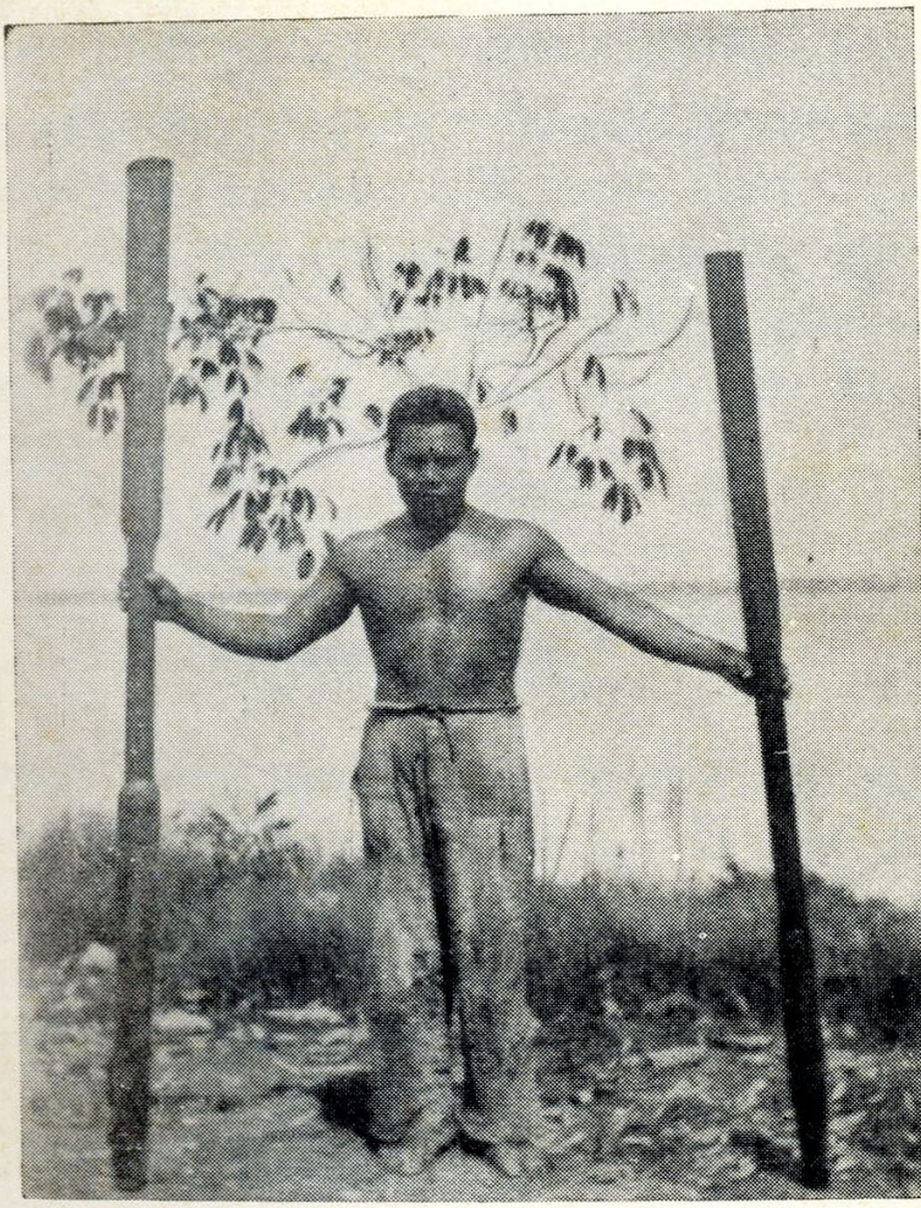
Empregam-se, também, a particulares, como domésticas, as mulheres, e os homens como trabalhadores braçais, plantadores e piladores de guaraná, moços de convés nas embarcações arroladas no porto de Parintins.

Alimentação

Apreciam tôdas as frutas silvestres e comem-nas freqüentemente. Quanto aos produtos da lavoura, milho, arroz, mandioca, batatas, carás, castanhas, os *Maués* os consomem, ora com abundância, ora com parcimônia. E são obrigados a jejuns freqüentes, em conseqüência. Como não podem caçar todos os dias e porque a caça rareia, nesta ou naquela zona, quando a conseguem... fartam-se. Os cães, geralmente famintos, também se fartam. Têm práticas de abstenção e preferências; e, tanto da caça como da pesca, exigem os "*morceaux du roi*". Essas peças, algumas vêzes são cozidas e outras assadas, moqueadas. (Nota XII).

Entre os "*morceaux du roi*" distinguem: da guariba o gogó, o figado, as mãos, geralmente gordas; do veado os quartos e o fígado. Das tripas dêste quadrúpede, como dos demais animais, fazem um prato, *imêen-pêmon*: — mujica de bucho.

Apreciam o inhambu assado e o cojubim, igualmente. O mutum é cozido e também assado. Comem formigas. A saúva é torrada, pilada e transformada em paçoca. O mesmo fazem com o cupim. Torrado, sêco ao moquém, onde o põem embrulhado em fôlhas de bananeira, é comido saboreadamente. Achamos o prato excelente, com um gôsto de terra.



Um mestiço de Maué, com duas mãos-de-pilão, pesadissimas, utilisadas na trituração das sementes do guaraná

As parturientes e as moças, por ocasião do primeiro fluxo, estão sujeitas a abstenções e a preferências. As moças comem urupês, apanhados pelos pais na roça. As parturientes, depois de um mês de resguardo, bem como o marido, depois de um regime de mingaus e "çapó", assim que a criança completa um mês, e, às vêzes, mesmo quinze dias, comem um inhambu. As moças comem tucano e inhambu. Apreciam uma rã que chamam *marau*. No lugar Marau, acima de *Maués*, domina êsse batráquio..

Nascimento

Quando nasce uma criança os pais são sujeitos a resguardo. Só comem saúva, urupê e "maniuára", que é um formigão das TERRAS. Antes do parto, para que o mesmo não seja trabalhoso, banham os quadris da mulher com água e cinza da caveira de paca. Usam, também, nesses banhos, a casca de ovos de aves.

Puberdade

Os cronistas da tribo, como MARTIUS, descrevem exageradamente as cerimônias concernentes à entrada das meninas na puberdade. O resguardo

é longo, dura dez meses. Só depois disso podem andar e dançar. Só comem inhambu, tucano, urupê, formigas. Não comem peixes nem caça grande. A festa da puberdade dos rapazes não foi bem descrita por BARBOSA RODRIGUES. Numa dança da *tocandira* são ferrados, indistintamente, meninos desde a idade de seis anos e rapazes até com vinte anos. Nessa idade a festa tem outra significação. O que recolhemos a respeito nos autoriza a afirmar que a descrição de BARBOSA RODRIGUES está incompleta. Nessa festa, já hoje, não há mais o emprego do paricá. A bebida tipica é o tarubá fortíssimo, cuja embriaguez, dizem, dura trinta dias. (Nota XIII).

Vale a pena transcrever aqui a página intitulada *A Emancipação dos Maués,* de BARBOSA RODRIGUES, publicada em *Revista da Exposição Anthropológica Brasileira* (1882):

"Data, pois, da época hostil entre essas tribos (Mundurucú e Maué) a festa da TOCANDIRA ou VEAPERIÁ, festa que faziam anualmente para escolha de guerreiros de coragem provada, festa que intimidava os Mundurucus. Se estes eram numerosos os Maués eram valentes e sofredores.

Para se poder avaliar a tortura dessa festa é mister conhecer o que é a tocandyra.

Tem esse nome entre os tapuyos ou veaperiá entre os *Maués,* uma formiga do tamanho de uma caua vulgar, ou maribondo, que alem de morder,

tem como este um ferrão, e chega mesmo a causar a morte. Scientíficamente é conhecida por *Cryptocerum atratum.*

Por experiencia propria conheço a dor que produz a ferroada.

Não conhecendo então essa formiga, apanhei uma, que, ferrando-me no dedo pollegar, trouxe, alem de uma dor intensa, o arroxeamento do dedo, febre e calafrios que duraram mais de vinte e quatro horas, apezar da applicação da ammonia.

Pois bem, essa formiga, que para os Mauhés é considerada como uma divindade, é a que é empregada aos centos para provar não só o valor, como capacidade de soffrer.

Como corra, não só em obras recentes, como antigas, copiadas uma de outras, sem observação, que esta festa é dada com o fim matrimonial, e como em nenhuma se descreve essa festa, e se pense que ha uma só prova, passo a descrevê-la, rapidamente, com o fim de tornar tambem conhecidos os instrumentos que se acham expostos no Museo Nacional, no armario 140, e relacionados no catálogo que publiquei.

Ainda o *Jornal do Commercio,* de 30 do corrente, dando noticia da Exposição Antropologica, diz: "Que estão nella expostas luvas *Mauhés* para o concurso entre pretendentes ao casamento."

Quando investigava a natureza do Amazonas, atravessei a pé, por terra, as denominadas *terras*

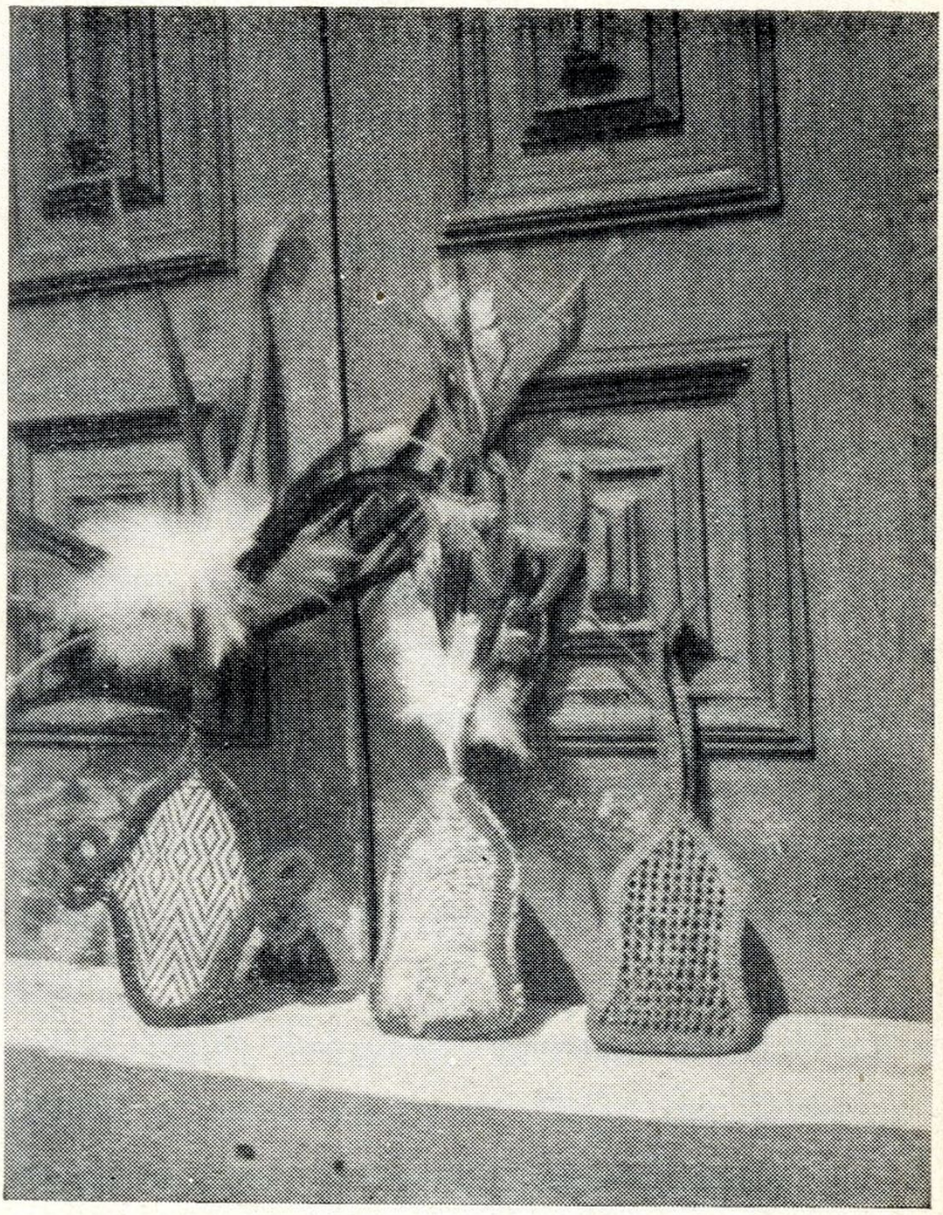
dos Mauhés, que vão do rio Tapajóz ao rio Mauhé-assu, no Amazonas, onde está a tribu dividida em *malócas,* e ahi tive occasião de colleccionar os instrumentos dessa festa martyrizante e assistir a ella por espaço de dois dias.

Como já em outro trabalho (em *La Vallée des Amazones. Notes d'un naturaliste brésilien.*) trata-se largamente dos Mauhés, aqui, a largos traços, descreverei a festa.

Tradição e uso de seus maiores, os Mauhés, hoje como então, ainda fazem com toda solenidade essa festa, hoje sem razão, por não haver necessidade mais de provar bravura, por estar a tribu dizimada e quasi toda mais ou menos civilizada. Com tudo ainda hoje o *Mauhés,* que não passou pela prova da tocandyra, é considerado como um pária.

Annualmente da maloca do chefe parte o signal da festa, que, repercutido de maloca em maloca, vai do Pará ao Amazonas. A esse signal, prepara-se o *cachyry* e o *tarubá,* bebidas inebriantes que animam a festa, e começam as caçadas; muqueada a caça é guardada para os dias da festança, que é esperada por outro signal. (Nota XIV).

Ouvindo-se este, de todas as malocas partem os neophytos, e as donzellas com seus pais, carregados de caça, pótes de bebidas e de tocandyras se dirigem para a *maloca-assú* ou do tuchaua.



Três tipos de çarys ou luvas para a Dança da Tocandira

As tocandyras que andam aos casaes, são apanhadas e guardadas em um longo colmo de jaquarassú, a que chamam *tuntun*, e ahi guarda-las até a vespera da festa.

Nesse dia despejam-se as formigas nágua, e ficando ellas entorpecidas são mettidas entre o trançado de uma bolça de palha que se adapta à luva. Ficam com o abdomen para dentro, isto é para a parte que tem de ficar em contacto com a mão ou braço.

Sete são as provas por que passam os jovens Mauhé para criar foros de valente e gozar dessas regalias. Para as tres principaes ha uma luva especial, a *sary;* para as tres outras, outra luva que cobre todo o braço, a *sary-pin;* e para a ultima, outra só para a mão, a *yapêrepê.* (Todas essas luvas são feitas de fino tecido de palha, rematadas com um penacho de pennas de araras e de gavião-real).

Esta é a mais terrivel, porque o individuo tem de metter a mão na luva cheia de formigas, soltas e embravecidas, e revolvel-as na mão.

Disposto tudo para a dansa, reunem-se em frente á casa do tuchaua a multidão: os homens formam um grande circulo, dentro do qual, em outro, sentam-se as mulheres, ficando no centro o tuchaua com as diversas luvas, tendo sido previamente expostas ao ar, apresentam então as formigas reanimadas e enraivecidas por serem pre-

sas. Rompe a festa, a um signal dado pelo tuchaua com o *cotecá,* e começam os cantos acompanhados pelo toque de tamborinhos e de *mimés,* que é uma especie de assoviu de taquara.

Então o tuchaua, no centro, de *cotecá,* e luva em punho, convida aquelles que têm de passar pela primeira prova, ou pelas outras, a romperem o circulo e a começarem a dansa. Um dos jovens valentes se apresenta, e o tuchaua, lançando uma baforada de fumo, tirada de um grande cigarro de *tauary* sobre as formigas, as desespera mais e enfia a luva na mão do paciente.

Este, então, canta e dansa, se é que dansa se possa chamar tregeitos e saltos, urros e gritos, dados com cara alegre. Assim percorre o espaço do circulo aberto, entre os applausos da tribu até que, sendo solteiro, alguma mulher delle se compadeça, e rompendo o circulo vá lhe tirar a luva, ou então que o tuchaua julgue suficiente a prova e elle mesmo tire.

Então o tuchaua faz soar o *cotecá,* a turba se levanta e segue para a frente de outra casa, onde param e se repete novamente a dansa, sendo outro o paciente, ficando atraz o escolhido e sua protectora, ou atirado em uma rede, curtindo seu soffrimento, se mulher alguma delle se agradou.

Cumpre notar aqui que a mordedura de tocandyra produz effeitos aphrodisiacos, e que a união imediata dos sexos faz cessar as dores e os maus effeitos. (Nota XV).

Se o que soffre o martyrio tem em provas anteriores se cazado, é a mulher quem lhe retira a luva nas outras provas porque passa.

Daqui nasceu o erro que corre de que essas provas são para cazamento. Se assim fosse, os *quivus,* isto é os *viuvos,* não passariam mais por prova alguma, quando entretanto, mesmo depois de escolhidos, têm de passar por sete provas.

Terminada a dansa n'uma casa, se dirigem para outra e assim percorrem toda a tarde a maloca, passando pelas diversas provas varios individuos.

Anoitecendo, reunem-se todos na ramada da casa do tuchaua e ahi em dansas, cantos e folguedos, acompanhados de libações de *cachery* vão até quasi ao amanhecer, alumiados por grandes bolsas de estopa impregnadas de breu, acesas, que produzem uma luz avermelhada e emfumaçada.

Dura a festa tantos dias quanto são precisos para que todos os que não soffreram as provas as soffram.

Resumindo: as tres primeiras provas soffrem-se na palma e costa de uma das mãos, as tres outras no braço e a ultima na mão. As primeiras com as formigas presas e a ultima com ellas soltas. Passadas essas provas tem o Mauhé a sua emancipação e pode aspirar o lugar de chefe. (Nota XVI).

Terminadas as festas, voltam todos ás suas malocas e entregam-se á sua industria favorita do guaraná e aos seus trabalhos agricolas."

* * *

As ferroadas das tocandiras não são aplicadas apenas nessas provas de iniciação; os *Maués* acreditam na ação curativa do ácido fórmico, que lhes é peculiar, pois, quer nos acessos de paludismo, quer nas gripes, quer noutra enfermidade qualquer, cuidam de aplicá-las sôbre a parte do corpo onde presumem estar localisada a molestia.

Páginas atrás, quando fizemos ligeiro estudo comparativo dos Maués e dos seus vizinhos, na área geográfica que ocupavam outróra, mostramos que os ritos e as cerimônias de iniciação de um varão na puberdade podiam levá-lo a unir-se a uma jovem, mas não era uma decorrência inevitavel da prova a que o jovem, entrado em puberdade, se submetia.

* * *

No que concerne aos ritos e cerimônias a que, necessàriamente, devem ser submetidas as mulheres entradas em puberdade, a existência da casa, a elas especialmente destinada, chamada *Méhuât Hariagat*, nos induz a considerar que, embora não

Enterro de uma criança Maué

a festejem tanto, ela tem uma significação social de grande importância entre os *Maués*.

Também ali observamos que êsses ritos éram diversos dos ritos respeitados pelos Mundurucus em face à puberdade da mulher.

Morte

Enterram hoje seus mortos em cemitérios à margem dos barrancos, pondo-lhes nas covas os objetos de uso. Quando morre um tuxaua, tôda a população que lhe está diretamente sujeita faz grandes demonstrações de pesar e desespêro; e, se o tuxaua é geral, guarda luto durante um ano.

A família "guarda-se", não comendo nenhum peixe pegado a anzol ou com timbó. Não comem caça remosa nem bananas.

Assistimos a um ênterro, isto é, ao transporte do cadáver de menina morta de febres. Haviam deitado o corpinho sôbre uma tábua, achegado outras de ambos os lados e posto outras mais sôbre o cadaver, amarrado tudo, à falta de pregos, com envira. Neste mesmo trabalho, páginas atrás, ainda relativamente à morte, escrevemos: "A presença de urnas funerárias, em vários pontos da área geográfica onde viveram outrora os *Maués* — algumas ainda hoje são encontradas à frente da matriz da cidade de *Maués* —, insinua, desde logo, a dúvida de que essa tribo conservasse os seus

mortos, mumificados em casas especiais, em companhia de ídolos de pedra, pois os descendentes atuais dêsses índios as apontam como sendo de seus antepassados."

FESTAS

A principal é a *Dança da Tocandira* ou *Festa da Tocandira,* descrita por BARBOSA RODRIGUES. É uma festa de extraordinária importância e significação social e religiosa; é uma festa de iniciação, como vimos no depoimento daquele naturalista, de grande movimento e beleza. Um dos seus mais preciosos aspectos é o do canto, da exortação lírica para o trabalho, para a guerra, para o amor. Alguns dos motivos que colhemos são de um impressionante lirismo.

O tuxaua Honório, sentado numa rêde, brincando com um dos netos, ia-o iniciando nos passos da dança e, paralelamente, cantava trechos dos versos que costumam cantar os iniciados e um dançarino que os acompanha durante tôda a dança.

Os *çarys,* luvas de palha e de plumas, que o iniciado calça para ser ferrado por dezenas de tocandiras, são admiràvelmente trançados.

Penas e plumas de aves, — algumas vêzes dos totens a que está ligado o paciente — de cararás, de gavião-real, recobrem alguns dêles.

Teofilo Tiuba e um músico popular fazendo anotações de músicas e cantos dos Maués.

Cocares são confeccionados com penas e plúmulas das mesmas aves.

Guardamos de memória alguns dos motivos dos cantos comuns a essas festas; mas, graças a TEÓFILO TIUBA, que nos acompanhava na viagem ao Araticum, pudemos registrar-lhes, também, a música.

Ei-los:

I

A ORIGEM DA TOCANDIRA

Mê pémun té andém çary
Mê pémun cori té andém
Mecoó arroó-ui
Aitó unambi optiá capé
Aiuépit mambac ramoap
Oipó-été, çary quién.
En qué-épó été-té én
Oitó qué uatzi été
Eçó renemgué rupi-i
Icahó urré çary
Ipain apossaou rocát
Mangou aporrin ipai
Comaró tan êpêetat
Queôssou queôssou, êpêpatêat

Uenô pê tritan êpeateât
Mequétan an oitó
Uatócóssab acoitó

ESTRIBILHO (*)

Uri pai côtô
urui çary

Tradução

Tatú grande fêz sair tocandira
Tatú pequeno fêz sair tocandira viva
Para cá para os moços se ferrarem
Para ficarem espertos
Em minha mão tocandira ronca
Tatu grande: Você se ferra só na mão?
E eu, que é em tôda parte?
Assim fala o Tatuzinho:
E' bonito o lugar da minha tocandira
Enfeitado de vermelho
E de pena de gavião-real
E do tôco do cumaru
E do tôco do ingàzeiro
E do tôco do cipó chato.
Assim eu era antes.
Mas nós havemos de passar...

(*) (— O estribilho é sempre repetido após cada verso).

ESTRIBILHO

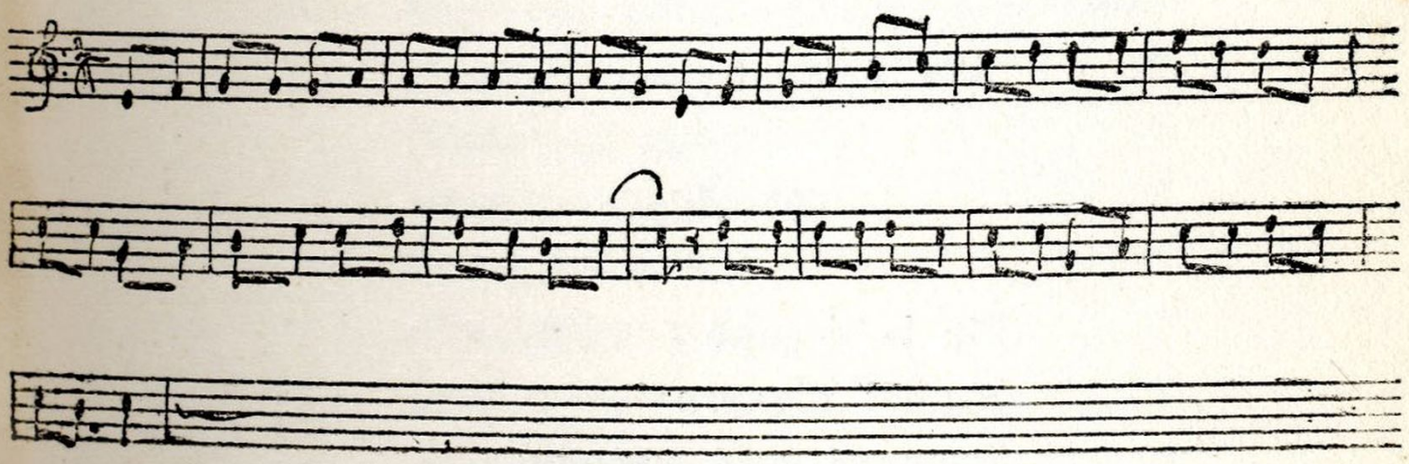
Urui pai côtô?
Urui côtô urui çary

Tradução

E nós sacudimos enfeites
sacudimos enfeites em nossa tocandira

CANTO DO GUARANÁ

Dos Indios Maués (Coleção Nunes Pereira) Recolhido por T. Tiuba



II

(*Aré quén quén*)

Atuó uaranarê
Arapê — aurú súma
Oitó queque murequát

Meicó-pé mangô papêen
Uaranarê petemoat
Mossotiro merainon
Tapêg uambiá
Quinaripiá — tuambé
Teréeté ameap-toté
Areingué arenambin
Arrénoin uenaim-bindáp
Uaiti arenambin
Inú areté toponón

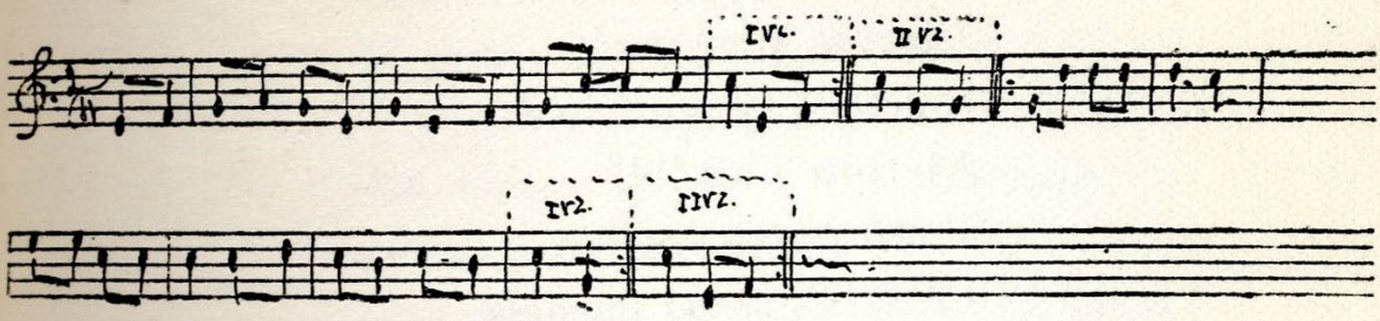
ESTRIBILHO

Are tuierut

Tradução

Eu bebi çapó
Fumei cigarro
Para cá está pataú?
Lugar de çapó
Foi Mossotiro que fêz
Do seu guaraná que estava
Na cuia de çapó
Em cima da pedra
E' isto o que eu penso
Eu dei conselho
Eu estava pensando lá em cima
E' menino de verdade

CANTO DO MIRITIZEIRO



Anotação musical feita por T. Tiuba. Coleção Nunes Pereira.

III

Supé-uát passauêpia uiépolé (*bis*)
Uruiêp compaiá uiépoté ”
Iriman-pó apê-uó ”
Uentúp eu paia tát ”
Urecê aré toram ”
Ahacupêro paiá ”
Ariúqueré meenó ”
Atopossauriá meenó ”
Paiá uenti épnang-miat ”
Uiápainá aiú-á ”
Paiá carerê eteat ”
Magarét paiá sat-pé ”
Carú uenambin capé ”
Carurú rêp-ieteat ”
Uauriri sem-bê eteat ”
Mupé-ran sem-bê eteat ”

Aterora passauétá ”
Passossó papairá-piá ”
Aterora uirrunuó ”
Ihuembê néen-moteat ”
Aterora uicó-toté ”
Ihatú garro ipoteat ”
Passaton-gueri membêt ”
Cuê-pê mió maram pang-pang-é ”
Mipotát-uitó rap toté ”

ESTRIBILHO

Ipossou uémin tiran

Tradução

Quando eu disse que aquêle miritizeiro
Nós derrubamos êle ficou envergonhado
Bateu com a pata da anta naquele miritizeiro
Só uma fruta de miriti caiu
Quando eu estava bem com fome
Eu amarrei a cintura do miritizeiro
Com bucho de preguiça
Eu dei de comer ao filho do passarinho
Parasita do miritizeiro sêco
O miritizeiro se encheu e aromou
Da flor do miritizeiro
Flechou no cacho do miritizeiro

A arara estava escutando o conselho
Mosquito do erval
A baixa do portozinho
Curuatá do miritizeiro
Eu trouxe o filho do passarinho
O ninho do passarinho
Que estavam na fôlha do miritizeiro
Eu trouxe para companheiro
Do meu xirimbabo
Era um passarinho muito esperto
Eu trouxe na palma da minha mão
Por ser pintado e bonito
O passarinho do miritizeiro
O Sapo está trabalhando
Quando êle ia andando

Casamento

As uniões se fazem, às vêzes, como uma imitação do casamento do civilizado.

A regra, porém, é a união ao capricho dos instintos. A mulher, púbere, se une a um homem, ao fim de um simples entendimento.

O tuxaua do Araticum, que viveu com uma família de nordestinos, no Paraná do Ramos, disse-nos haver estabelecido que nenhuma moça ali se casaria com idade abaixo de dezoito anos. Os demais tuxauas não nos revelaram interferência nessas uniões. E não há cerimônias especiais.

Barbosa Rodrigues, descrevendo, no tratado da emancipação dos Maués, a Festa *Veaperiá*, pretende que, anualmente, ao ser a mesma realizada, à ordem do chefe da maloca, e em presença dos pais, o neófito recebia a sua companheira, que dêle se compadecera, assistindo à iniciação, da qual o uso do çary, fervilhando de tocandiras, era a prova mais cruel.

Hoje em dia pode ocorrer uma dessas uniões, por ocasião da festa da Tocandira, — quer inspirada pelo sentimento de piedade, quer por outro qualquer — mas não quer dizer que isso seja obrigatòriamente respeitado por tradição ou por convenção social ou religiosa.

Basta saber-se, como acima dissemos, que desde a idade de seis anos, meninos tomam parte na festa (de iniciação) da tocandira.

Também não acreditamos que o contacto sexual atenuasse as dores causadas pelas ferroadas das terríveis formigas, pois, com êsse intuito, os *Maués*, na referida festa, bebem grandes cuias de tarubá fortíssimo, cuja embriaguez, dizem, dura trinta dias.

O tuxaua intervém sempre em tais uniões; é aos pais do pretendente da moça, sobretudo, que se deve o consentimento. Em geral, o moço pede aos pais da requestada consentimento para a união, e êsses, depois de longo e cuidadoso conselho, consentem.

O casal vai viver em barraca propria, mas está sujeito à vontade do sogro, trabalhos, etc.

As famílias são patrilocal (CURT NIMUENAJU).

Totemismo

A vegetais e animais, principalmente, recorriam os Maués como a protetores ou dêles se diziam e dizem ainda oriundos.

As suas "nações" ou *clãs* se denominavam por isso: *Assay, Çatêré, Uarana, Nap-uá-nan, Acorêriua, Ainturia e Huiria.*

CARL F. VON MARTIUS enumera as seguintes "hordas": *Tatus, Tassiuás, Jurupari-pereira, Mucuins, Xubarás, Uú-tapuujai, Guaribas, Inambus, Jauarete, Saucanes, Pirá-pereira, Caribuias.*

A cerimônia de queimar o caçador as penas das aves abatidas se prende, naturalmente, à crença em tais totens. E a arte plumária, em que tanto sobressaíam os Maués, devia ter tido como origem o culto de totens tais o gavião e outras aves. (Nota XVII).

Depravação

Não conhecem certas depravações sexuais em que se salientam outros povos tupis.

Ridicularizam sempre o civilizado que disso cuida, pedindo-lhes receitas afrodisíacas.

Não empregam as ferroadas de formigas como excitantes e congestionantes dos órgãos sexuais, tal qual faziam os Parintintins.

Asseveraram-nos, entretanto, que a ferroada da formiga taoca dá à vítima um grande poder de atração e domínio sôbre as mulheres.

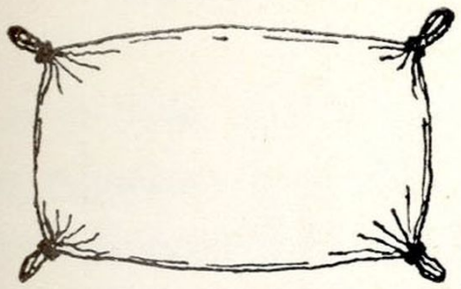
A ferroada da taoca, como se sabe, doe vinte e quatro horas.

Arte plumária — Espartaria — Escultura

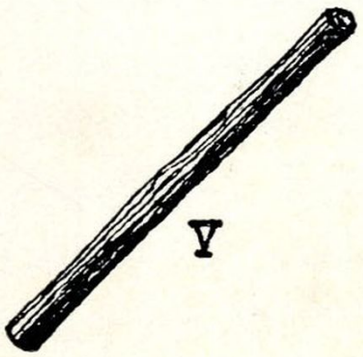
Dessa arte pouco material se encontra hoje, entre os Maués. Ainda há quem se saiba servir da plumagem das maravilhosas aves das matas do Andirá, mas tôda a arte ficou restrita aos *çarys* e aos cocares para a Dança da Tocandira.

O mesmo podemos dizer da espartaria ou arte do trançado, da fiação e da tecelagem.

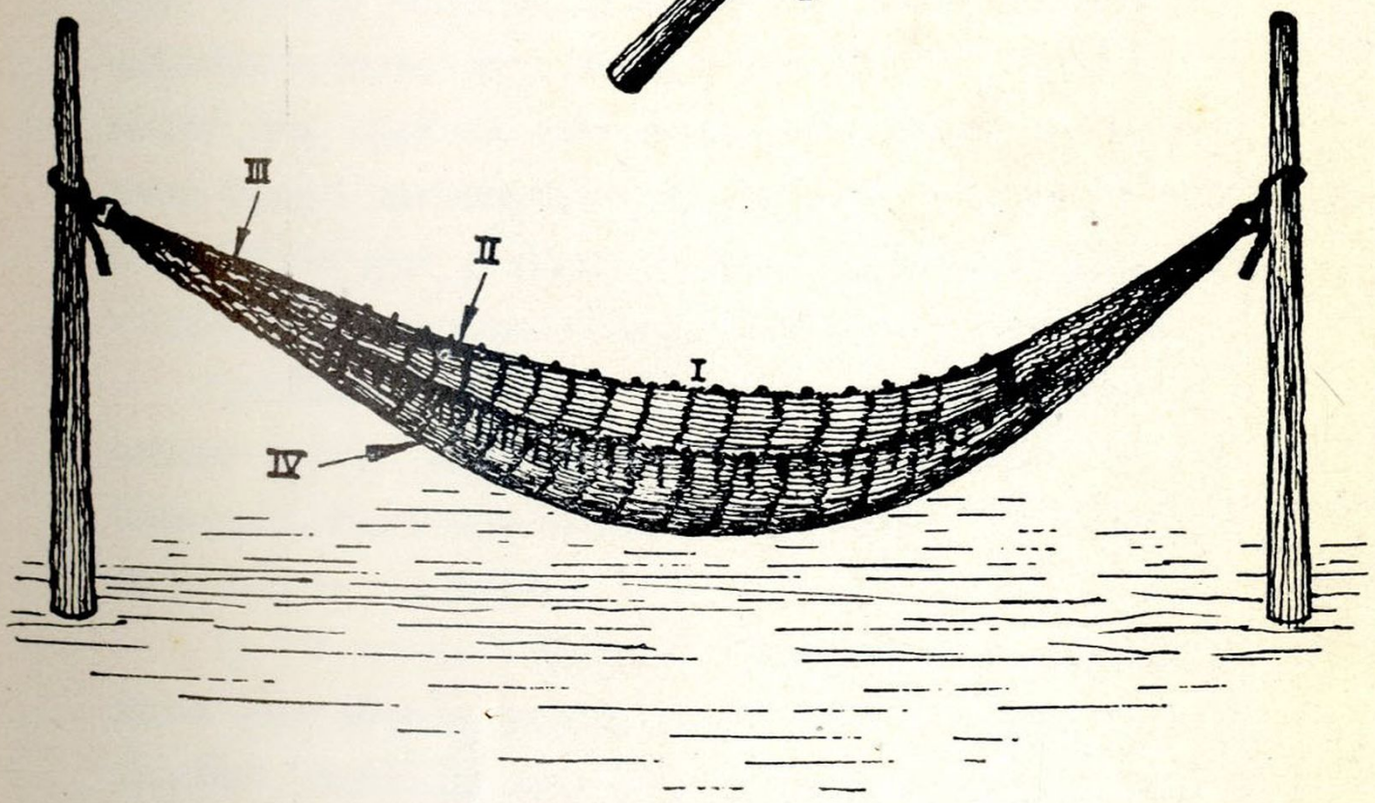
Urus, paneiros, cestos, puçás, peneiras, abanos, vassouras, jamaxis são tecidos pelos Maués com a palha das palmeiras existentes nas matas e nos igapós do Andirá. Hoje é comum encontrar-se chapéus magnìficamente tecidos por essa gente. Alguns urus são tecidos com palhas pintadas de negro ou de vermelho. O formato de alguns urus lembra o de habitações asiáticas. Esculpem aves e passaros — tôda a fauna ornitologica do Andirá — no endocarpo do tucuman, a ponta de canivete.



VI



V



I) *enim*=rêde — II) *enim-ambé*=beira da rêde — III) *enim-enarô*=punho da rêde — IV) *enim-pê*=fundo da rêde — V) pau de caraná (amago) para bater o algodão — VI) *muquiô-çupétên*=almofada, contendo paina de sumauma, para sôbre ela bater-se o algodão.

NOTA — A tecedeira da rêde se chama *haripoia-enim-nun-pê* — A palheta se chama *enim-totúháp*, e tem a forma de uma regua, de pau d'arco, para com ela bater-se o algodão — O bastidor se chama *enim-pueri-há*.

Bebidas e entorpecentes

A bebida típica da tribo, a de maior significação religiosa e social, é o *çapó*. Essa bebida é o proprio guaraná ralado na ocasião, geralmente pela dona da casa. O pão de guaraná é atritado contra uma pedra de grão finíssimo, o que permite obter-se um pó fàcilmente solúvel na água.

Há um ritual a respeitar-se por ocasião de uma bebida coletiva de *çapó*. O dono da casa, tomando da cuia, que lhe é posta diante, equilibra-a sôbre um suporte, de modo a manter o líquido num plano horizontal. As demais pessoas presentes, depois que o dono da casa bebeu, se vão servindo sucessivamente da direita para a esquerda.

Os Maués a todo instante estão dispostos a tomar *çapó*. Eles acreditam que, bebido associadamente, favorece todos os negócios, dá alegria e estimula o trabalho.

O "Tenente" Manuel Francisco da Silva, tuxaua dos *Maués*, residente em Vila Nova, no alto Andirá, explicou que o guaraná, também, "tem o valor de uma *patente, do "aiuêçaikã-ráp"* ou *Porantin*. O guaraná é bom para fazer chover, para proteger a roça, para curar certas moléstias e prevenir outras, para fazer vencer na guerra, nos amôres, quando dois rivais pretendem a mesma mulher.

Não acreditam, porém, que essa bebida seja afrodisíaca. Acham que a formiga taoca é que tem essas virtudes... Ridicularizam o civilizado apontando-lhe outras práticas. Como acima dissemos, não usam mais o paricá. Desconhecem o ipadu.

Relativamente ao paricá *Mimosa acacioides Benth*, os velhos *Maués* confirmam o seu uso outrora, verificando nós que ANTONIO SERRANO, baseado em ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA e em LADISLAU NETO, foi exato no descrever o *"suican"*, o *"iduá"*, o *induámena*, o *tapixana*, o *japuruxita*, a *plancheta* de madeira e os dois ossos de ave que constituem o material utilizado pelos aspiradores de paricá.

Não se deve esquecer que o paricá não era um entorpecente de uso comum apenas a viciados; os pagés o aspiravam nas suas funções e, entre baforadas de fumo, cânticos e danças ritualisticas, se empenhavam em atingir o *transe*, que é a finalidade desejada para se entenderem com as divindades, quer das águas, quer das selvas, com quem estavam familiarizados.

Um entorpecente novo foi introduzido pelos civilizados na vida dos *Maués*, segundo me informou o DR. PAULO MARINHO, natural da cidade de Maués: trata-se do dirijo ou diamba.

No lugar Aldeamento de Santo Antônio do Paracuni, no paraná dito de *cima*, os índios, os mestiços, pricipalmente, consomem o dirijo, associando-o ao fumo dos seus cigarros e cachimbos.

Visitando, anos depois, o Repartimento, no rio Maués, Campinas, Marau, Corocoró, rio Prêto, deram-nos notícias dêsse vício, introduzido de longa data. (Nota XVII).

Língua

Ao fim dêste trabalho inserimos um vocabulário comparativo da língua maué, por nós organizado com um material colhido a vários informantes e os vocabulários de CURT NIMUENDAJU e Teofilo Tiuba.

Nosso principal informante foi o "Tenente" Manuel Francisco da Silva; também ao tuxaua Antônio Alexandre de Carvalho, do lugar S. José, (Ponta Alegre), rio Andirá, Estado do Amazonas, ficamos devendo preciosa contribuição.

A respeito dessa lingua, diz CURT NIMUENDAJU: fundamentalmente é *Tupi* mas difere do *Guarani-Tupinambá*. Quanto à gramatica, tanto quanto lhe permitiu a análise do material, é Tupi. Para êsse autor o vocabulário maué, entretanto, contém um elemento que é completamente estranho ao Tupi, mas o qual não pode relacionar-se ao de nenhuma família linguística.

Se CURT NIMUENDAJU tivesse tido oportunidade de estudar os cantos da Festa da Tocandira, que aqui estamos divulgando pela primeira vez, suas conclusões seriam, seguramente, pela existên-

cia do "Maué antigo" a que se referem os descendentes de Uaçiri-pot.

Em represália às perseguições e excursões punitivas, que os portuguêses lhes moveram, os Maués proibiram as suas mulheres de falar a língua portuguêsa. Privando-se com elas, sente-se que algumas têm o desejo de falar, mas não o devem fazer; e não o fazem. Outras, cujos pais e irmãos falam português, denunciam que o compreendem.

Nas danças as mulheres casadas são excluídas; só dançam as solteiras.

E respeitam tanto esta como a outra proibição.

Pagés

Antigamente os pagés do tribo eram poderosos. Nas lendas do ciclo do PORANTIN aparecem animais, sobretudo os aquáticos, que eram pagés ou feiticeiros. Todos os peixes de pele, remosos, eram feiticeiros. Os "muricariua", da *Lenda do Timbó,* eram donos da Água. O Jeju vivia no poço da *Primeira Água.*

Hoje, ainda há pagés, curadores e feiticeiros. Manuel Francisco Baptista é um curador, exercendo as suas atividades no lugar Santa Clara. Nós o visitamos numa noite de consultas.

Um pagé Maué e seu ajudante

Pela manhã, posou para nossa objetiva, depois de prestar-nos as informações seguintes:

A "arte" dêles — os pagés —, a "arte-de-curar" se chama, em maué antigo, *Nétmôé* e o próprio pagé ou shaman ou quem a exerce *painum*.

Nenhum pagé trabalha sem ajudante, que se chama *çóhôuinhomoát*.

Os civilizados os chamam curadores, mesário, servente, ajudante, acólito.

Depois da *pena-de-arara* ou *espada do pagé*, o objeto que tem papel mais importante às mãos do pagé é o *marari ou açoá*, feito da semente do fruto da *amuncuré* — uma árvore da mata do alto rio Andirá, de grande porte. A êsse objeto os tupi da costa do Brasil chamavam *maracá*.

Vem a seguir o cigarro de palha de *tauary* (feito do líber de certas árvores) com fumo das plantações domésticas que todos *Maués* fazem.

As bebidas e os entorpecentes que entram nas cerimônias dos pagés, outrora, deveriam ser o caxiri e o guaraná, o paricá e o fumo.

O paricá foi abolido e o guaraná, também, sendo substituídos pela cachaça e pelo dirijo, diamba ou maconha que o negro escravo deveria ter introduzido, ao tempo da Conquista da Amazônia.

A embriaguez obtida com a cachaça ou *marrê*, com o fumo e com a diamba leva o pagé ao contacto das divindades aquáticas, terrestres e celestes. Vá-

rios pagés trabalham com *mestres,* que se chamam Anési, Rodão, Santana. O primeiro dêsses mestres benze "ezipla", dôr de cabeça, dôr de estômago; o segundo também; mas mestre Santana tira "melefício" do corpo.

Os pagés, entretanto, nunca sabem que espírito recebem; mas a verdade é que são obrigados a guardar segrêdo.

Os pagés dão muita importância ao sonho, que chamam *oimué,* afirmando-nos o de Santa Clara que "tudo o que se sonha acontece" e, também, ao canto, isolado ou em côro, que entoa. Um cantor isolado se chama *tuépê* e muitos cantores: *terué-pé.*

Os pagés conhecem vários cantos para fins diferentes.

O curador ou pagé de Santa Clara, Francisco Batista, nos disse, que, com um pouco de vassourinha (uma rubiácea) e cachaça, em frições, curam qualquer dor muscular; a cachaça com caferana (gencianácea) cura perebas e feridas.

Com *miatã* ou *muira itã,* que é um afrodisíaco, conseguem rejuvenescer os velhos e impotentes. Êsse vegetal lhes assegurará *yêp* ou potência.

Os pagés chamam os espíritos ou as suas divindades agitando o *marari.*

O pagé típico, de maior conceito na tribo, é Isaías Dias, irmão do tuxaua Honório, de Li-

vramento. E' êle quem realiza cerimonias que propiciam otimas colheitas de guaraná. Todo guaranazal tem de ser, invariàvelmente, "benzido" pelo pagé.

Recolhemos uma linda letra de cantico de pagé, para abertura das funções, intitulado *Aterôri*

UM CANTICO DE PAGÉ (*)

Anotação musical de um canto de pagé dos índios Maués, feita por T. Tiuba. Coleção Nunes Pereira

Aterôri oê-quen-moé (*bis*)
Uiué payninhiá ôpi "

Iháicé oô-quen-moé "
Aitoi êquabatamón "

Eiuám baicótiá capêi
Arêp arêpê tuérut "
Quiát oiquêt-tap-capêi
"

Arêt arêpê tuérut "
Iháiçé arénambên "
Oiçá háp amôaá tôté "

(*) O estribilho (mecoó = para cá) é, também, bisado, ao fim de cada verso.

Tradução

Eu trouxe minha arte
Atrás do Papaisinho
E' bonita a minha arte que eu trouxe
Para que todos conheçam a minha arte que eu trouxe

Vim benzer as criancinhas
E vim cantando
De onde durmo vim cantando
Eu vim cantando
Imagino muito bem
Sôbre a banca a que me dirijo

Religião

A ação dos missionários se exerceu entre os *Maués*, através de várias ordens religiosas, tais os Jesuítas e os Franciscanos. Curt Nimuendaju é minucioso — ao tratar da história dos Maués — no referir figuras como a do P. João Valladão, Frei João de S. José, Frei Pedro de Ciriana.

Em diversas povoações dos Maués, que visitamos, inúmeros são os traços da conquista espiritual que aquêles missionários levaram a cabo na Amazônia. Ainda hoje, em capelas rústicas, subsistem imagens, altares, lábaros, estandartes, sinos, tudo, enfim, que entra na liturgia católica. E, mais do que isso: os índios têm de memória la-

Tambores para a Festa do Divino, de introdução feita pelos portugueses

dainhas, em latim e em língua geral, orações e cânticos sacros que entoam nas solenidades de alguns dos padroeiros das suas povoações ou das suas casas particulares.

FREI JOSÉ DAS CHAGAS, considerado o ANCHIETA da Mundurucânia, deixou boa porção dêsses traços entre os Maués.

Não cremos, contudo, que os Maués de hoje tenham perfeitamente consciência do valor das cerimônias, rezas e cânticos religiosos que lhes vieram da gente missionada por FREI PEDRO CIRIANA ou por FREI JOSÉ DAS CHAGAS.

No entanto é impossível extirpar-lhes da memória, práticas e crenças ligadas à sua mitologia.

Na vizinhança de Terra Preta existem — segundo informação discreta e vaga que nos fizeram — várias pedras que os índios Maués não permitem sejam vistas por estranhos.

Acreditamos que estejam, principalmente, ligadas à tradição da Pedra Noiatêc ou da Aliança dos Maués.

Medicina

A medicina é exercida sempre pelo pagé, mas tanto o homem como a mulher maués, e até mesmo as crianças, conhecem as propriedades das plantas, insetos e animais úteis à saúde. Para afastar a *Mãe da Doença,* costumam tatuar-se com sumo de genipapo e de urucu.

Comércio

Grandes produtores do melhor guaraná que se consome em Mato Grosso, os Maués têm transações comerciais com a praça de Barrerinha e Maués. Estrangeiros são os seus patrões. Antigamente, entretanto, como os Mundurucus, negociavam com salsa e outras drogas dos sertões.

O porantin ou remo mágico

PROCEDÊNCIA — Segundo a tradição o remo mágico, que é o Porantin, veio, pelo tempo à fora, das mãos do Tuxaua Uaçiri-Pót, que o fêz, para as mãos do tuxaua Muratú, que, morto, o deixou para seu filho, o Tuxaua Antonio Miguel Ferreira, e êste, por sua vez, para o tuxaua Antônio Alexandre Carvalho, residente em São José, embora em Ponta Alegre esteja localizado um Pôsto do Serviço de Proteção aos Índios. E isso sempre se tem verificado, porque, respeitando essa mesma tradição, morto um tuxaua, automàticamente essa peça passa ao seu sucessor, que não a conserva em seu poder, mas na Terra Preta, confiando-lhe a guarda não ao Tuxaua desse aldeamento mas ao "Tenente" Manuel Francisco da Silva, nosso guia e intérprete já hoje falecido.

O autor e o tuchaua, Manoel Francisco, dos Indios Maués

Do tuxaua Uaçiri-Pót sabem que era um grande pagé, tendo o poder de prender a Mãe da Doença no terreiro, graças a esconjuros, a sopros, a gestos de magia e traços sôbre a areia.

Uaçiri-Pót, além disso, era o contador de histórias da tribo, das mesmas histórias que nos estavam contando o "Tenente" Manuel Francisco da Silva e o tuxaua Honório Joaquim de Oliveira.

Tôdas as histórias contadas por Uaçiri-Pót estão no PORANTIN.

Segundo a lenda — que faz parte do ciclo simbolizado em pontos ou pequenos discos nas gregas do Porantin — viviam antigamente, nas terras do Andirá, dois irmãos — Mari-Aipoc e Urihé-I.

Naquele tempo as terras eram férteis e cheias de caça como o Noçoquem, que era um logar onde ONHIAMUAÇABÉ plantou a castanheira.

MARI-AIPOC era o chefe de todos os MAUÉS A gente era feliz...

Mas um dia apareceu uma barata maior que um jaboti, chamada APEEUATÓ, e com ela veiu a MÃE DA DOENÇA.

Dali em diante não houve mais frutas, nem guaraná, nem batata doce, nem cará, nem mandioca, nem peixe, nem inhambu. Os Maués passavam fome. Havia muitos Maués.

Então MARI-AIPOC combinou com o irmão que se fôssem embora dali; esperaria o irmão no

pôrto. E, dando-lhe um dos seus remos, foi logo reunir a sua gente.

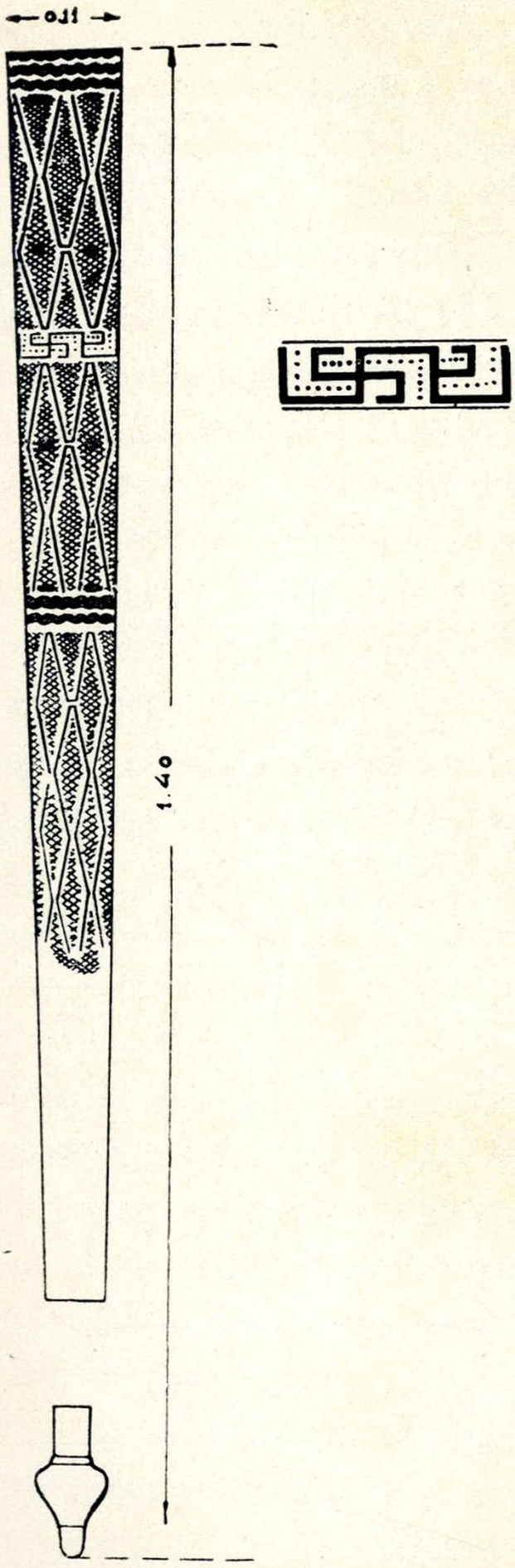
O irmão, porém, não quis ir das terras onde tinha a sua roça. Chegado ao porto, MARI-AIPOC esperou, esperou pelo irmão. URIHÉ-I não apareeu. MARI-AIPOC mandou preparar a canoa, embarcou com a sua gente e baixou pelo Andirá, para os lados do Amazonas. No logar, que MARI-AIPOC deixou, ficou breu. (Na toponímia da região êsse logar é conhecido hoje com o nome de CICANTÁ, que quer dizer breu.)

LOCALIZAÇÃO — 0 Porantin, como dissemos atrás, está na Terra Preta, aldeia fundada pelo Tuxuaua Antônio Miguel Ferreira, e que dista oito horas de viagem, a pé, do lugar Vila Nova, aldeia indígena onde morava o "tenente" Manuel Francisco da Silva.

Envolvido em jornais velhos e papel de embrulho, guardam-no, cuidadosamente, no côro de pequena igreja: ninguém o retira dali sem ordem vinda do Tuxaua geral, residente em São José.

TERRA PRETA é um lugar decadente, já tendo ali comerciado um judeu por ordem do falecido Tuxaua Antônio Miguel Ferreira.

DESCRIÇÃO — Em madeira escura, pesada, foi talhado êste remo.



O Porantin ou Remo Mágico dos Indios Maués

Seu comprimento é de um metro e quarenta centímetros e sua largura extrema é de onze centímetros, em contraste com a do cabo, em forma de caju ou pião, terminado em ponta rústica, mal lixada, da qual já destacaram lascas.

Os Maués lhe distinguem duas faces; na anterior foram escarvados símbolos, recobertos, depois, com finíssima camada de argila branca e de argila vermelha, sendo que êsses simbolos começam alguns centímetros acima do cabo, dominando o braço da peça, a traços leves, que são como que o esboço dos losangos e das gregas firmemente escarvados na madeira.

Os pontos e as linhas dêsses símbolos foram polidos, revelando-se com a côr de azeviche, de certas madeiras da região: na face posterior aparecem os mesmos desenhos da face anterior, nas partes superior e média, com as gregas e escalonados.

Daí para baixo não há nenhum desenho.

A espessura da peça varia do cabo — em forma de caju ou de pião para a extremidade superior, que tem dois centímetros de espessura e é achatada, com os lados em gume, mas não cortante, e lixados cuidadosamente.

O cabo não se parece com nenhum dos tipos de cabos conhecidos, pertencentes a remos indígenas. E tôda a forma da peça difere inteiramente da dos tipos de remos indicados no mapa de

NORDENSKIOLD, que lhes explica a distribuição pela área etnográfica da América do Sul, da qual a Amazônia é das mais importantes e das menos exploradas.

Duplas e tríplices linhas de escalonados, abaixo dos primeiros e acima dos últimos losangos, dão ao conjunto de símbolos um gracioso movimento, como idênticos escalonados no bôjo e rebordos dalgumas peças marajoaras.

Examinamos com lupa de forte aumento tôda a peça, procurando manchas de sangue, pêlos, fragmentos de ossos, sinais que costumam os índios traçar, fixando o número de inimigos abatidos, no cabo e na fôlha de clavas e burdunas, nada encontrando que denunciasse a utilização dessa peça em sacrifícios humanos, em combates, ou, como remo, que houvesse sofrido a ação continuada d'agua, carcomendo-o.

DENOMINAÇÃO — Chamam-lhe *Aiuêçaiká-Porantin* que quer dizer, grossos modos, segundo o nosso intérprete e guia, "o remo" que é nossa "patente", que nos dá "fôrça"; chamam-lhe, tambem, simplesmente, *porantin*, que significa remo pequeno.

Ambos os vocabulos vêm do maué antigo.

PORÁ, que recolhemos e incorporamos ao nosso vocabulário, significa uma peça, em forma de pá e de remo, trabalhada em pau-ferro (curucú-êp)

que aparece entre os utensílios dos torradores de guaraná.

O cabo do Porantin se denomina, como o dos verdadeiros remos, "Iúê-Êp". O vocabulo AIUÊ-ÇAI-KÂ, cujo significado não é, em realidade, bem preciso, pode lembrar vocábulos significando matar, tanto em Maué, como em Parintintin e noutras linguas filiadas ao Tupi.

Fizemos, entretanto, o intérprete e guia pronunciá-lo, várias vêzes e em circunstâncias diversas, receando que o pronunciasse errado propositadamente, para ocultar o verdadeiro sentido e, quiçá, a real utilidade daquela peça. E quando isso não acontecesse, em relação ao vocábulo citado, poderia verificar-se o que, em relação a certos vocábulos guarani, escreveu MIGUEL TENÓRIO DE ALBUQUERQUE em seus *Apontamentos para a Gramática Ava-nêe*. (Nota XVII)

Sempre, porém, lhe ouvimos, exatamente, "aiuê-çaiká", e sempre deu a êsse vocábulo a significação de "remo", de "patente", de "fôrça", de "lei", explicando-nos que com êsses significados pretendia que compreendêssemos o valor que o Porantin possuía para todos os Maués.

No vocabulário levantado por CURT NIMUENDAJU não consta o vocabulo "porá", tambem não constando "aiúêçaiká". Remo ali á "apokúitáb"; remador é "veapukuyhád"; a voz imperativa "rema!" é "erea-pukuy ro".

Em TASTEVIN encontramos "apocoi", como remar; "apocoitawa", como remo, e "re apoecoi" como rema!

Os Kuruyá, segundo o mesmo CURT NIMUENDAJU, denominavam remo "pura za", o cabo dêsse utensílio é "pura za ib".

SIGNIFICAÇÃO DOS SIMBOLOS — Na face anterior da peça que ora apreciamos, logo acima do cabo, na metade do braço do chamado remo, os losangos, ligeiramente e confusamente escarvados na madeira, significam, segundo o nosso intérprete e guia, as origens, os primeiros dias da tribo.

Depois da dupla ordem de escalonados, que limitam êsses losangos imprecisos, aparecem outros losangos, melhor e mais firmemente escarvados, onde se destacam dois discos negros, incompletos. Êsses discos representam o comêço do mundo, isto é, da existência dos Maués, ligados a sêres e a coisas da terra. Chamam-se "êcauê".

Entre êsses losangos e os da parte superior da peça aparece uma grega e, no meio das suas linhas em relevo, 46 pequenos discos, também em relêvo, que simbolizam acontecimentos guerreiros, sociais, políticos e religiosos, bem assim lendas conhecidas por grande número de indivíduos da tribo que as narram enfàticamente ou animadamente, ajuntando-lhes versos da Festa da Tocan-

dira, ou imitando cantos e vozes de animais, sem, entretanto, chegar à expressão mímica, — comentário eloqüente e elucidativo — tão do agrado dos Parintintins, narrando, por exemplo, O Roubo do Fogo ou certas "Experiências" do semideus *Bahira,* rival em aventuras e farsas do herói" sem nenhum caráter" que é o *Macunaima* de MÁRIO DE ANDRADE e de KOCH GRÜNBERG.

Os discos, a nosso ver, podem, igualmente, ser identificados como um místico "Bruder Paar", tais, os que, na mitologia tupi, EHRENREICH viu confundidos sob a denominação de *Meire Póxi e Maíre Monan,* porque, nas lendas do guaraná, do timbó e da mandioca aparecem dois irmãos, ora Uaçiri-Pót e Urihé-I, da origem do Porantin, ora Icuaman e Ocumaató, ora os dois sapos Ó-óc.

Os *Maués,* porém, não parecem ver nesses símbolos os irmãos que são personagens das suas maravilhosas histórias.

Também não ligam a êsses símbolos a figura de Onhiamuaçabê, irmã dos mesmos e mãe da criança metarmorfoseada em Guaraná; nem lhes ligam, também, a figura feminina de *Unhanmangarú,* personagem da história da criação da Terra.

Êsses pequenos discos ou pontos representam um ciclo de lendas, do qual só recolhemos algumas das principais, mas a êles se ligam, também, como já foi dito, os fatos remotos, mais importantes da tribo.

Na parte posterior do remo há outros losangos, outros discos, outra grega, outros escalonados, outros pequenos pontos; relacionam-se, entretanto, com uma outra época da existência dos Maués, que não nos quiseram referir.

Deram-nos a entender, porém, que a narrativa de fatos modernos não tem sido continuada, à falta de quem por isso se interesse.

Há uma expressão dos *Maués,* diante do PORANTIN, que lhe revela a importância mítica, histórica, social e magica: "êle nos fala".

Querem dizer, sem dúvida, com isso, que nos símbolos, ornamentando-o, se encerram as suas origens divinas e o seu destino humano, as lições dos antepassados e as suas leis, o seu código moral e a sua fé, a sua poesia e a sua arte.

Outros remos lendários como o Porantin dos *Maués* aparecem na Mitologia Amazônica, tais os que estão no Museu de Gotemburgo, achados por CURT NIMUENDAJU às margens do Içana, e outros de que nos falam STRADELLI e WASSÉN — o remo do sapo Arú, companheiro da *Mãe da Mandioca* — e mais aquêle de que nos fala KOCH GRÜNBERG, que a indiada retira das patas de um crustáceo, comum às águas da Guiana Brasileira, na crença de que tais reminhos trazem felicidade, amparam os viajantes.

* * *

As conclusões a que chegamos, no estudo do Porantin ou Remo Mágico, dentro da tradição, da concepção mítica, social e religiosa dos *Maués,* foram, anteriormente, as seguintes: "A peça etnográfica Porantin, encontrada entre os índios *Maués,* do lugar Terra Preta, no alto rio Andirá, Estado do Amazonas, Brasil, é um *Remo Mágico* e uma *Arma de Guerra,* ao mesmo tempo, e não um *bastão de mando* ou uma *clava.*"

Não as subscrevendo, entretanto, como definitivas, procuramos continuar nossas pesquisas sôbre seu verdadeiro papel entre os *Maués,* principalmente fora do ambiente onde nos foi revelado.

Assim, numa das nossas últimas viagens a *Três Casas,* de Manuel de Souza Lobo, no rio Madeira, municipio de Humaitá, Estado do Amazonas, procuramos ouvir os *Kawahib-Parintintins,* antigos vizinhos e inimigos dos *Maués.*

Mostrando a Kuahan e Iguá as fotografias onde, com o "Tenente" Manuel Francisco da Silva, ladeamos o Porantin; e mostrando-lhes, também, o desenho de BARANDIER DA CUNHA, que o representa, ouvimos de ambos esta expressão: "É o Boaháp".

E a explicação, complementar, esclarecedora, que "*Boaháp* era um instrumento para matar determinados indivíduos em determinadas condições".

Mas, é evidente que não podemos desprezar a ligação desse instrumento com a tradição e a magia,

duas fôrças indispensáveis da psiquê e do destino dos povos primitivos.

Quanto ao valor da simbologia dos desenhos, losangos, escalonados, pontos, discos e gregas, escarvados na rija madeira do Porantin, não os podemos desprezar também.

Alguns daqueles desenhos têm um valor mnemônico, como acontece com certas inscrições rupestres, e o *conteúdo mítico* dêles é o conjunto de histórias, de lendas, de tradições (denominado *Céhalpóri*), que aqui ora divulgamos.

No estudo comparativo dessas lendas e tradições vimos, desde logo, que elas, em sua maior parte, pertenceram a outros povos tupís ou são variantes comuns à fantasia dos povos vizinhos dos Maués.

As criações do gênio literário dos antepassados dos *Maués,* porém — como *a Lenda do Guaraná, a Lenda do Timbó e da Primeira Água, a Lenda da Mandioca,* se caracterizam por uma originalidade que inquieta e deslumbra.

A coletânea que se segue é devida a vários narradores, — interpretes da simbologia do PORANTIN, alguns dêles — nenhum revelando, entretanto, que, por uma determinação orgânica da tribo, estivesse na obrigação de manter, oralmente, no meio dos Maués, aquelas e, também, outras criações, de idêntico valor folclorico, que não nos foi dado recolher.

Lendas e Tradições (*)

(*) — Nota XIX

ORIGEM DA NOITE

Depois de criado o Mundo não havia noite para o índio Maué dormir.

Então Uánham, sabendo que a Surucucu era Dona da Noite, e, também, a jararaca, a aranha, o lacrau, a centopeia, disse á sua gente:

— Vou buscar a Noite para vocês.

E foi, levando consigo arco e flechas.

Ao chegar à casa da Surucucu lhe disse:

— Eu queria comprar a Noite. Aqui tens o meu arco e estas flechas.

A Surucucu lhe respondeu:

— Ora, filho, para que é que eu quero o teu arco e essas flechas, se não tenho mãos? Não. Não quero o teu arco e as tuas flechas.

Uánham foi buscar, por isso, uma liga para as pernas. E, voltando à casa da Surucucu, lhe disse:

— Aqui está uma liga para amarrares na tua perna.

— No perna não pode ser, meu filho. Amarra no meu rabo, porque eu não posso me levantar.

Uánham amarrou a liga no rabo da Surucucu.

(Por isso, quando a cobra se zanga, sacode o rabo, fazendo um barulho: ché, ché, ché, para prevenir quem vai passar.)

A Surucucu, porém, não lhe entregou a Noite.

Uánham voltou noutro dia, levando venenos.

E disse a Surucucu:

— Vim buscar a noite. Quero levar a Noite. Trouxe venenos comigo.

— Ah! Trouxe venenos? Então lhe entrego a Noite, porque de venenos é que eu preciso.

Arrumou a Noite (a Primeira Noite) dentro de uma cestinha e a entregou a Uánham.

Os companheiros de Uánham, assim que o viram sair da casa da Surucucu, correram a encontrá-lo no caminho.

— Então, é verdade que levas a Noite comtigo?

Uánham respondeu que sim, mas que a Surucucu lhe recomendara que só abrisse a cestinha em casa.

Mas os companheiros de Uánham tanto insistiram em abir a cestinha, que, afinal, acabaram conseguindo.

Da cestinha saiu a Noite: a Primeira Noite.

Os companheiros de Uánham, espantados e com mêdo, puseram-se a gritar, fugindo, depois, às cegas.

E Uánham também se pôs a gritar: Tragam a lua! Tragam a lua!

Porque Uánham tinha ficado só dentro da Noite.

Então os parentes da Surucucu — a jararaca, o lacrau, a centopeia — que já haviam dividi-

do os venenos entre si, cercaram Uánham, e a jararaca, irmã da Surucucu, o picou no dedo do pé.

Uánham sentiu a dôr, conheceu que a jararaca o picara e disse:

— Sei quem tu és, sei quem tu és. Os meus companheiros te matarão.

Tôdas as outras cobras foram experimentar seus venenos em Uánham. Só a cutimbóia não, porque, sendo muito braba, os parentes da Surucucu não lhe deram nenhum veneno: só assim não morderia todos os Maués.

Uánham morreu da picada da jararaca, mas, como havia feito um trato com um amigo, êste, encontrando-o morto, fêz um banho de fôlhas mágicas e com êle banhou o seu cadáver.

Uánham ressuscitou, e, pondo-se a caminho, foi buscar em casa da Surucucu a Noite, a Grande Noite, porque a outra havia sido muito curta. E entregou mais venenos à Surucucu.

A Surucucu, para tornar a Noite grande, misturou genipapo com tôdas as imundícies que encontrou.

A Grande Noite foi feita com imundícies.

E' por isso que, à noite, sentimos tantas dores no corpo, ficamos com a bôca amarga e fedorenta.

Essa foi a Noite que Uánham arranjou para os Maués.

HISTÓRIA DA PEDRA OU DA ALIANÇA ENTRE OS MAUÉS

Tradição

No princípio do mundo houve um homem, *Ahiaiaê*, que matou, com a pedra *Nô-aitêc*, um índio Maué.

Ahiaiaê era o próprio Mal.

Os Maués tomando, porém, a pedra de *Ahiaiaê*, o mataram com ela própria, cantando:

Arépêc Ahiaiêté oén encoiçauêpê
Nôiatêc nôiaten-ô
Oipoitokai iréun-né
(Eu vinguei a morte com a mesma pedra
com que Ahiaiaê matou outro homem, antes de haver armas.)

Depois disso, perdoando-se entre sí, os Maués resolveram jogar a pedra fora, para que nunca mais nenhum dêles brigasse.

E foi essa pedra que *Uaçiri* levou para o céu, pois, se a deixasse na terra, os Maués estariam sempre brigando entre si.

Desde então foram os Maués casando-se dentro da própria tribo.

A CRIAÇÃO DO MUNDO

(*Tradição*)

O primeiro mundo Deus levou para o céu.

Os que ficaram, os encantados, sucuris, surucucus, gibóias — resolveram fazer um mundo para êles.

Então fizeram o mundo do corpo da própria irmã — *Unhanmangarú*.

Se ela ficasse com a face para o céu, nunca êles morreriam. Como ficou com a face para a terra, ela nos está chamando sempre para a sua companhia.

Ela disse aos irmãos:

— Vocês me fizeram terra: está bem. Eu vos chamarei, pois, sempre para mim.

LENDA DO TIMBÓ E DA PRIMEIRA ÁGUA

Antigamente, quando os Maués ainda não existiam, havia dois irmãos de nome Ocumáató e Icuaman.

Um dia Icuaman convidou Ocumáató, todos os bichos da terra e os peixes, para uma festa.

Nessa festa começaram logo a tratar de vários assuntos, ao mesmo tempo, o Jeju e o Matrinchão, nada dizendo, porém, de acertado.

Falou o Jeju, primeiro; depois, no intervalo da conversa de outros bichos presentes, falou o Matrinchão.

Ora, Icuaman tinha levado consigo o seu único filho, criança muito ladina que, notando os erros do Jeju e do Matrinchão, se pôs a corrigi-los, divertindo com isso as pessoas presentes.

O Jeju e o Matrinchão, zangados, fizeram uma pagelança para o menino adoecer.

Ao chegar a casa, o menino adoeceu, morrendo depois de muitos sofrimentos.

Icuaman, diante do corpo do filho, jurou vingar-lhe a morte, um dia, atribuindo-a ao irmão.

Enterrou, primeiro, a perna esquerda: dela nasceu o "timbó-urucú-ocúhúp", isto é, o falso timbó.

Depois, então, enterrou a perna direita: dela nasceu o "timbó-cipó-ocuhén", isto é, o timbó verdadeiro.

Ora, junto a Ocumáató, irmão de Icuaman, morava o Sucury-Ténon, que tinha também um filho, muito ladino e muito curioso, chamado Sucury-Pacu.

O Sucury-Ténon proibira o filho de ir à casa dos seus tios, o Jeju o Matrinchão e a Traíra, porque, como todos os peixes, de péle, eram feiticeiros maus.

O menino, porém, desobedecendo-o, um dia, foi à casa dos seus tios, pois ouvira, em conversa do pai com outros, que um dos seus tios, o Jeju, tinha inventado, por meio de magia, a Primeira Água.

Ao chegar à casa dos seus tios, não os encontrou, mas encontrou a tia, a Traíra, mulher do Jeju.

Os tios, disse-lhe a velha, estavam fazendo uma viagem.

A mulher de Jeju não gostava do sobrinho, mas o recebeu bem, fazendo-o sentar-se. E conversou com êle.

O menino não se cansava de conversar, tudo querendo saber, mas, em verdade, só desejava sa-

ber se o tio, o Jeju, tinha inventado a Água. Estava pondo na conversa muito disfarce para provar desinterêsse pelo verdadeiro motivo da sua visita aos tios.

De repente pediu à tia que lhe mostrasse a Água que o tio havia inventado.

A Traíra ficou muito espantada quando o sobrinho lhe falou na Água: Quem te contou?

— Ouvi falar.

A Traíra mostrou-lhe, uma poça pequenina onde estava a Água.

(Como sôbre uma placa de espelho, vinda do céu, estava caindo sempre uma gôta de água: tan! tan! tan!

O sino de hoje, explicou o narrador, é a imagem daquele pocinho e daquela gôta de água.)

— Então, isso é que é a Água, minha tia? perguntou a criança.

— E' isso.

— Ah! — admirou-se êle. Eu pensava que era grande!

A tia ficou zangada com o pouco caso que o menino fizera da invenção do Jeju. Como era uma feiticeira má, fêz um feitiço contra o sobrinho. Porque naquele pocinho estava a Primeira Água ou o Princípio da Água.

Imediatamente o menino começou a queixar-se de tonteira, de pêso no estômago, de falta de

ar. E despediu-se da tia, voltando para casa, onde se queixou ao pai.

Sabendo que o Sucury-Pacu estivera em casa dos tios, disse logo que o filho estava enfeitiçado. E mandou que o menino fôsse procurar remédios com quem o enfeitiçara.

O menino foi.

Como o Jeju, ao chegar da viagem, com o Matrinchão, fôra avisado pela mulher da visita do sobrinho e de havê-lo enfeitiçado, bebeu depressa a água do pocinho e a vomitou numa cuia, antes do sobrinho, que já sabia em caminho, chegar-lhe à casa.

Não demorou muito tempo, chegava o menino.

Os tios o receberam, fingindo alegria.

O menino lhes pediu remédio, queixando-se de dores na cabeça e no estômago.

— Está aí! — disse-lhe o Jeju, apontando uma cuia onde vomitara a água do pocinho. — E' teu, tudo, tudo.

O menino bebeu a água vomitada e logo as suas dores aumentaram, a barriga lhe foi inchando, inchando, inchando.

O menino pediu aos tios que lhe curassem as dôres na barriga com o maracá de pagé.

O tio passou-lhe o maracá na barriga, uma, duas... e na terceira vez a barriga do Surury-Pacu estourou, dela começando a correr grande

quantidade d'água, que foi enchendo a casa e ameaçava cobrir os que estavam nela.

Vendo isso, o Jeju mandou chamar o Morcego, a Andorinha, a Ariramba, o Sapo.

O Morcego e a Andorinha vieram, mas, voando, só roçavam a água. Nada mais faziam.

A Ariramba, a Garça, o Maguari, vieram, também. Voaram sôbre a água e foram ficar sôbre os páus, só espiando.

O Sapo, assim que viu a água, contente, foi logo saltando nela, aos gritos.

— Ah! Agora a gente já se pode banhar.

E caiu nela, pondo-se a cantar, noite e dia, no fundo.

A voz dêle é baixa e rouca porque ele só canta no fundo dos lagos e dos rios.

Então o Jeju mandou chamar o Surury-Ténon, pai do menino.

O Surury-Ténon veio.

O Jeju lhe pediu que fôsse abrindo caminho para a água.

— Ora, isso é fácil! respondeu o Surury-Ténon.

Pôs-se a fumar cigarros de tauari, jogando as pontas para os cantos da casa, uma, duas, três vêzes.

E atirou-se, em seguida, nágua, procurando abrir caminho para ela, passando sob o ba-

tente da porta, até que conseguiu sair da casa dos feiticeiros e arrastar consigo a água.

O Jeju só fazia recomendar-lhe que não olhasse para trás "para a Água fazer o rio direito e não tôrto".

O Surury-Ténon não quis obedecer ao Jeju e foi à frente da água, cavando o leito do rio, mas sempre olhando para os lados e para trás.

(Por isso, explicou o narrador, as cabeceiras do Rio Andirá são feias, cobertas de árvores do igapó.)

Os peixes, vendo que a Água crescia cada vez mais, resolveram mergulhar nela e saltar de um lado para outro.

As aves — Ariramba, Socó, Garça, Marreca, Marrecão, Anany, Andorinha — ficaram pelas árvores das margens do Rio Andirá. E com elas ficaram os morcegos, rente à água e nos ocos dos paus.

Icuaman, sabedor de que a Água tinha formado os rios, os paranás, os lagos, os igarapés, os igapós, disse:

— Agora é que eu vou me vingar. Já sei que os peixes foram os assassinos do meu filho. Vou arrancar timbó! Vou arrancar timbó!

E foi.

Mandou, depois, chamar Ocumáató e contou-lhe o que ia fazer. E convidou tôda a gente para o ajudar num putirúm.

Vieram os convidados.

Icuaman recomendou-lhes que não deixassem mulher grávida pegar no timbó, senão o timbó ficaria sem fôrça.

E, batendo feixes de timbó, alastrou a Água com o suco da planta.

Todos os peixes, então, começaram a ficar tontos, a vir à tona da água, bêbedos.

A gente, aos gritos, apontava os peixes:

— Os peixes já estão morrendo! Os peixes já estão morrendo!

Icuaman e Ocumáató e os companheiros foram pegando os peixes mortos, à tona da água.

Só pegavam os maiores. A Ariramba, a Garça, o Maguari, o Socó comiam os pequeninos.

Ora, a Onça e a mulher, vendo tantos peixes, pularam n'água esquecida a mulher de que estava grávida.

Assim o timbó ficou logo sem fôrça, deixando de embebedar os peixes e matá-los.

Icuaman notou que fôra desobedecido e o resultado era aquêle.

Para castigar a Onça, tirou-lhe a sombra (matou-a) e plantou-lhe os olhos no sítio encantado que era de sua irmã Onhiamuaçabé, dêles nascendo a castanheira.

O Sucury-Ténon, dizem, mora hoje no Amazonas.

HISTÓRIA DA MANDIOCA

O grande tuxaua das Onças, — *Awiató-pót*, — tinha uma filha — *Iveroi* — muito bonita, que ainda não se juntara com homem, porque seu pai comia todos os pretendentes.

O sapo *Ó-óc*, gostando muito da moça, disse à avó que ia pedir *Iveroi* a *Awiató-pót*, para companheira.

A velha disse ao neto:

— Não vai, meu neto, que *Awiató-pót* te come. Ele já comeu todos os homens que lhe foram pedir a filha para companheira.

— Ora, minha avó, eu gosto da moça e quero ser o companheiro dela.

— Mas *Awiató-pót* é poderoso e muito ladino.

— Ladino eu também sou e conheço artes mágicas que o podem enganar e vencer.

— Então, meu neto, vai... mas toma cuidado.

O sapo *Ó-óc* foi.

Awiató-pôt morava por cima da porta de casa, e estava sempre vigiando a entrada.

O sapo *Ó-ôc* sabia disso. E não foi logo entrando. Falou do meio do caminho, bem de lonje.

— *Awiato-pót,* eu vim pedir tua filha para minha mulher.

— Entra, meu sobrinho; ela está na sala.

O sapo *Ó-óc* não entrou.

— Não quero entrar ainda, disse. Fico aqui mesmo. *Iveroi* pode ser minha companheira?

— Pode. Vai buscar minha filha lá dentro.

O grande Tuxaua das Onças queria que o sapo *Ó-óc* passasse sob a bandeira da porta (*óquén-hê*) para saltar sôbre êle o comer.

O sapo *Ó-óc* sabia disso. Pediu, então, ao Vento que levantasse (uácére) a palha da casa. O vento, que era amigo de *Ó-óc*, suspendeu a palha e êste saltou do caminho para o meio da sala onde estava *Iveroi.*

Quando *Awiató-pót* viu o sapo com a filha perguntou admirado:

— Como foi que entraste, meu sobrinho?

— Pela porta.

— E eu não te vi, meu filho!

— Você já não vê nada nem tem fôrças contra mim. As minhas artes são mais fortes que as suas.

E o sapo *Ó-óc* dormiu com *Iveroi.*

No dia seguinte pediu o sapo ao Vento que soprasse e levantasse a palha da cobertura da casa.

O Vento assim fêz e o sapo *Ó-óc* pulou do meio da sala para o caminho, defronte da porta onde estava o Grande Tuxaua das Onças.

E *Awiató-pót,* vendo-o ali, perguntou-lhe:

— Como foi que saíste da sala, meu filho, que eu nem te vi?

— Saí pela porta.

— Ânrêpain! E eu não te vi, meu sobrinho.

— Você já não vê nada nem tem fôrças contra mim. As minhas artes são mais fortes que as suas.

— Então, vai buscar peixe para mim, no meu *cuqui-wató* — (cêsto para pegar peixe).

O sapo *Ó-oe* foi... Pôs o *cuqui* n'água e esperou um pouco. Tirou-o, em seguida, chéio de peixes, e o levou para o Grande Tuxaua das Onças, atirando-lhe os peixes do meio do caminho, defronte da porta.

A Onça devorou todos os peixes.

— Ah, meu filho, ainda estou com fome. Quero mesmo experimentar se as tuas artes são fortes.

Vai procurar no mato a minha bacabeira e pega tôdas as aves e passaros que lhe comem os frutos. Quero comer todos êles, todos, todos.

O que o Grande Tuxaua das Onças queria era comer o sapo *Ó-óc.* Quando descesse da bacabeira, Awiató-pót saltaria em cima dêle e o comeria.

O sapo *Ó-óc* sabia disso, mas pôs-se a caminho

na direção da palmeira. E aos passarinhos, que ia encontrando, pedia que o avisassem da vinda de *Awiató-pót*. Depois, quando já estava perto do Tejuco, pediu a êste que o avisasse, também. E assim que chegou junto à bacabeira, foi trepando logo, depressa. Lá em cima quebrou um pedaço de galho, soprou sôbre ele, fazendo uma arte (*toquém-mu-êpê*). E o pau virou papagaio.

Mal fêz isso, um passarinho cantou: *piri-ri-ri-piri-rim!*

E o tejuco, ao mesmo tempo fêz: *curumun-môn-môn!*

Era o grande Tuxaua das Onças que se pusera aos pés da bacabeira.

— Já pegou algum passaro? perguntou êle ao sapo *Ó-óc*.

— Ahn... já tem um. Espere um pouco, que eu vou jogar um passaro mais leve.

Soprou sôbre outro pedaço de pau e preparou um (*tôcai-môm on*) breu muito pegajoso e muito forte. E disse a *Awiató-pót*:

— Apare um papagaiozinho (*ahôt-hin*). Ainda está vivo. Cuidado! Apare o papagaiozinho e aperte bem as mãos para êle não fugir.

Awiató-pót fez.

O sapo *Ó-óc* jogou-lhe um pedaço de breu.

Awiató-pót aparou o pedaço de breu, apertando-o entre as mãos, com fôrça e cuidado.

E ficou com as mãos pegajosas de breu.

O sapo *Ó-óc* aproveitou estar a Onça esforçando-se em limpar as mãos daquele breu pegajoso para descer da bacabeira e fugir.

O Grande Tuxaua das Onças ficou esfregando as mãos no chão.

(E' por isso que, a Onça tem as palmas das mãos limpas.)

Mas, assim que as viu sem breu, a Onça correu atrás do sapo *Ó-óc*.

O sapo *Ó-óc* encontrou-se no meio do caminho com um bando de mulheres (*ahupoia-in.*)

Entre elas ia uma antiga companheira do sapo.

O sapo pediu-lhe que o escondesse. Ela disse que não o esconderia, porque estava zangada (*ipêáhác*).

A irmã dela, porém, aconselhou:

— Esconde o *Ó-óc*, minha irmã, porque êsse homem sabe artes (mágicas) e pode depois vingar-se.

A antiga companheira de *Ó-óc* consentiu em escondê-lo.

O sapo *O'-óc* subiu-lhe pelas pernas para se esconder na virilha dela, mas não quis porque fedia muito. Subiu para o sovaco, mas não quis porque o sovaco dela tambem fedia. E foi esconder-se no cangote dela, debaixo do cabelo, prevenindo-a de que *Awiató-pót* já

estava para chegar e que as mulheres não deviam dizer onde êle estava escondido.

A Onça chegou até perto das mulheres, pois vinha contando os rastros do sapo. E, ao sair com elas admirou-se de não encontrar mais rastros, de terem acabado ali os rastros e não aparecer o sapo.

— Onde está o sapo *Ó-óc?*

A antiga companheira do *Ó-óc* disse que não sabia.

O Grande Tuxaua das Onças perguntou às outras mulheres. Nenhuma o havia visto.

Awiató-pót disse que ia contar de novo os rastros do sapo *Ó-óc* e que, se ao chegar junto a elas, não o encontrasse, comeria tôdas, tôdas.

Quando *Awiató-pót* se afastou o sapo *Ó-óc* disse à antiga companheira:

— Antes dêle chegar vocês vão pôr esta pedra no fogo. (E vomitou uma pedra). E quando êle, não me encontrando, disser que vai comer vocês tôdas, você perguntará: com que bôca? Ele dirá: com esta. Então você pedirá que êle abra bem a bôca. E quando êle abrir a bôca você jogará a pedra, que já estará bem quente, dentro da bôca do *Awiató-pót*.

Mal havia acabado de falar, chegou *Awiató-pót*, contando os rastros do sapo e parando, em seguida, junto à sua antiga companheira.

— Onde está o sapo *Ó-óc?*

— Não está aqui; ninguém o viu.

— Como é que os rastros dêle pararam aqui? Eu vou comer vocês tôdas.

— Com que bôca? perguntou a moça.

— Com esta aqui, respondeu-lhe *Awiató-pót*.

— Com esta? Então abre bem essa bôca para nós vermos.

Awiató-pót escancarou a bôca. A mulher que já havia tirado a pedra do fogo e a escondera perto, apanhou-a e jogou-a dentro da bôca escancarada de *Awató-pót*.

Awiató-pót engoliu a pedra quente e morreu. Mas, quando estava pulando de um lado para outro, o sapo *Ó-óc* saltou do cangote da mulher, quebrou um galho de taperebá para o acabar de matar.

O sapo *Ó-óc* arrastou o cadaver da Onça até o rio e o virou em jacaré. E foi dormir com *Iveroi*.

Êsse jacaré, desde aquêle dia, começou a comer gente.

Ninguém, vendo-o, sabia o que estava no pôrto. Não conheciam o Jacaré.

Então chamaram os bichos para saber se conheciam o Jacaré.

Nenhum dêles o conhecia.

Chamaram o Tucano Grande (*mandô-pôriá*). O Tucano Grande disse:

— Eu já vi êsse bicho, mas não me lembro mais dele: *ên-ên.*

E, por isso, até hoje, quando o Tucano canta está sempre dizendo: *ên-ên,* que não conhece o Jacaré.

Chamaram o passaro *pêréten-in.* Tambem o *pêréten-in* não se lembrava de ter visto o Jacaré, nem o conhecia.

E, por isso, até hoje, o *pêréten-in* está cantando como o Tucano Grande: *ên-ên.*

Chamaram o sapo *Ó-óc,* irmão do companheiro de *Iveroi.*

O sapo *Ó-óc* disse:

— Então vocês não estão vendo? Esse bicho é o Grande Tuxaua das Onças que o *Ó-óc,* companheiro de *Iveroi,* virou, por artes mágicas em jacaré, dando no cadáver dêle com um pedaço de taperebá. A costa dêle, vocês não estão vendo? é como a casca de taperebá. E êle come gente como *Awiató-pót.* Esse bicho é o Jacaré. E voltou para casa.

E o sapo *Ó-óc,* sabendo que o irmão havia ensinado aos outros bichos que aquêle era o Jacaré, chamou a mulher, *Iveroi,* e disse-lhe:

— Olha, minha mulher, agora é melhor que você vá viver com meu irmão, o sapo *Ó-oc,* porque você já sabe que eu matei seu pai, e um dia você poderá querer me matar. Vá viver com meu irmão.

A mulher foi viver com o outro sapo *Ó-óc*.

O sapo ficou com ela. O primeiro sapo *Ó-óc* ficou sem mulher.

Um dia *Iveroi* pediu ao seu companheiro que a deixasse ir ver o Jacaré.

O sapo *Ó-óc* não achou bom e disse-lhe que não fôsse ao pôrto dos *Muricariua* (peixes), porque os Muricariua, tios dela, eram feiticeiros maus.

A mulher teimou em ir ver o Jacaré. E foi.

Ao chegar ao pôrto dos *Muricariua*, foi-lhes dizendo:

— Vim dançar com vocês, meus tios.

— Pois dança, minha sobrinha.

Iveroi pôs-se a dançar no meio da sala. E logo um dos seus tios a "flechou", enfeitiçando-a; depois outro tio fêz o mesmo, enfim todos os tios a enfeitiçaram...

Iveroi caiu morta ali mesmo.

Do corpo dela os seus tios *Muricariua* fizeram mandioca.

Como a primeira mendioca não tivesse tapioca, fizeram tapioca do corpo do filho, que ela já trazia na barriga.

Depois fizeram o primeiro tarubá.

No dia em que os *Muricariua* beberam o primeiro tarubá, nasceram todos os bichos da terra dos Maués.

HISTÓRIA DA MUCURA E DO ACURAU

Um casal de mucuras velhas só tinha duas filhas, moças e bonitas.

Quando elas chegaram à idade de casar, seus pais a deram ao *Acurau* e ao *Caraxué*.

O *Acurau* levantava-se muito cedo e ia logo para a roça, mas o *Caraxué* ficava dormindo até alta hora do dia.

Os sogros do *Acurau* estavam muito contentes com êle e não se cansavam de gaba-lo, censurando, porém, o preguiçoso *Caraxué*, grande dorminhoco, que só tarde do dia ia para a roça.

Isso, porém, não era bem a verdade.

O *Acurau* trabalhava sòmente enquanto o sol não esquentava, porque quando o sol estava no alto, êle se escondia entre a folhagem de uma árvore. Ali dormia à vontade.

O *Caraxué*, embora começando a trabalhar com o sol quase no meio do céu, não descansava nunca, brocando, roçando, encoivarando, queimando o mato e plantando o guaraná, o milho e a mandioca. Já à noitinha era que voltava para casa.

Seus sogros, enganados pelo *Acurau*, não se cansavam de elogiá-lo e de censurar o *Caraxué*.

Um dia os velhos resolveram ir ver a roça do genro *Acurau*. Foram. E em pouco tempo haviam percorrido tôda a roça do *Acurau*.

Procurando-o, em seguida, foram encontrá-lo dorminhocando num pau, na sombra de uma ramagem. Voltaram, então, para casa e, contando tudo à filha, aconselharam-lhe que abandonasse o *Acurau*. A filha obedeceu aos velhos. O *Acurau* foi-se embora.

Apareceu o *Ariramba* e propôs à mulher do Acurau viver com ela.

A mucura aceitou e os velhos aprovaram a união que o *Ariramba* lhe propunha. O *Ariramba* disse à mulher que não sabia trabalhar, mas sabia bem pescar. A mulher aceitou assim mesmo o *Ariramba*.

No dia seguinte ao da primeira noite em que haviam dormido juntos, o *Ariramba* disse à mulher:

— Vamos, minha velha. Pega o aturá para carregar o peixe que eu vou pescar.

A mulher, com o aturá às costas, seguiu o *Ariramba* até á beira do rio.

Subindo a um pau, bem à beira d'água, o Ariramba sacudiu um maracazinho (*marari-hin*). Logo apareceu um tucunaré, depois outro, e mais outro, e tantos outros, que o *Ariramba* pescava e jogava ao aturá que a companheira tinha às

costas, até vê-lo cheinho. Só assim voltaram para casa.

Os pais da mucura, ao ver a quantidade de peixes que o *Ariramba* havia pescado, ficaram assombrados e perguntaram à filha:

— Como já, então, teu companheiro pescou tantos tucunarés?

— Ora, pescando...

— Pescando como?

— E' fácil. Depois de trepar num pau, bem à beira d'água, sacudiu o seu maracazinho e os tucunarés foram vindo.

— Bem, disseram os velhos.

E, à noite, na rêde, combinaram que no dia seguinte iriam tentar uma pescaria igual. E assim fizeram. A mucura velha pôs um aturá às costas e o companheiro dela a seguiu até à beira do rio. Lá subiu êle a um pau e sacudiu o seu maracá Veio um tucunaré, mal ouviu o toque do maracá.

E o Mucura velho, ao ver o peixe, atirou-se do alto do pau sôbre êle, mas foi cair-lhe direitinho na bôca. O tucunaré engoliu o Mucura velho.

A companheira, vendo o que acontecera ao velho, correu e foi chamar a filha e pedir ao *Ariramba* que lhe salvasse o marido.

O *Ariramba* foi salvar o sogro. Subiu a um pau, tocou o seu maracazinho e veio o tucunaré com o Mucura velho no bucho.

O *Ariramba* pescou o tucunaré, rasgou-lhe o bucho com o bico e as garras e tirou de dentro o velho quase morto.

O velho voltou para casa e aconselhou à filha que abandonasse o *Ariramba.*

A filha, obedeceu ao velho, abandonou o companheiro.

O *Ariramba* foi embora.

Veio o *Camaleão,* então, propôs casamento à antiga mulher do *Acurau* e do *Ariramba.*

A mucura aceitou a proposta do *Camaleão* e os velhos aprovaram a resolução da filha.

O *Camaleão,* como o *Ariramba,* preveniu a mulher de que não sabia trabalhar, mas, também, era bom pescador.

Dormiram juntos. E na manhã seguinte, pondo um aturá às costas, a mucura acompanhou o *Camaleão* à pescaria.

Chegados à beira do rio, o *Camaleão* mandou a mulher fazer uma fogueira. A mulher fêz. O *Camaleão,* metendo-se entre as chamas da fogueira, sapecou bem o corpo todo e atirou-se n'água.

Com o corpo todo chamuscado, as peles do *Camaleão* atraíram os peixes, principalmente os tucunarés gordos que as iam bicorando e devorando.

Isso facilitava ao *Camaleão* pegá-los para os jogar ao aturá da mulher.

Ao voltarem êles para casa, os velhos mucuras viram o aturá cheio de peixes e procuraram saber com a filha como o marido dela pescara tantos tucunarés.

A filha contou o que vira o marido fazer.

À noite, na rêde, os Mucuras velhos combinaram ir pescar à maneira do *Camaleão*. E foram. A velha levava um aturá às costas.

E, chegando à beira do rio, o mucura velho mandou a mulher fazer uma fogueira e sapecou o corpo todo nas chamas, ficando com a cauda pelada.

Como as queimaduras doessem muito, o mucura velho voltou a casa para curar-se.

E brigou com a filha, aconselhando-a a deixar o companheiro.

A filha assim fêz.

O *Carrapato* (*uéuát-uató*) sabendo que a mucura, moça e bonita, havia deixado o marido, foi propor-lhe casamento.

A mucura aceitou, porque o *Carrapato*, embora não soubesse fazer roça como o *Acurau*, nem pescar como o *Ariramba e o Camaleão*, sabia apanhar frutos.

No dia seguinte, depois de dormir juntos, o *Carrapato* convidou a mulher para ir com êle apanhar frutos.

E a levou para o pé de uma castanheira com um aturá às costas.

Aí subiu à arvore e pôs-se a jogar os ouriços no aturá da mulher, até enchê-lo.

Depois, agarrando-se a uma fôlha da castanheira, atirou-se de um galho na direção do aturá.

Aparecendo em casa com o aturá cheio de castanhas, os sogros do *Carrapato* perguntaram à filha como haviam apanhado tantas castanhas.

A filha contou tudo o que o marido fizera.

À noite, na rêde, os velhos combinaram ir no dia seguinte apanhar castanhas.

Foram.

A mucura velha ficou ao pé da castanheira, com o aturá às costas. O velho subiu à arvore e lá do alto começou a jogar ouriços no aturá, até enchê-lo.

Depois, apertando uma fôlha de castanheira ao peito, jogou-se de um galho abaixo, na direção do aturá, mas, como era muito gordo (*ikêp*) e pesado, esborrachou-se no chão.

A velha voltou sòzinha para casa.

ORIGEM DOS BICHOS

No princípio do mundo todos os bichos eram gente como os Maués.

E, assim que os *Muricariua* fizeram *tarubá* do cadáver de *Iveroi,* filha do Grande Tuxaua das Onças, os que eram gente e hoje são bichos resolveram fazer uma Dança da Tocandira.

O *hêté-uacôp,* encarregado de convidar gente para a festa, era casado.

Então, este falou à mulher.

— Olha, mulher. Amanhã vamos para a Dança da Tocandira. Vai haver muito *çapó* e muito *tarubá.* E muita gente, muita.

Naquele tempo, ainda o convidado estava longe da casa da festa e já os donos iam encontrá-lo no caminho — levando-lhe um bom *tarubá.*

Nesse dia, porém, a mulher dêle disse que estava incomodada (*tupê-huá-nei*), só para o enganar.

Então, o *hêté-uacôp* encarregou a cunhada de levar os enfeites dêle para a casa da festa.

Logo que a mulher do *hêté-uacôp* viu que o seu homem havia saído, correu até o mato, apanhou caroços (*poi-nhan-ahe*) de inajá, quebrou-os, tirou-

lhes os bichos de dentro e passou-os no cabelo como óleo.

E, correndo por outro caminho, dirigiu-se para a casa da festa, afim de lá chegar antes do marido.

Ao chegar o *hêté-uácôp*, à frente dos convidados, no sítio onde costumava demorar-se, ali lhe contaram que a mulher dêle já tinha chegado havia muito tempo.

O *hêté-uácôp* disse que não era possível, porque a mulher ficara em casa incomodada... que deveria ser outra parecida com ela.

Mas quem lhe contou isso teimou em afirmar que era a mulher do *hêté-uácôp* que estava na casa da festa.

Então o *hêté-uácôp* transformou-se num pequeno passáro e foi até a casa da festa, ver se a mulher lá estava como diziam.

E estava mesmo, dançando com o seu namorado.

O *hêté-uácôp* saiu da casa da festa zangado e, ao encontrar os seus convidados, disse que naquela noite ia acontecer muita coisa ruim, por isso todos êles não o deviam abandonar e estar alerta aos toques (*aitócan*) da sua buzina, que eram diversos.

Um dêles ora soava baixo, ora agudo, ora longo.

Têrêrêrê!... têrêrêrê!... tê-rêrêrê!...
Ten! Ten! Ten! Ten! Ten! Ten!

Foi em seguida conversar com o raio, com o trovão e com a chuva.

Os convidados foram sòzinhos para a casa da festa.

Caiu, pouco depois, sôbre a terra dos Maués um temporal feio, prendendo tôda a gente dentro da casa da festa, enlameando e sujando de galhos e de fôlhas o terreiro.

De repente o *hêté-uácôp* apareceu na casa da festa e bateu na mulher, bateu, bateu, bateu, puxando-lhe por fim o nariz.

A mulher era gente, mas virou logo tamanduá-bandeira.

Com a buzina o *hêté-uacôp* deu no namorado dela, puxando-lhe o nariz também. Por isso êle virou anta, ficando com o focinho comprido.

Deu na cunhada, que virou *tamanduá-y*.

Deu num dos seus convidados e êste virou veado (*anhian-hop-wató*).

E, porque fugiu pela porta, ficou com os quartos largos.

Deu com a buzina noutro convidado e êste virou (*amanhêri*), fugindo, às cegas, através da parede de palha, por isso não tem carne na bunda.

Nessa noite todos os convidados que ali estavam, viraram bichos.

A velha que ralava guaraná (Téeêpéé), ao fugir para o terreiro com a cuia, a pedra de ralar (ué-y) e a bola de guaraná (uaraná-pé-ahá), virou jaboti. A cuia é o casco, o coração é um pedaço de guaraná e o peito é a pedra.

HISTÓRIA DO GUARANÁ

Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumáató, Icuaman e Onhiamuaçabê.

Onhiamuaçabê era dona do Noçoquem, um lugar encantado na qual ela havia plantado uma castanheira.

A jovem não tinha marido; porém todos os animais da selva queriam viver com ela.

Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem conhecia tôdas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Uma cobrinha, conversando com outros animais, certa vez, disse que Onhiamuaçabê acabaria sendo sua espôsa.

Foi então espalhar pelo caminho por onde ela passava todos os dias um perfume que alegrava e seduzia.

Quando Onhiamuaçabê passou pelo caminho, aspirando o perfume, disse:

— Que perfume agradável!

A cobrinha, que estava próximo, disse a si mesma:

— Eu não dizia? Ela gosta de mim!

E, correndo, foi extirar-se mais adiante para esperar a moça.

Ao passar ao seu lado, tocou-a, levemente, numa das pernas.

E isto só bastou para que a moça ficasse prenhe, porque, antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse para espôsa.

Porém os irmãos de *Onhiamuaçabê* não queriam que ela se casasse com gente, animal, ou árvoque tivesse filhos, porque era ela quem conhecia tôdas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Por isto, quando a moça apareceu prenhe, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram e falaram, dizendo que não queriam ve-la com filho.

Chegou o dia do nascimento da criança.

A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la.

Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até a idade de falar.

Logo que pôde falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam.

A moça contou ao filho que, antes de o sentir nas entranhas, plantara no Noçoquem uma Castanheira, para que êle lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia dêles, se

apoderaram de Noçoquem e não o deixariam comer castanhas.

Além disso, os irmãos da moça tinham entregue o sítio à guarda da Cotia, da Arara e do Periquito.

O menino, porém, continuou a pedir a Onhiámuáçabê, mãe dêle, que lhe desse a comer as mesmas frutas que os seus tios comiam.

Um dia, então, Onhiamuaçabê, a moça, resolveu levar o filho ao Noçoquem para que comesse castanhas.

Assim, indo a Cotia ao Noçoquem, viu no chão, debaixo da Castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas.

A Cotia correu e foi contar o que vira aos irmãos da moça.

Um dêles disse que talvez a Cotia se enganasse; o outro disse que não podia ser verdade.

Discutiram.

E, afinal, resolveram mandar o Macaquinho-da-bôca-roxa tomar conta da Castanheira, a ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobiçava, já conhecendo o caminho do Noçoquem, tornou a ir lá no dia seguinte.

Ora, os guardas do Noçoquem, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrassem, viram o menino subir, às pressas, à Castanheira.

E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras arvores, tudo observando, correram e foram esperá-lo debaixo da Castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanhas.

Dando por falta do filho, a mulher já se havia pôsto a caminho, para o buscar, quando lhe ouviu os gritos.

Correu na direção do filho, mas já o encontrou decepado ás mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando sôbre o cadáver do filho, a moça Onhiámuáçabê disse:

— Está bem, meu filho. Foram os teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás.

Arrancou-lhe primeiro o ôlho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu dêsse olho não prestava; era a do falso guaraná.

Arrancou-lhe, depois, o ôlho direito e plantou-o. Dêsse olho nasceu o guaraná verdadeiro.

E, continuando a conversa com o filho, como se o sentisse vivo, foi anunciando:

— Tu, meu filho, tu serás a maior fôrça da Natureza; tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas moléstias e os curarás de outras.

Em seguida juntou todos os pedaços do corpo do filho. Mascou, mascou as fôlhas de uma

planta mágica, lavou com sua saliva e o suco dessa planta o cadáver do filho e o enterrou.

Cercou-lhe a sepultura com estacas e deixou um dos seus guardas de inteira confiança, vigiando-a.

Recomendou a êsse guarda, que era o Caraxué, que a fôsse avisar, assim que ouvisse qualquer barulho saído da sepultura, pois ela saberia quem era.

Passados alguns dias, o Caraxué, ouvindo barulho na sepultura, correu, correu e foi avisar Onhiámuáçabê.

A moça veiu, abriu o buraco da sepultura e de dentro dela saiu o macaco Coatá.

Onhiámuáçabê soprou sôbre o macaco Coatá e amaldiçoou-o: andaria sem repouso pelos matos.

Fechou de novo a sepultura e lançou-lhe em cima o sumo das fôlhas da planta mágica com que lhe lavava o cadáver.

Dias depois o Caraxué foi avisá-la de que ouvira um barulho na sepultura do menino.

A moça veiu, abriu o buraco da sepultura e dêle saiu o cachorro-do-mato Caiarára.

Ela soprou sôbre êle e o amaldiçoou, para que ninguém o comesse.

Fechou de novo a sepultura e foi-se embora.

Dias depois o Caraxué foi avisar que ouvira barulho, de novo, dentro da sepultura.

Onhiamuaçabê foi até lá; abriu o buraco da sepultura e dêle saiu o porco Queixada, levando os dentes que deveriam caber a todos os Maués e a todos os homens.

Onhiámuáçabê expulsou também o porco Queixada.

(À proporção que saía um bicho da sepultura do menino e era expulso, a planta do guaraná ia crescendo, crescendo.)

Passados alguns dias o Caraxué ouviu barulho na sepultura e foi avisar Onhiámuáçabê.

Êla veio de novo, abriu a sepultura e dali saiu uma criança que foi o primeiro Maué, origem da tribu.

Êsse menino era o filho de Onhiámuáçabê, que ressuscitara.

Onhiámuáçabê agarrou-o, sentando-o nos joelhos. E pôs-lhe um dente na bôca, feito de terra.

(Por isso nós, os Maués, procedemos de cadáver e o nosso dente apodrece.)

A mulher foi lavando tudo, tudo, devagarinho, os pés, a barriga, os braços, o peito, a cabeça do menino com o sumo das fôlhas da planta mágica, que mastigara.

Quando ela estava, entretida, fazendo isso com o filho, os seus irmãos chegaram, de repente, e a obrigaram a deixar de lavar-lhe o corpo.

(Êste é o motivo por que os Maués não mudam de péle, como cobra.)

VOCABULÁRIO COMPARATIVO (*)
da
LINGUA MAUÉ

Segundo Nunes Pereira
e
Curt Nimuendaju

(*) Nota XX. Os vocábulos constantes da primeira coluna — sob o título geral MAUÉ — foram coletados por NUNES PEREIRA; e os da segunda coluna por Curt Nimuendaju.

PORTUGUÊS	MAUÊ	
Corpo	uypê	
Cabelo	uyaçáp	uysáb
Cabeça	uyacang	uykisá
Miolos	iamantan	
Face	uyéncorá	
Testa	hoatuá	
Sobrancelha	hurerácan-apé	
Palpebra	hurerápeó	
Pestana	hurerápeó-peçap	
Olho	hurerá	huhehá
Globo ocular	hurerá-hin	
Nariz	uyéncoáp	uyankwád
Narinas	uyencorapê	uyankwadopí
Labio	unrêpê	unhembé
Boca	uynen	uyve
Dente	hain	uhai
Gengiva	hainpê	
Lingua	uinçóp	uhenkú, eenkú
Queixo	urênoá	
Barba	uiesáp	uyvesáb
Bigode	"	
Orelha	uiarapá	uyhapê, uhevau-raopi
Pescoço	uhudepê	uhudíb
Cangote	uianumbê	
Nuca	uhécang	
Ômbro	uicaipê	
Sovaco	ipópeipê	
Braço	uicá	uykesuiá
Ante-braço		uypoesuiá
Cotovelo	uipôpêacang	uypopiakana

Mão	uipaá	uypó
Dorso da mão		uypoogpé
Palma da mão	uipópêoá	uypaapiawa
Dedo da mão	uiponhang	uypúia
Unha da mão	uipéhanpé	uypuyhampé
Costa		uyapé
Peito	uipoteá	uypotiá
Mama	uihemi	mi
Leite	mihê	
Bico do peito	uimemabóc	
Coração	iuênan	
Estomago	uipeá	
Figado	ipêá	
Barriga	unronomeá	unhunbiá
Umbigo	uiperêmá	
Penis h.	uiahêp	uhaá, saá (dela)
" b.	"	
Escrotos	uhaápean	
Orgão sex. masc.	uiahêt	
Cabelo do púbis	uipêcap	
Vulva	cian	siá
Orgão sex. fem.	hairepoiá	
Nadega h.	uretoá	
" b.	"	
Anus	uiapê	
Coxa	uiutú	uyuptú
Virilha	imuanbé	
Perna	uican-uptú	uycanoktú
Joelho	uipéacang	uypiakana
Pé	uipêopê	uypi
Dedo do pé	uipéhang	
Palma do pé	uipéauá	
Calcanhar	uipéaçucá	
Carne		ipui

Osso		uikan
Medula	uicagomaimbê	
Veia	han-huin	
Visceras	uimeên, uimaán	
Tripas	" "	
Urina	aré-hi	si
Fezes	uhun? iumi	
Água	eê	ii
Rio	"	i wató
Mãe do rio	ihêcorô	
Igarapé	eê hid	
Onda	uetú	
Banzeiro	"	
Vento	uotô (ê)	iwuitú
Pingo dágua	eê hoin	
Furo		
Lago		
Terra	uî	iy
Areia	uî-cuid	
Pedra	nô	
" quente	nôsásôp	
Lama	ipi-pi	
Tejuco	yapó-perucptóc	
Terra alta	uitêó	
Montanha	"	
Mato	mopê	naapí
Mata	naápê	
Arvore	aria-êp	aria-ib
Casca de pau		iipé
Raiz de pau	aria-it-sapó	aria-ib-sapó, hapó (dela)
Fôlha	ihób	
Flôr	potyra	ipohid
Fruta	caá	
Fruta madura	ia tã	

Semente	caá-hin	
Palmeira	maré	
Castanheira	cên-inhan	wanyã-ib
Assahy	uassahy	wasaí
Bacaba	auhi-riri	hawahuí
Mandioca	maní	manióg
Milho	uatê	awatí
Feijão	cumanan	kumaná
Batata	uriurú	uriurú
Cará		awaiá
Pupunha	muravê	
Taperebá	acaí-êp	
Urucú		wakáb
Fumo	çohô	suhú
Fôlha de fumo	çohô-hôp	
" " " (rôlo)	çohô-pui	
Pimenta	mucê	mocê
" malagueta	mucê-terin	
ova de peixe	mucê-pirá-opiá	
Algodão	amunguêsuáp	amokiusuáp
Cana braba		uwá
Capim navalha	açoaran	
Timbó falso	timbó-urucu-ochup	
" verd.	timbó-cipó-ocunhén	ukú
Taboca		kariwá
Guaraná verd.	uaraná-cécé	
" falso	uaraná-hôp	
" bebida	çapó	
Tarubá	tarubá	
Caxiri	cassiry	
Farinha dágua	ui (u longo)	ui
Tapioca		maniaí

Beijú		man
Bebida	mahê	
Toucinho	icáp	
Gordura de morto	"	
" " vivo	ikêp	
Carne de peixe	pirá-ipoí	
" assada	micê	
" cosida	mianon	
Ceu	atepê	atipi
Chuva	iaman	iamán
Trovão	hurururuê	hurûe
Temporal	iuêtuató	
Arco iris	uê-êp	
Nuvem	ui-hin	
Raio	merémerêbê	
Sol	aát	aád
Lua	uatê	watí
Dia	hiradóc	ihodóg
Noite	uantén	
Treva	"	watém
Relampago		pirige
Luar	uatehót	uaikirú
Eclipse lunar		wai hué
Venus matutina		wikiri wató
Via lactea		iwaipoáb
Pleiade		mopiy
Estrela	uaikirú	waikirú
Fogo	aria	aria
Calor	auacup	
Fumaça	uan-ê-hin	ehi
Cinza	itú	
Lamparina	ariandê	
Lampada eletri.	ariandê-hin	
Querozene	ariandêurê	

Tição	aria-pê	
Carvão	aria-sapui	
Fosforo	aria-vid	
Ave	uetá	weitá
Pena		háb
Aza		ipepó
Ovo		hupiá
Mutum fava	miahô	viavú
Matum pinima		miiuaã
Inhambú grande	uri-uató	
Pato	ipec	ipég
Marreca	"	
Anany	"	
Papagaio	ahôt	ahúd
Periquito	óquib	
Gavião	hêhui	hiwi
" real		hiwi-waté
Ariramba	arirambá	
Arara vermelha	hanón	hanón
" amarela		karú
" azul	anunhit	
Saracura	taraucú	
Jacú	çáôá ; meiunibó?	
Tucano grande	mandô-poriá	
"	nhungán	
Urú mutum	ucurá uató	
Jacamin	uré	
Andorinha	muquiá	
Galinha	uaipecá	waipaká
Urubú rei		uruvú-hin
"		uruvú
Pica-pau	çamã	
Macaco cuxiú	cuçiú	
" prego		hanuan

Onça pintada		awiató-tin
" sussurana		awiató-húb
" (Rei das Onças)	suató-pót	
Paca	pág	pái
Tamanduá bandeira	himpá	himpá
" mirim		ariúkerê-wehihíd
Tatu	çahú	sahú
Tamanduá colete		
Macura m. (velho)	ohónanin-ipáiat-poát	
" f. (velha)	ohónanin-oarei-poát	
Coati purú	cutierê	
Morcego	haquêhí	haki
Cachorro	uaré	awaré
Jacaré		yakaré
Cobra		moí
" sucury	surury-tenón	sukuriú
" "	surury-pacú	
" giboia		mói ató
" jararaca		mói poró
Tartaruga		wawori wató
Jaboty	auary	wawori
Tejú		nnehú
Lontra		
Peixe	pirá	pirá
Jatuarana		piráyi
Aracú	aracú	
Surubim	surubi	surubi
Jacundá	auitarú	
Sarapó		urewó
Piranha		piranya
Cabeça de pedra	anuiá, auyá	

Raia	iauéuerá	araya
Camaleão	caraóó	
Pulga		inyú
Piolho		níb
Carapanã		karapaná
Piúm		upiú
Abelha		awiá
Cabaʊ		náb
Aranha		kiá
Formiga		sari
Borboleta	murupêi	morepéi
Cupim		nupiá
Ambuá		mukúd
Minhoca		tsivuí
Barata	apeê	
Bezouro	aurú	
Centopeia	apênhá	
Cigarra	caraoó	
Lacrau	çapó	
Tocandira	uatê uamaʊ	
Inverno		iamân mod
Verão		aád piad
Homem		ihahyniá
Mulher	hariporia	onyanyá
Pai	pai	
Mãe	mamãi	
Filho	iménpoêt	
Filha	haquiêt, pihin	pihin, uhakiéd
Irmão		uheikeéd
Irmã		uykivid
Tio	hamón	hamú
Tia	apei	titia, itiwiid
Avô	acei	aseí
Avó	harê	

Cunhado	chero-aí	
Cunhada		
Primo	hapuá	
Prima		
Marido (meu)	aitó	uheaytó (meu)
Mulher (minha)	uaré	uyvari (minha)
Sogro	hamonbó	hamunbód
Sogra		uakidopód
Velho		nyã
Velha		nya, hari
Namorada		ohéoairê
Gente		mid
Negro	tapaiuna	tapáy
Munducurucú		moturukú
Indio brabo		paritin
Lingua de índio		tapiiya posú
Nome		uhéd
Tuxaua	moregua	tusau, morekwaád
Alma de defunto		ahián, hehó
Sombra		uypaáú, ipaú
Pagé	paini	payní
Menina	pian	
Soldado	çurara	
Autoridade	morêquá	
Caveira de gente	míácang-sóc	
Casa	nétáp	netáb
Cumieira	handicán	
Cobertura da casa		ok
Esteios	iangupé-coró	
Travessão	pá-êp	
Quarto	nétáp	
”	cupirapé	
”	nun-ê-uát	
”	mehon-uát	

Cosinha	mêp iát	
" sem forno	miúnmún-háp	
Casa da dança	airú iát	
Sala	uquêpê	
Porta	uquen-hêp	
Chão	êí	
Galinheiro	uiapacá-iát	
Giráo	paracaí	
Moquem	"	
Gareira	paátú	
Forno	mêp	
Peneira	pananém	panané
Panela	uaman	iykauyuanuaá, uâá
Colher de pau	uaman-a-apê	
Ralo	uecê	iwssé
Cabo do ralo	uêp	
Banco		banko
Cadeira		apikáb
Rêde	enim	ini
Punho da rêde	enim enarô	
Beira da rêde	enim ambê	
Fundo da rêde	enim pê	
Tipiti	môhóró	
Pá (para mexer farinha)	porá	
Abano	membê	
Balaio	maiá	
Aturazinho	êharim	
Jamaxi	curivô	
Espanador	uáquêiô-i-uató-uai-pçáp	
Cesta	urú	
Vassoura	çauré	
Fuso	penemá	
Palheta	enin-totúháp	

Bastidor	enin-pueri-háp	
Machado	háp	iwiháb
Faca	quicé	kisé
Canoa	iará	iará
Remo	apuquitá	apokuitá, apokuitáb
Arco	muriuát	moriwád
Flecha		moriá
" para peixe	húandê	
" zagáia	huám	
Bico de flecha	oiporé-ainhan	
Pena de flecha	oiporêaçáp	
Espingarda	mucá	
Polvora	mucá-cui	
Espoleta	mucá-am	
Anzol	pinan	piná
Linha	limói	
Esteira		tupé
Panacú		panakú, kurivú
Tesoura	çapirá	
Pente	quá	
Couro	pé	
Camisa		camiça
Loção	murranhê	
Caminho		moáb
Barraca		ók piáy
Pano	çupé	sogbé
Cuia		kuia
Terçado	quiçé-hêp	
Cigarro	çohô	suhu
Flauta		kariwá
Cachaça	marrê	kawi
Jamarú		kuiruá
Remedio		mohan
Doença		ahú, iahú

Cadaver		ikúrorokád
Mel		ẽwid
Caçador	meát-êp	
Pescador	pirá-êp	
Tecedeira	haripóia-enim-nun háp	
Construtor de canoa	iaranhunhác	
Contador de histórias	céharenoi-ap	
Branco	icaticin	
Vermelho	ihôp	ihúb
Preto	hon	hun
Azul	ihêlêp	ihirib
Amarelo	iápohup	ikai
Verde	icahái	
Um	uêntôp	wétub
Dois	têpê	tipid
Tres	mãi am	maeim
Quatro	têpê-êó	tipivevoá
Cinco	entô-caen-moraniá	wetub kaviad moranya
Seis		kôháviad maitiá
Sete		môháhab
Oito		mopiasëd
Nove		maewariw átupiad
Dez	tapia moraniá	maewariwi
Domingo	mêtô	
Segunda	moiratê-opê	
Terça	moiratê-mocoin	
Quarta	moiratê-moçapê	
Quinta	supapá	
Sexta	uiucuacô	
Sabado	çaurú	
Hoje		koytuy

Hontem		naadpó
Agora		mësuu
Amanhã		monkité
Ainda agora		koytoi
Alto		uwayti
Pequeno		kurin
Baixo		iypiy
Bom	uaco	wacu
Bonito	icohó	ikahu
Grande	uato	iwató
Feio		ipoitiy
Muito		tiypiiy
Pouco	curin	tiypi

VOCABULÁRIO

Coligido por Teófilo Tiuba
no Pôsto Indígena do Rio Andirá
Estado do Amazonas

Boró	bom dia
Rekáa	boa tarde
U-amdén	boa noite
Ariá-den-rém	querosene
Marrêt	cachaça
Terú-ró	traz ou me dá
Eri-o-ró	Vem cá, vem para cá
Totó	osso
I-anamú-copê	Vai para o cerrado
Tai-ró	Vamos
Tasó-náa	fornicar
Siam	sexo da mulher
Opée	nadega
Miú	comida
Tairó até-mu	vamos comer
Teru-rá-su-fú	dá-me cigarros
Arêt	sexo do homem
Supiá	ôvo
Hé-hé	água
Pinan	anzol
Quá	pente
Supé	pano
Teruró- supé	dá-me pano
Iámani	chuva
Curó	morreu
Toucá	brigar
Ot-que-sá	você quer
Eu-euá	comigo
Ere-te-quesari	não quero
Puhi	carne
Amaú	porco
Êt	veado
Irupê	senta-se
Erepé	contas
Iárá	canoa
Iárá-uató	canoa grande
Burú	grande
Curim	pequeno
Oquet	remo
Apucuitá	sal

Ariá-hép	pau
Ariá-pé	tição
Ari-poriá	mulher
Piam	menino
Pirim	moça
Quisé	faca
Quisé-hêp	facão
Bap	machado
Muká	espingarda
Muka-autó	rifle
Cariuá	branco
U-aipacó	galinha
Agua-ré	cachorro
Sapiró	tesouro
Ui-at	é meu
Aré-Burú	?
San-san-am	ruim
Nu	pedra
U-ai-querú	estrêla
Uát	sol
Aát	lua
Aná-cup	calor
Ci-tó	eu
Te-aman	tocandira
Rai-ru	dançar
Siróco	calça, ceroula?
Camiçá	camisa
Acuri	cutia
Auari	jaboti
Maré	palha
Pará-cai	cerol
Simó-i	linha
Muká-cui	polvora
Eni	rêde
Atoquêt	dormir
Ote-quesó, .atoquêt .eu euo	você quer dormir comigo
Terurá eni	traz minha rêde
Cánámón	para que me quer?
Toi-nê rai-rú	tem festa mais tarde
Paná-ne	a peneira
Totó mampé, copé	ele foi caçar
Morróró	tipiti

Auari-uató	tartaruga
Amêt-niá	esfolado
Cará-niá	quantos
Arerri	urinar
Ran-nió	homem
Tupaná	santo
Tapai-una	prêto
Nacoi	não é bom
Icáp	gordo
Icang	magro
Surará	soldado
Surárá-uató	tenente
Urgia	xibé
Irrê	caldo de panela
Uaan	panela
Terurá-hê hê comum-dipia	traz água do pote
Terurá-aria-hêp	traz paus
Terurá-arió-pé	traz tição de fogo
Amaú-pé	couro de porco
Et-pé	couro de veado
Amaú-sin	veadinho
Piam-rim	meninozinho
Aripo-ria-rim	mulherzinha
Rêcató	espera aí
Tairó-reirú meicuram ..	vamos à festa mais tarde
Meicurám ranó	até logo
Pirá-rim	peixe pequeno
Pirá-eu-ató	peixe grande
Aueató	onça
U-eu-ató	anta
Et-tecto	cortar
Etipó pó	bater
Êt-arrê	bater
Muquiát	andorinha
Tepuna	joga fora
Aicotain	como tem passado
Raminon	pagamento
Muram-rêe	loução
Ariugue	preguiça
Bimbá	tamanduá
Erequetem	excremento

Au-iu	sujo
Ipo-ró	melhor
Uir-rópt	ferruada
Raminon	paga o que me deves
Erramon	sogro
Chero-ai	cunhado
Nêm	padre
Nêp	piolho
Tipo-na	jôgo
Aí-umbé	onde tem? onde está?
Toiné	você tem
Icarró	bonita
Aicopé	aonde
Roni-há	homem
I-arrôt	doente
Arrot	papagaio
Picasú	pombo
Anon	arara
Minxicui-ocó	lá-vai
Suaná	camaleão
Errê-papei	bota pela beira
Etpacht	partir
Uatué-rit	encosta
Toine eu	está
Etaptcoát	pega, segura
Epeká	pato
Enê-poasé	bota pelo largo
Etonon	faz ou prepara
Toiné	tem
Uaco	bom
Uaco sesé	bom de mais
Reçó-aitalá	diz que é mentira
Reçó	mentira
Péua terana	diz que é verdade
Epoinê	não fala
Epoiam	levanta
Meipetô	lá vem
Baiuá	jacaré
Jocó	já passou
Mio-iraendú	ainda vem
Etpu-airaam	já está perto
Apê-arrak	está zangado
Riá-té	está longe

Nioeriti	lá está
Menti	cá está
Icaá	buraco
Etopanicaké	entra no buraco
Con	o que, como
Marêquat	autoridade

NOTAS

(1) Na história do municipio de Parintins, que é um dos mais futurosos e prosperos do Estado do Amazonas, vamos encontrar, de par com a descrição dos aspectos físicos da área geográfica a que nos estamos referindo, a descrição do elemento humano que o ocupava nos primeiros dias da Conquista do Setentrião. Desde logo, entre aqueles aspectos físicos, ressaltam os terrenos elevados, a cavaleiro das enchentes periodicas dos rios, e o enriquecimento em humus, por meio deles, das suas extensas varzeas, restingas e cacayas.

Pedro Cordovil foi encontrar, em 1796, na Ilha de Tupinambarana, — assim denominada porque ali se haviam refugiado outróra os Tupinambás, principalmente na ilha Maracá — além dos representantes desse grande povo, os Sapupés e os Maués.

Segundo Antonio C. R. Bittencourt "áquellas tribus reuniram-se, em 1790, Paravianas e Uapixanas, vindos deportados do Rio Negro, por crimes que haviam commettido. Mais tarde, em 1803, chegaram os Mundurucús."

Individuos dessas tribos, então, ali cultivavam o tabaco, o cacao, o guaraná e a mandioca; e, paralelamente, se dedicavam á pesca da tartaruga, do pirarucu e do peixe-boi, as duas espécies de maior porte e mais frequente contribuição á dieta de colonos e nativos.

Municipio não menos importante é o de Maués, porém suas terras participam mais dos aspectos do planalto do Tapajós do que, propriamente, do Amazonas e do Madeira. Antiga missão dirigida por frei José Alves das Chagas, assim que foi ganhando vulto de povoação, os sertanistas Luis Pereira da Cruz e José

Rodrigues, em 1789, lhe deram o nome de Luzéa. Martius, entretanto, nos informa que a antiga missão era chamada pelos indios Uacituba. Só em 1865 foi elevada á vila e recebeu o nome de Maués, que até hoje conserva.

A Maués foi dado o nome de Mundurucânia, região, historicamente famosa, na expressão de Araujo Lima, *que a geografia dos meados do século XIX* assim entendeu batisar.

E continua o mesmo autor: "Essa formosa região abrange grande parte daquella que constitue o ultimo reducto dos amazonenses em face da absorpção nordestina: é o Amazonas que restou aos seus filhos."

E mais: "Ali, na projecção daquele systema liquido de vias de comunicação que têm o Canuman ou Urariá por espinhaço, a traçar á feição de uma coluna liquida mestra, esse esplendido canal que liga o Madeira ao Amazonas; ergue-se ali, sem ritos nem cerimonias externas, um culto á tradição e ao progresso. É o pedaço de terra amazonica que fallará sempre á alma nativa, como um cantico de vida colonial, para ensinar áquella gente que sua terra tem historia."

Da região que medeia entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira, diz Henri Coudreau, entretanto: "Apezar de não ser senão um longo vale húmido e quente, o Tapajós inferior comporta um pitoresco que sem dúvida foi extranho ao estabelecimento do grande numero de povoações que se sucedeu sobre as suas margens. Desde o principio a margem direita se alteia, exibindo uma série de colinas que continuam as de Santarem."

E ainda mais êste conceito incisivo: "É mister saber adaptar-se aos fatos aí onde a natureza plantou um sistema de montanhas e planaltos, será mais facil abrir caminho para a locomotiva que para o navio.

Sobretudo, considerando que êsses planaltos acidentados apresentam, em boa parte do seu percurso, campos-prados de qualidade boa ou mediocre, ai existentes como que para indicar a linha natural de penetração transcontinental ao baixo Xingu, á Bolivia e ao Chile."

Henri Coudreau, como Araujo Lima, celebrou o caráter e a inteligência dos povos, que habitam essa faixa de terra entre o Tapajós, o Amazonas e o Madeira. Devemos a êle, também, vocabulários dos dialectos Maué e Apiacá.

O desenvolvimento atingido, nestes últimos decênios, pelos municipios amazonenses de Parintins e de Maués (entre êstes cabendo um lugar ao de Barreirinha), no que diz respeito ao plantio do guaraná, á extração do pau-rosa e á juticultura, demonstra que Coudreau e Araujo Lima equacionaram, de modo admiravel, não só os problemas da terra como os do homem, na antevisão segura do seu destino.

(2) As chamadas *terras pretas* têm grande importância para a arqueologia e a etnologia, pois nelas fundavam os indios da Amazônia, geralmente, as suas lavouras, dados os elementos que entravam na sua estrutura, sendo ali encontrados, frequentemente, fragmentos da cerâmica e ruinas das suas habitações.

Estudando a natureza do solo onde se planta, preferentemente, o guaraná, o agrônomo Frederico Schmidt afirma que "os terrenos de Maués e municipios limitrofes pertencem á era terciária (periodo cenozóico)."

Predominam os solos silico-argilosos, suficientemente permeaveis e profundos. A variegada coloração que apresentam indica a presença de concreções ferruginosas. Quanto á classificação botânica do guaraná de-

vemos a Adolfo Ducke o haver estabelecido a distinção entre o do Rio Negro e do Orenoco e o da terra dos indios Maués e Mandurucus.

O guaraná do rio Negro e do Orenoco é o *Paullinia cupana* Hub. Bon. Kunt; o do municipio de Maués e terras limitrofes é o *Paullinia cupana var. Sorbilis* (Mart.) Ducke.

Antes dessa distinção cientifica, feita por Adolfo Ducke, já o grande naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, em sua *Viagem Philosophica* pelo vale do Rio Negro, apontara uma outra diferença não menos importante: a do produto fabricado pelos indios do Rio Negro e o fabricado pelos indios Maués, exaltando as qualidades e valor comercial deste último.

Estando, há quatro anos passados, em Marabitanas, ainda pudemos ver um dos últimos pés de guaranázeiro, dentre quatro que o botânico Ricardo Fróes, do Instituto Agronômico do Norte, levou para êsse estabelecimento cientifico.

Mas é de justiça salientar-se que os indios Maués, com anterioridade impressionante, já haviam fixado, numa das suas lendas — HISTÓRIA DO GUARANÁ, que aparece neste trabalho — essa diferença, visto que chamavam *uaraná-cecé* ao guaraná verdadeiro ou *Paullinia cupana var. Sorbilis e uaraná-êp* ou guaraná falso ao *Paullinia cupana* Hum. Bon. Kunt. O Consorcio do Guaraná, com séde na cidade de Maués, é o maior comprador de tôda a safra anual da região, incluindo-se o resultado do trabalho dos indios.

(3) O fenomeno politico-social da Cabanagem — que ainda não teve um historiador á altura da sua significação — envolveu não só o caboclo mas o próprio indigena nos seus aspectos sangrentos.

E isso pode ser evidenciado lendo-se Baena, Bertino de Miranda Lima, Araujo Lima, Arthur Cezar

Ferreira Reis, Ernesto Cruz, Anisio Jabim e Jorge Hurly.

No Amazonas encontraram os Cabanos bronzea cortina humana ás suas proezas, erguida pelos legalistas sob a direção de Ambrozio Bararoá, Pedro Sanchez de Britto, João Valente do Couto e José Coelho de Miranda Leão. E indios foram aliciados, para essa reação, entre os das tribos Maués e Mundurucus.

Não é menos exato, contudo, que os Cabanos também engrossaram suas tropas de guerrilhas com gente de idêntica procedência.

Segundo lemos, por exemplo, em Antonio C. R. Bittencourt, "Os revoltosos do Pará, ao que parece, não tocavam em Parintins, pelo Amazonas. Pelo menos não encontramos documento algum que a isso se refira.

Acometteram a povoação, vindos do Andirá, conduzidos pelos director dos indios, *indio também de nome Chrispim Leão.* Os habitantes de Tupinambarana foram obrigados a fugir para Obidos e para outros logares."

O mesmo autor, recorrendo ao Conego F. Bernardino de Souza, como nós o fizemos, poude dar-nos em sua preciosa MEMÓRIA do MUNICIPIO de PARINTINS um retrato, naturalmente exagerado, da figura do rebelde Chrispim Leão e da sua colaboração aos Cabanos.

A verdade é que, ainda não havendo sido escrita a HISTÓRIA da CABANAGEM, dificil será apreender-se a importância do Indio, quer como colaboracionista dos rebeldes, quer como colaboracionista dos legalistas.

Porque também nem sempre poderemos defrontar sem paixão aquela alma popular, humilhada e revol-

tada, que um ideal de liberdade humana e uma alucinada exaltação nativista levantaram contra o dominio português na Amazônia.

(4) Devemos a Karl Fred. Ph. Von Martius um pequeno vocabulário da lingua Maué e uma relação das hordas ou clãs que damos á página 65 da presente obra. Martius escreve *Jurupari-pereira, Pirá-pereira* em vez de *Jurupari-pirera* (pele de Jurapari) e *Pirá-pirera* (pele de peixe), começando, desde aí a confusão da lingua Maué, na obra do mesmo sabio.

Êle não nos aponta qual desses clãs ou hordas era o mais importante, dentro da estrutura social, religiosa e econômica dos Maués.

Coube-nos, por isso, interpelar um dos nossos companheiros na viagem ás cabeceiras do Araticúm — o indio Cirilo, certo um dos mais inteligentes e autorizados informantes a que recorremos.

Enumerou-nos êle, primeiramente, os clãs que damos á página 65, esclarecendo que o de nome *Assay* procedia da palmeira de cujos frutos se fabrica um precioso vinho, rico em vitaminas; que o clã *Uaranan* procedia da planta denominada guaraná, de cujos frutos se fabrica o *çapó* ou uma bebida nacional, mais rica em diversos principios estimulantes e nutritivos que o assay ou outra qualquer, porque, também, tem virtudes ou "forças" mágicas; que o clã *Napu-uá-nian* procedia de um pompilideo ou caba indigena, que se assanha facilmente e cuja ferroada é bastante dolorida; que o clã *Acorêriua* procedia da cotia, um roedor eminentemente frugivoro, cuja carne é bastante apreciada; que o clã *Ainturia* de um cuculideo — o *anum-coroca;* que o clã *Huiria* procedia do gavião; que o clã Çaterê

procedia do BICHO, não querendo nomea-lo, quando exigi mais esclarecimentos, por lhe ser proibido faze-lo

E êsse clã *Çaterê* é o mais importante de todos. Tanto assim que todos os tuxauas eram escolhidos a rigor, segundo a tradição, dentre os individuos que a êle pertenciam, porque são nobres e valentes.

Os demais clãs estavam sob a influência econômica, social e religiosa do clã *Çaterê*.

Na genealogia dos individuos desse clã está um heroe de cultura — UAÇIRIPÓT — senhor do PORANTIN ou REMO MÁGICO, grande legislador e pagé da tribo — e outra figura, embora moderna: a de Miguel Antonio Ferreira, grande chefe da tribo, cuja memória ainda hoje é venerada. O Tenente Manoel Francisco — já hoje falecido como o tuxaua Antonico e que nos acompanhou na viagem ao Araticum, — era do clã *Çaterê*. E Cirilo, indicado como substituto do então tuxaua, também era do clã Çaterê.

Os avós de Cirilo, do clã *Çaterê* como nos salientou, também êles, tinham nomes de aves da região: NHUGAN ou tucano, URIRI-UATÓ ou inhambú, URÉ ou jacamin, ANUN-HIT ou arara azul, UCURUÁ ou uru-mutum, MEUINI-BÓ ou jacu. Desses clãs não existem hoje, segundo o S. P. I., mais de 1.200 individuos, sem se incluir nesse total os do rio Maué-assu.

(5) Diz, textualmente, William Chandless: "Except on the Guaranatuba (an eastern affluent of the Maué-Assu) where the Maués live, the indians of all these rivers are Mundurucus, a tribe so wel known and so often written of that I need say little about them."

(6) Nas suas considerações sôbre a cerâmica dos indios da Tapajonia, escreve Frederico Barata. "Do pouco que se sabe hoje dos Tapajó, uma coisa é certa: eles não enterravam os seus mortos em urnas fune-

rárias. Moiam-lhes os ossos, para adicioná-los ás bebidas que serviam em vasilhame de barro."

Essa prática de moer os ossos dos seus mortos e os misturar às suas bebidas, teria levado outros indios a fazer o mesmo com os ossos de animais, como o fomos encontrar entre os Macus do Rio Negro, no Estado do Amazonas.

Aquela prática, entretanto, não teria a dupla expressão que, para os Macus e outros selvicolas, tem a de, associando ossos moidos ás bebidas e alimentos, homenajear os seus totens e os seus heroes e assegurar certa porção de cálcio que nem sempre encontram nos produtos da terra que habitam?

(7) Em 1921 quando, pela primeira vez, visitamos o dedalo de lagos da região dos Autazes, no municipio de Itacoatiara, o S. P. I. ainda não tinha ali nenhuma influência sôbre os indios Muras — errantes sempre nas suas pescarias e caçadas, sendo estas das mais primitivas, ás vezes, pois se servem de cacetes e de fogo. Raros representantes dessa tribo viviam em São José do Amatari e uma familia apenas fomos encontrar, em 1937, no rio Urubú, proximo ao furo do Arauató. O S. P. I., atualmente, ali possui um Posto Indigena, em condições idênticas à dos demais que conhecemos.

(8) Ao invés do osso ioide ou lingua do peixe conhecido pelo nome vulgar de pirarucu, servem-se os indios Maués de uma pedra, da largura da palma de u'a mão, com as caracteristicas de arenito. Os grãos cristalinos dessa pedra, no atrito com *bolas* e *pães* de guaraná, mergulhados nágua, por ocasião do preparo do *çapó*, permite que se obtenha um fino pó desse produto.

Essa pedra é conhecida pela denominação de *ué-y*, como se lê na lenda *A Origem dos Bichos*, á página 116 da presente obra.

(9) O remo usado atualmente pelos indios Maués é o que Wilhelm Schmidt chama *remo de pá redonda* (ou oval) Sua área de distribuição pode ser vista na carta n.º 3, da obra ETHNOLOGIA SUL-AMERICANA do autor ora citado; e na carta que se refere á distribuição das diferentes formas de remo na America do Sul, da autoria de E. Nordenskiöld, estampada em LA AMERICA INDIGENA, de L. Pericot.

(10) Os animais da mitologia indigena estão sujeitos ás mesmas funções fisiologicas comuns á mulher ou comuns ao homem.

Assim, na LENDA DO TIMBÓ E DA PRIMEIRA ÁGUA (página 94) a onça *gravida*, tendo pulado nagua onde haviam batido timbó, anulou a acção desse vegetal ictiotoxico. E daí haver sido castigada por Icuaman, que lhe *tirou a sombra*, isto é, que a matou.

(11) O padre Wilhelm Schmidt, em ETHNOLOGIA SUL-AMERICANA (nota n.º 7400), faz referências a "V A 33490 *remos para homens;* V A 33491 *remos para meninos;* V A 33492 *remos para mulher.*

Essa distinção é encontrada entre os indios Maués e noutras tribos do Amazonas. E alguns desses remos, arcos e flechas, têm poder mágico, poder que não escapa mesmo á mentalidade de uma criança.

Assim, no Araticum, dizia-nos um menino, com orgulho, haver abatido um mamão graças á força mágica das suas flechinhas e do seu arco.

(12) Além dos *morceaux du roi* já referidos, os indios Maués apreciam bastante, igualmente, os que lhes oferecem os macacos parauacú ou *uáquêi-uató* e o *cuçiú* ou cuxiú. Não comem, porém, o macaco prego.

Da anta apreciam as costelas e a péle da barriga, A carne moqueada da anta é muito gostosa, sendo considerada (como a mixira do peixe-boi para os indios e caboclos de outras regiões da Amazônia) um alimento de poupança, altamente nutritivo. A carne dos chamados porcos-do-mato, principalmente o caitetú, é muito apreciada; tôdas as peças desse animal são devoradas sem predileção especial, como as dos pequenos roedores, — as pacas e as cotias.

Das aves, de que são riquissimas as matas do Andirá, do Araticum e do Maué-Assú, os indios Maués comem o inhambú-assú ou *uriri-uató,* assando-lhe e cosinhando-lhe a carne. O inhambú peua ou *uririhy,* como o inhambú relogio ou *uanhôri* e o inhambú preto ou *uãeuaé-hôriru,* é petisco valioso. E o mesmo podemos dizer das aves seguintes: cojubim-morê (assada); mutum (cosido ou assado) tendo-se o cuidado de não atirar aos cães o encontro das azas ou ponto de articulação do rádio e do cúbito, porque acreditam que os predispõem á raiva ou á rabugem, matando-os; pato ou *êpecá* (cosido ou assado); marreca ou *êpecá-hin* (cosida ou assada).

Antes de comerem o *marau* passam-lhe o corpo entre chamas, para *tirar a pimenta,* dizem, isto é, uma secreção venenosa ou simplesmente irritante, que a péle desse batráquio exsuda.

(13) O tarubá é uma bebida feita com um dos mais apreciados beijús indijenas: o beijú-assú, que dissolvem nágua e deixam fermentar, em vazilha de barro,

durante alguns dias. Juntam-lhe alguns indios pedaços de cascas de plantas odoriferas, discretamente, para lhe comunicar alguma ação mágica. Acreditamos, porém, que o alto poder de embebedar do tarubá não será exclusivamente dele e desses fragmentos das suas plantas, mas sim da associação ou da mistura deste com o paricá, com fumo e a aguardente de cana. Estupefacientes seriam, em geral, apreciados nas festas nacionais, sociais e religiosas dos indios Maués.

(14) Barbosa Rodrigues, na citação que aqui fazemos, se refere ao cachiry, outra bebida enebriante. Há várias espécies de cachiris, sendo as mais apreciadas, como bem o notou Stradelli, aquelas preparadas com "qualquer espécie de fécula, mas, de preferência, de farinha de mandioca, cozida antes em beijú e desmanchada em água fria."

Os cachiris de frutas — abacaxi, genipapo, popunha, taperebá, tucuman — pedem outra técnica e a êles se associam mel e garapa. A coloração, rosea ou roxa, dessa bebida, se obtem associando-lhes cará (uma *discoreácea*) cosido previamente.

(15) A crença nas propriedades terapeûticas ou mágicas do sexo e das secreções da mulher, *della vagina dele membre sue*, como o diria Dante, está espalhada entre todos os povos da terra, sejam êles civilisados ou bárbaros. Desse modo, para a ferrada de qualquer animal peçonhento — raia, lacráu, centopeia, caba ou marimbondo — recorrem os indios prestamente e confiantemente, acreditando que as secreções (e mesmo a urina e o liquido catamenial) podem atenuar, anular ou exacerbar a ação deste ou daquele veneno ou maleficio.

No caso a que se refere Barbosa Rodrigues, só podemos admitir que a ação curativa ou atenuante das dôres, produzidas pela formiga tocandira *Dinoponera grandis,* resulta das sensações do próprio coito e não das secreções íntimas da mulher.

Nas práticas de enfeitiçamento ou feitiço, para que um homem se prenda indissoluvelmente a uma mulher, costumam dar-lhe a beber, em café, chá ou água, um pouco dessas secreções escatologicas, em cujas virtudes Madame Sevigné acreditava, segundo bem o referiu Mario de Andrade. Praticas, dessa natureza, são frequentes não só nos harens marroquinos como em certas classes sociais do Brasil indigena e mesmo civilizado.

(16) O indio maué, de nome Cirilo, que nos deu informações relativas ás nações ou aos clãs da sua tribo, frisou que "todos os tuchauas eram escolhidos, rigorosamente, dentre a nação ÇATERÊ, dando-nos a entender que eram, além de valentes, nobres."

Barbosa Rodrigues não teve a oportunidade que se nos ofereceu de verificar êsse aspecto das normas sociais dos Maués.

(17) Os caçadores Maués utilisam pios para atrair as aves e os quadrupedes, como a anta, que desejam abater. E fazem um apelo original, também, servindo-se das folhas de uma bromeliácea (*ananarana* ou *caroá*), que passam, de través, atritando-a, sôbre a lamina do terçado.

(18) A introdução da *diamba, dirijo ou maconha,* entre os indios Maués, se fez, seguramente, no contato que os negros-escravos com êles estabeleceram, no inicio do povoamento da Amazônia.

No litoral paraense e até nos rios Purús e Solimões, pescadores e lavradores, adquiriram esse vicio, fumando fôlhas de diamba *Cannabis sativa* var. *indica* L., isoladamente, ou associadas ao tabaco, em cigarros grosseiros, que passam de boca em boca. Plantações regulares de diamba são encontradas nos campos bragantinos e nos barrancos dos rios do Amazonas, aqui citados, principalmente onde há descendentes de negros escravos. Os *viradores de terra,* na zona bragantina, são vitimas desse vicio.

(19) O conjunto de histórias, de lendas, de tradições que aqui apresentamos se denomina em lingua Maué — CEHALPÓRI. Alguns dos símbolos que o PORANTIN ou REMO MÁGICO nos mostra são representações mnemônicas dessas e de outras lendas, tradições e histórias que não podemos recolher totalmente.

Algumas são nitidamente originais, mas outras procedem de certas fontes comuns á imaginação, á experiência, á mística dos tupis.

A história da Mucura e do Bacurau é uma delas. Barbosa Rodrigues já a incluira na sua PORANDUBA AMAZONENSE e nós fomos encontrar variantes, certamente mais pitorescas e movimentadas, entre os Parintintins de Tres Casas, no Rio Madeira.

A HISTÓRIA DO GUARANÁ foi divulgada em inglês e em castelhano, nas traduções que lhe dedicaram, respectivamente, Armando Lemos, um *scholar* que á sua mentalidade de engenheiro alia opulenta cultura clássica, e Samuel Torres Videla, publicista e diplomata, natural do Peru, ambos profundamente interessados por todos os aspectos culturais da Amazônia Brasileira.

A escritora norte-americana Alice Roger Haag inseriu essa história na obra que publicou ao fim de suas viagens aéreas pelo Brasil.

Essa história se contrapõe, pelas fontes a que recorremos e pela simplicidade da narrativa, á versão divulgada pelo Prof. Roquette Pinto.

A ORIGEM da NOITE tem os elementos essenciais da versão tupi conhecida graças a outros pesquisadores, mas os Maués a enriqueceram dando-nos, através da sua fabulação, uma explicação original para a distribuição dos diversos venenos que as cobras possuem.

(20) Para o conhecimento da lingua Maué, quem quer que a deseje estudar, precisa recorrer aos vocabulários organisados por Carlos Frederik Hartt, Frederic Katzer, Henri Coudreau, Koch Grünberg e Curt Nimuendaju.

Um estudo comparativo desses vocabulários logo nos dará a entender que, de permeio com os elementos caracteristicos da verdadeira lingua Maué, abundam os da lingua geral ou Nheengatú.

Desejariamos dar á estampa, com o presente trabalho, um estudo comparativo desses vocabulários, mas o formato das obras incluidas na COLEÇÃO REX não comportaria um quadro nas proporções do que se faz necessário organizar. Limitamo-nos, por essa razão, a confrontar o vocabulário por nós levantado e o que devemos a Curt Nimuendaju, isto é, aquele que levantou, em maio de 1922, no Posto Indigena do Maicy (rio Madeira, Estado do Amazonas), com o indio Antonio Ferreira Lima do Rio Maué-Assú.

Lamentavel foi não podermos transcrever todo o vocabulário com os sinais diacriticos por êle creados e fóra das conhecidas leis que os estabeleceram. A

conselho do próprio Curt Nimuendaju nunca nos empenhamos na aplicação desses sinais, limitando-nos a imitar Vieira, quando punha o ouvido á boca do indigena, para lhe captar as palavras e transmitir-lhes os sons, sem artificios bisantinos ou regras torturadamente engendradas. Frederico Hartt, apontando as vogais *a, e, i, o, u,* do Tupi, refere-se à pronuncia gutural de *jg,* água, e diz que o som "ocorre no Mundurucus e no Mauhé", como o *ch* do *Ich* e do *Buch,* da lingua alemã.

(21) É de absoluto interêsse, para um estudo completo dos Maués, o conhecimento do trabalho de CURT NIMUENDAJU intitulado *Notizen Uber Die Maué,* com indicações para consulta de tópicos da *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro* e das *FALAS* dos Presidentes da Província do Amazonas. Nos Arquivos Públicos do Pará e do Amazonas existem preciosos códices que, também, precisam ser consultados, visto ocorrerem nêles numerosos dados sôbre os Maués no Regime Colonial e no Regime Provincial, igualmente, tanto no Tapajós, como nos rios Trombeta e Negro.

(22) A exemplo de vários pesquisadores, durante largo tempo, teimamos em não aceitar algumas, das mais abalisadas, sugestões e regras acerca da pluralização dos gentílicos, escrevendo: *os Parintintin, os Maué,* em vez de Parintintins e Maués.

Acompanhamos, sem maior exâme, a atitude de Curt Nimuendaju, certo a maior autoridade em assuntos de etnologia que respeitavamos no Brasil.

Em vão lemos e relemos, entre as explicações finais de J. Capistrano de Abreu, em A LINGUA DOS CAXINAUÁS, a que se refere ás razões que levaram os nossos

avós a atribuir genero e número ás denominações indigenas encontradas, entre nós, desde os primeiros dias do Brasil Colônia. Com o seu admiravel bom humor, escrevia o grande historiador: "Não se abriu excepção para nome de tribus e deu-se até no Brasil o facto de, depois de acrescentar *s* para indicar plural, considerar o termo como singular e modifical-o de novo: ainda hoje diz-se Goyanazes, Goytacazes, já se disse Tupinambazes e ainda se compram, vendem, exportam e comem ananases. Para os sabios ribeirinhos do Rheno e do Danubio isto é *l' abomination de la désolation.*"

Ora Curt Nimuendaju era alemão.

Mas, lendo e meditando quanto a respeito escreveu Frederico C. Edelweiss em A SUPOSTA INVARIABILIDADE dos GENTILICOS, — dada a profundeza do seu estudo e a logica da sua argumentação — forçoso foi reconhecer que não nos cabia continuar teimosamente no erro.

O quadro *confuso que os simplificadores de escol apresentam,* na expressão de Frederico Edelweiss, nos apontou o novo rumo a seguir: dai referirmo-nos agora aos *Maués,* e não aos Maué, como outros escreverão os Timbira ou os Tapajó.

De fato, *a forma única dos etnónimos é indefensavel no português, ainda quando perpretada por elementos do nosso ensino superior.*

Voltamos as costas a êsses simplificadores e ficamos com Frederico Edelweiss, dada a autoridade que lhe reconhecemos em matéria linguistica.

BIBLIOGRAFIA

AGNELLO BITTENCOURT — *Geografia do Estado do Amazonas.*

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA — *Viagem Philosophica.*

ALFREDO LADISLAU MONTEIRO BAENA — *Ensaio de Chorographia da Provincia do Pará.*

ALFRED METRÉAUX — *La Civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani.*

— *La Réligion des Tupinambá.*

— *Contribution à l'étude de l'archeologie du cours superieur et moyen de l'Amazon.*

ALICE ROGERS HAAG — *Frontier by Air.*

ANTONIO C. R. BITTENCOURT — *Memória do Municipio de Parintins.*

ANISIO JOBIM — *Aspectos Socio-Geograficos do Amazonas.*

ARAUJO LIMA — *Amazônia-A Terra e o Homem.*

ARTUR CEZAR FERREIRA REIS — *História do Amazonas.*

— *A Conquista Espiritual do Amazonas.*

BARÃO DE MARAJÓ — *Regiões Amazônicas.*

BARÃO DE SANTANA NERY — *Au pays des Amazonas.*

CAETANO CABRAL — *O Guaraná.*

CONEGO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA — *Lembranças e Curiosidades do Valle do Amazonas.*
— *Comissão do Madeira, Pará e Amazonas.*
COUTO DE MAGALHÃES — *O Selvagem*
CURT NIMUENDAJU — *The Maué and Arapium.*
— *Zur Sprache der Maué Indianer.*
— *The Cawahib, Parintintin and their neighbours.*
DONALD HORTON — *The Mundurucu.*
ELMANO STRADELLI — *Vocabulário Nheengatú-Português* etc.
FRANCIS CASTELNEAU — *Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud.*
FRANCISCO XAVIER RIBEIRO SAMPAIO — *Diario da viagem de visita e correição realisada em 1774 e 1775 pelo Ouvidor e Intendente Geral.*
FRANZ KELLER — *The Amazons and Madeira Rivers.*
FREDERICO SCHMIDT — *O Guaraná.*
FREDERICO EDELWEISS — *A Suposta Invariabilidade dos Gentilicos.*
FREDERICO BARATA — *A Arte Oleira dos Tapajó.*
FREDERIK HARTT — *Notas sobre a Lingua Geral ou Tupi Moderno do Amazonas.*
GEORGE MONTANDON — *Traité d'Ethnologie Culturelle.*
HELEN C. PALMATARY — *Tapajós Pottery.*
HENRI COUDREAU — *Voyage au Tapajós.*
HENRIQUE A. SANTA ROSA — *Historia do Rio Amazonas.*
JOÃO BETTENDORFF — *Cronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus.*
JOÃO BARBOSA RODRIGUES — *Viagem ao Tapajós.*
— *A Emancipação dos Maués.*
— *Poranduba Amazonense.*

JOÃO CAPISTRANO DE ABREU — *A Lingua dos Caxinauás.*

JOSÉ VERISSIMO — *Scenas da Vida Amazonica.*

J. C. STRÖMER — *Die Indianer Mission am Cururu.*

KARL FRED. PH. VON MARTIUS — *Reise in Brasilien.*

— *Beitrâge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasilien.*

L. PÉRICOT — *La America Indigena.*

LOURENÇO DA SILVA ARAUJO AMAZONAS — *Diccionario Topographico, Historico, Descritivo da Comarca do Amazonas.*

MARIO DE ANDRADE — *Namoro com a Medicina.*

NUNES PEREIRA — *O uso do Paricá e da Coca entre os Mura.*

— *Bahira e suas Experiências.*

ROQUETTE PINTO — *Ethnografia Indigena.*

RUTH BENEDICT — *El Hombre y la Cultura.*

SERAFIM LEITE — *Historia da Companhia de Jesus.*

TH. KOCH GRÜNBERG — *Die Apiaká Indianer.*

— *Vocabulario Português e Maué.*

W. CHANDLESS — *Notes on the Rivers Maué-Assu, Abacaxis and Canumá.*

— *Notes on the Rivers Arinos, Juruena and Tapajós.*

WILHELM SCHMIDT — *Ethnologia Sul-Americana.*

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7
Território 11
Nome 15
Vizinhos 16
História 32
Aspectos gerais da cultura dos indios Maués 38
Habitação 39
Meios de locomoção 40
Lavoura: Roças e plantio do guaraná 41
Caça e Pesca 43
Trabalho 45
Alimentação 46
Nascimento 47
Puberdade ..... "
Morte 55
Festas 56
Casamento 63
Totemismo 65
Depravação ..... "
Arte plumária-Espartaria-Escultura 66
Bebidas e entorpecentes 67
Lingua 69
Pagés 70
Religião 74
Medicina 75
Comércio 76
O porantin ou remo mágico ..... "
Lendas e tradições: ..... 87 - 88
Origem da Noite 89
História da Pedra ou da Aliança entre os Maués 92
A Criação do Mundo 93
Lenda do Timbó e da Primeira Agua 94
História da Mandioca 101
História da Mucura e do Acurau 110
Origem dos Bichos 116
História do Guaraná 120
Vocabulário Comparativo da lingua Maué por Nunes Pereira e Curt Nimuendaju ..... 127 - 128
Vocabulário coligido por Teofilo Tiuba ..... 143 - 144
NOTAS ..... 151 - 152

ÍNDICE DAS FOTOGRAFIAS

entre págs.

Foto I — Panorama da região 12/13
" II — Urna funerária 18/19
" III — Mestiço Maué empunhando mãos de pilão 46/47
" IV — Três tipos de çarys ou luvas ... 50/51
" V — Enterro de uma criança Maué .. 54/55
" VI — Teofilo Tiuba e um musico popular 56/57
" VII — Um pagé Maué e seu ajudante 70/71
" VIII — Tambor para a Festa do Divino 74/75
" IX — O autor e o tuchaua Manuel Francisco 76/77

ÍNDICE DAS PRANCHAS

Prancha I — Planta de uma casa Maué .. 40/41
" II — Armas para caça e utensilios para pesca 44/45
" III — Cestos, etc. 44/45
" IV — " " 44/45
" V — Tipiti, peneira, jamaxi, etc. 44/45
" VI — Uma rêde maué, etc. 66/67
" VII — O Porantin ou Remo Mágico 78/79

★

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., À RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO, PARA A *"ORGANIZAÇÃO SIMÕES"* — RIO, EM 1954.

★

Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS
https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM